

dois textos místicos

maria de lourdes
nunes ramalho

diógenes
maciel (org.)



Universidade Estadual da Paraíba

Prof^ª. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^ª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (UEPB)

Diretor

Conselho Editorial

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

Jordeana Davi Pereira (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

José Tavares de Sousa (UEPB)

Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ) Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPB) Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Carlos Henrique Salvino Gadêlha Meneses (UEPB) Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN) Juliana Magalhães Neuwander (UFR)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP) Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)

Diego Duquelsky (UBA) Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN) Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB) Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Germano Ramalho (UEPB) Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Glauber Salomão Leite (UEPB) Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sops de Mello Bandeira (IPCA/PT) Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

dois textos místicos

maria de lourdes nunes ramalho
diógenes maciel (org.)

 eduepb

Campina Grande - PB
2021



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes | *Design Gráfico e Editoração*

Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*

Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*

Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*

Danielle Correia Gomes | *Divulgação*

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

-
- R165d Ramalho, Maria de Lourdes Nunes (1920-2019).
Dois textos místicos. / Maria de Lourdes Nunes Ramalho; organização e notas Diógenes Maciel. Campina Grande: EDUEPB, 2021. 2500kb; 191 p. (Col. Obras teatrais de Lourdes Ramalho; 2)
"Coleção Obras teatrais de Lourdes Ramalho
Conteúdo: Volume 1: Chã dos esquecidos; Volume 2: Dois textos místicos
- ISBN: 978-65-87171-15-9 (E-book)
ISBN: 978-65-87171-16-6 (Impresso)
1. Teatro brasileiro. 2. Literatura paraibana. 3. Literatura brasileira. I. Título. II. Coleção Obras teatrais de Lourdes Ramalho. III. Maciel, Diógenes (Organização e notas).
1. ed. CDD B869.92

Ficha catalográfica elaborada por Heliane Maria Idalino Silva – CRB-15ª/368

Copyright © 2021 Herdeiros de Lourdes Ramalho

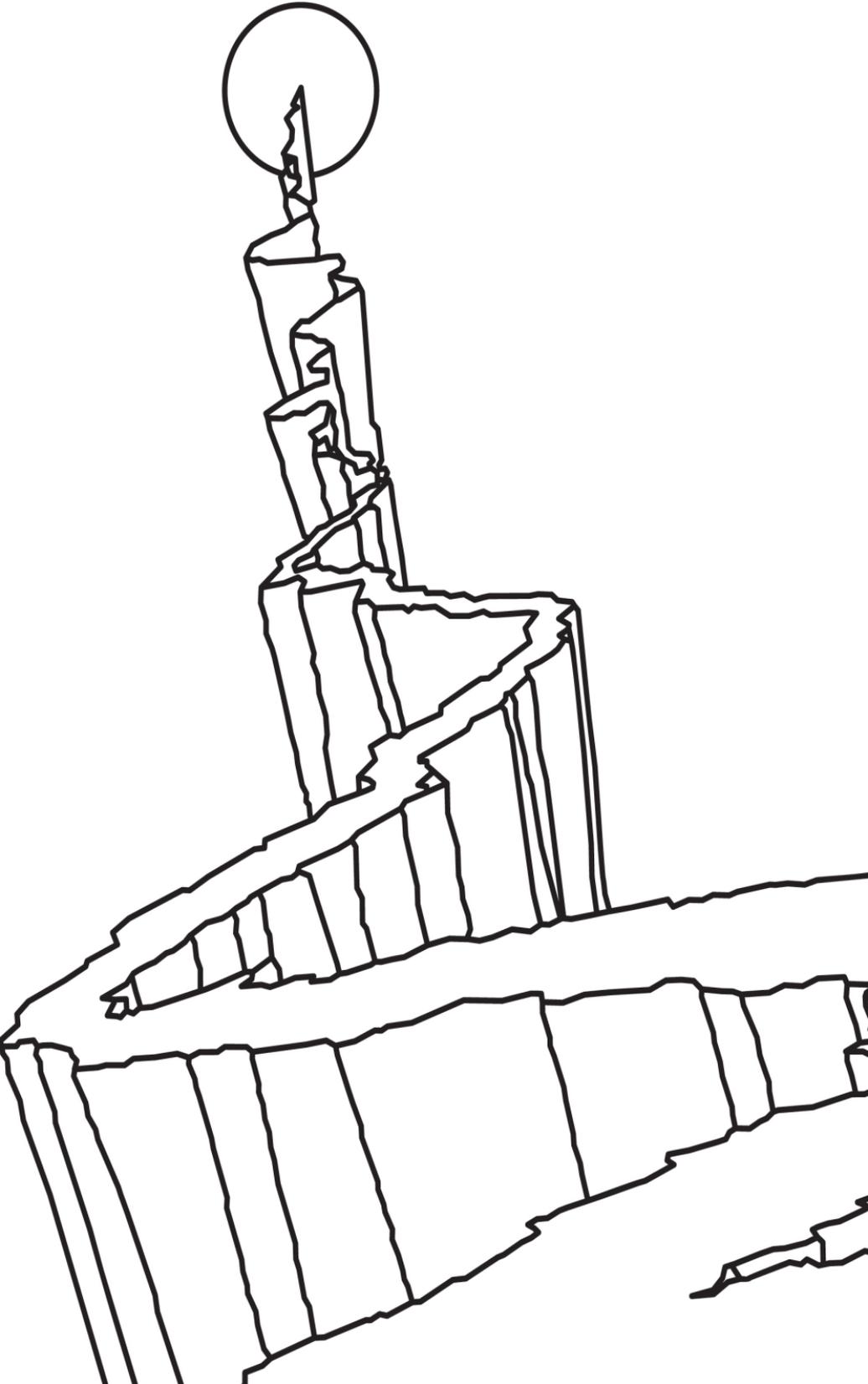
Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Este livro só foi publicado graças ao Prêmio de Literatura (Edital 04/2020, da Secretaria de Cultura/Prefeitura Municipal de Campina Grande) financiado com recursos da Lei Federal 14.017/2020 – Lei Aldir Blanc, no contexto emergencial da pandemia do COVID-19.

sumário

- 09 **apresentação**
novas veredas da
dramaturgia ramalhiana
- 25 **o arco-íris**
[ou: muito além do arco-íris]
1978
- 105 **o reino de preste joão**
1993
- 183 **sobre a dramaturga**
- 187 **sobre o organizador**
- 189 **bibliografia mínima**
(para entender a obra de Lourdes
Ramalho)



APRESENTAÇÃO

novas veredas da dramaturgia ramalhiana

O mito é o nada que é tudo

F.P.

A tarefa de apresentar ao público-leitor dois textos da lavra ramalhiana, inéditos em livro, é um misto de imensa responsabilidade e incomensurável orgulho.

Desde que me dediquei à tarefa de pesquisar a dramaturgia de Lourdes Ramalho, em suas relações produtivas com a cena teatral paraibana, especialmente a de Campina Grande, tenho quase sempre lidado com aquelas peças cujas vinculações às tendências identificadas como *regionalistas*, no âmbito temático-formal, são bastante evidentes. Todavia, há um outro conjunto de textos dessa autora que ainda merece ser devidamente (re)conhecido e investigado, principalmente se for possível construir uma ponte entre os interesses de suas pesquisas e vivências referentes às práticas esotéricas e místicas – as quais, posteriormente, acabarão levando-a aos estudos da Cabala judaica, das raízes sefarditas do Nordeste brasileiro e de genealogia.

Nascida em uma família bem pouco ortodoxa em termos de formação cultural, plena de poetas e cantadores, voltada às artes em geral e ao teatro em particular, Lourdes Ramalho sempre ouviu de sua avó materna que

ela deveria se dedicar ao entendimento e à preservação das raízes judaicas daquela árvore genealógica. Como hoje sabemos, a família Nunes da Costa remete a judeus sefarditas-ibéricos postos em situação de exílio rumo às terras de Holanda e, depois, do Brasil, quando do período holandês – um périplo marcado pela terrível e macabra perseguição sobre eles perpetrada pelos tribunais da Santa Inquisição. Ao fugir da morte quase certa, esta e outras famílias encontraram no Novo Mundo uma maneira diferente de viver e, assim, ajudaram a inventar o Nordeste. Creio, portanto, que foi esta missão, à guisa de herança familiar, a linha mestra, o fio de Ariadne à disposição do labirinto da existência, sempre conduzindo Lourdes Ramalho a uma incessante busca pelos sentidos ocultos da vida, depois traduzida em uma vivência pouco dogmática da religiosidade e da espiritualidade.

Por isso mesmo, para além da forte tendência *regionalista* de seus primeiros textos, escritos e encenados (como influxo de um movimento interno à própria cena paraibana-campinense e às dinâmicas culturais que a cercavam) entre 1974 e 1977, a saber, *Fogo-Fátuo*, *As Velhas*, *A Feira*, *Os Mal-Amados*; em 1978, foi à lume um texto que, de muitas maneiras, acabou por marcar um ponto de inflexão em sua produção teatral – a saber, a peça *O Arco-Íris*, justamente o texto que abre esta pequena coletânea.

Deslocando a referência espaciotemporal no nível temático, do contemporâneo para o século XVII, em pleno domínio batavo e no cenário da guerra contra Maurício de Nassau, nos limites entre Paraíba e Pernambuco, a dramaturga inaugurou uma abordagem voltada à expressão de sua vivência mística. Estão postos em cena

aspectos dos ensinamentos da Cabala, como também de suas leituras sobre o Hermetismo e a Teosofia, àquela altura revelando um entendimento sobre o reencarnacionismo e sobre a dialética causa/efeito. Tudo isso enfeixava a expressão de um *cristianismo esotérico*, em estreita vinculação com uma forte inspiração rosacruziana, haja visto que, não por acaso, naquele mesmo ano de 1978, ela se tornara a primeira Mestra da AMORC/Antiga e Mística Ordem Rosacruz, em sua seção de Campina Grande.¹

Apesar de montada e estreada, *O Arco-Íris* é uma peça praticamente não comentada quando se trata do conjunto da obra ramalhiana, e o fato de permanecer, até agora, inédita em livro, impossibilitava, a quem quer que fosse, o contato com ela – inclusive para mim. Foi quando comecei a trabalhar na organização do arquivo pessoal da dramaturga, logo após o seu falecimento, que, dentre os datiloscritos ali guardados, acessei dois textos fotocopiados: um chamado *Muito Além do Arco-Íris* e outro intitulado *O Arco-Íris* (com o subtítulo “ou: Muito Além do Arco-Íris”).

Conforme a hipótese com a qual venho trabalhando, o último é resultado de um processo de reescrita, com amplo impacto sobre o desenvolvimento da fábula,

¹ Rosacruz é uma ordem esotérica e iniciática, cujos primórdios remontam, justamente, ao século XVII (quando se passa ação da peça), unindo mito e história pela suposta figura de seu fundador, o monge Christian Rosenkreuz, e pelos manifestos atribuídos ao teólogo Johann Valentin Andreae (publicados entre 1614-1616), quando foi apresentada ao público, em tons gnósticos e alquímicos, essa proposta para uma revolução espiritual. Para maiores detalhes, ver RODRIGUES, A Rosa-Cruz: os primórdios de uma fraternidade esotérica. *Impulso*, Piracicaba, 27 (68), p. 117-128, 2017.

em seus aspectos histórico-contextuais e até mesmo sobre o adensamento da abordagem esotérica e mística, enquanto estratégia de exame crítico da realidade contemporânea ao tempo de sua escrita/estreia. Ao promover o deslocamento do enredo da Europa (no contexto da União Ibérica) para o Brasil (ou seria melhor dizer, para o Nordeste), a dramaturga ambientou a ação no entorno dos conflitos teológicos, políticos, econômicos e sociais daquele Pernambuco holandês em disputa por dois impérios.

Para fixar o texto que se lerá nesta edição, utilizei a versão fotocopiada e guardada no acervo da escritora (aliás, também registrada, segundo seu desejo, junto aos assentamentos da Biblioteca Nacional), em cotejo com outra cópia (parte do processo de censura da peça, aberto quando da proposta de montagem mencionada anteriormente) guardada no Arquivo Nacional, em Brasília-DF. Destaco que, ao lidar com um texto ausente da *cidade editorial*, é necessário garantir que ele não seja visto como um objeto museológico, mas em sua historicidade. Para isso, reafirmo que ele foi escrito para ser encenado (aliás, por um grupo de teatro que estava ligado à Ordem Rosacruz, o Pronaos²) e, assim, visava a recepção de um dado público e de um dado mercado teatral.

² Esta peça estreou, em dezembro de 1978, no Teatro Municipal Severino Cabral (Campina Grande-PB), com produção do Grupo PRONAOs/AMORC e do Grupo Feira/Centro Cultural Paschoal Carlos Magno, sob direção de Hermano José Bezerra. No elenco, estavam Gilmar Albuquerque (Frei Vicente), Alzira Lucena (Irmã Beata), Neusa Barros (Manuela), Walter Mendonça (Lopo), Antônio Nunes (Felipe) e Emilson Formiga (José).

Se aquele horizonte de expectativas estava muito marcado pela emergência da representação da *regionalidade* nordestina, tornada uma convenção com grande adesão do público; ao propor essa ultrapassagem, Lourdes Ramalho arriscou-se e rompeu com a possibilidade de imediata relação com a vida cotidiana, conforme ela vinha exercitando até aquele ano. Mesmo que em outubro de 1978 tenha havido a queda do AI-5, a censura ainda atuava sobre as artes e, talvez, tenha sido a sua ação nefasta que impediu a boa carreira da peça, a qual, sob um véu de misticismo, tratava de um tema perigoso e incômodo àquele contexto: a defesa das divisas nacionais, frente à ameaça estrangeira (em peças escritas nos anos seguintes, a dramaturga criticará imensamente os estrangeirismos estadunidenses de toda sorte), capaz de pôr em perigo a soberania de um povo.

Por meio da ação ambientada em um mosteiro localizado Paraíba e Pernambuco, as personagens tentam modificar o destino de um grupo de noviços rebeldes e em linha de colisão com o poderio batavo – daí, o enredo estar, entre outras coisas, unificado pela busca por um mapa, fazendo eclodir uma percepção clara: aquele que dominasse o justo caminho e que pudesse indicar aos rebeldes a rota de fuga tornar-se-ia uma espécie de redentor, em meio à terrível guerra.

A fábula/história é essa, mas há ainda outros aspectos profundos, como aqueles que apontam para os rescaldos dos conhecimentos de base mística da autora, emoldurando uma discussão sobre a transmigração da alma pela reencarnação que, de acordo com certa visada neoplatônica e de forte acento alquímico, alçaria outras rotas

ao deixar a vida material e física. A morte, afinal, é vista como uma passagem para a liberdade.

Todavia, a historicidade da obra, em face de seu contexto, também é potente, bastando pensar que as personagens jovens da peça, afinal, são uma órfã (Manuela), um agricultor (José), um escravo liberto (Lopo) e um cego (Felipe) – cada um deles com dificuldades imensas de se relacionar e de se inserir na sociedade circundante. Como a ação se desenrola num adro fechado, também temos o Frei e a Irmã, o par de personagens mais velhos, e em conflito: ele, incapaz de andar, não consegue sequer alcançar os alfarrábios para achar o mapa que conhece bem; ela, já cansada de outras fugas, prefere a segurança possível daquelas paredes. Por isso, as concepções místicas expostas pelo Frei aos seus pupilos são bem pouco convencionais e se afastam dos preceitos ortodoxos, tocando uma visada sobre um *cristianismo esotérico*.

Salta aos olhos uma perspectiva muito aguda sobre os acontecimentos dos *anos de chumbo*, na medida em que a dramaturga vai formalizando a estrutura histórica em uma estrutura artística. Sob feição melodramática, o final apenas aparentemente apontaria para uma resolução edificante, quando os jovens se entregam a um sacrifício heroico. Contudo, a revolta de Felipe por não ver as cores do arco-íris; a abnegação de José que, em sendo um pastor, tem desejo de ir ao campo de batalha mas reconhece seu papel na lide com a terra; o ímpeto de Manuela, moça letrada e mestiça (misto do desejo aventureiro dos lusos e da bravura e nomadismo dos indígenas), que não se evade da necessária tomada de posição frente à realidade acachapante que a cerca; e a ambiguidade de Lopo, aquele

jovem preto, marcado pelo desejo de reencontrar as costas da África de onde seus pais foram sequestrados e pelo estigma de *outsider* em meio àquele rebanho – tudo isso vai enfeixando um olhar sobre o heroísmo popular que pululava nas guerrilhas, tanto as do século XVII quanto as daqueles anos difíceis da década de 1970.

Lutar é morrer, mas morrer é libertar-se das amarras do corpo físico, é saltar para dentro de uma outra vida: esse é o resultado de um entendimento complexo travado pela autora, de onde pululam tantas ilações místicas por ela feitas e postas naquele texto através das discussões travadas pelas suas personagens.

Para quem conhece, mesmo que apenas minimamente, a obra ramalhiana, talvez pareça sobremaneira estranha, em meio à sua fatura poética, a remissão àquela temática velada pela forma da parábola. Inclusive, tal estranhamento acabou ficando registrado nas páginas de um jornal local, no qual se declara que a peça a ser apresentada no Teatro Municipal, naquele dezembro de 1978, é fruto de uma “experiência nova” (pois “exterioriza a ideologia mística da autora”) e “fadada a levantar muitas controvérsias”, já que as ideias ali expostas, “ao mesmo tempo, abrem espaço para um pensamento que se é místico, é também visceralmente político”.

Na medida do possível, busquei desvelar o maior número de referências, símbolos e conceitos identificados na investigação dos textos, na medida em que eles iam saltando da página enquanto preparava esta edição. Por isso, quando comecei estas primeiras palavras, falei de desafios, enquanto etapa inerente à atividade mesma de preparar um texto para um leitor que o terá em mãos.

Eu tinha consciência de que, ao fazer isso, eu me dedicava a uma atividade interpretativa – pois assim é que se procede à fixação de um texto inédito no percurso editorial – com o intuito de trazer a público a versão mais precisa e rigorosa possível de *O Arco-Íris* e, também, do segundo texto desta coletânea, *O Reino de Preste João*.

O texto ramalhiano, assim, circula do datiloscrito, presente em seu arquivo desde que fora destinado à construção da cena teatral (quando era apenas para ser visto-ouvido), para tornar-se, neste livro, um texto para ser lido e, espera-se, também visto e ouvido. Por isso, entendo que, para fechar este circuito, acionei procedimentos metodológicos, interpretativos e hermenêuticos, na medida em que cada letra (maiúscula ou minúscula), cada expressão aludida ou ortografia corrigida, cada travessão usado pela dramaturga (como claro sinal de ênfase ou de pausa na elocução) foi revisado e, ao ser “fixado” para esta versão, foi também interpretado. E isto foi executado para que o texto que o leitor poderá acessar não estivesse em desacordo, mas em perspectiva crítica em face da versão da dramaturga, consignada às folhas datiloscritas por ela mesma e que, assim, podem guardar alguma imprecisão vocabular, algum deslize ortográfico ou repetição, o que não desdoura em nada seu labor artístico e a sua enorme erudição.

E se há desafios, há também o orgulho de trabalhar nesta edição, no que se refere à possibilidade de ler estes dois textos e de proporcionar a outros leitores, na medida de todas as possibilidades, o acesso a dadas hipóteses interpretativas que, assim, elucidam e abrem o entendimento daquilo que a dramaturga deixa velado, nas suas

linhas e entrelinhas. Por isso, escrevi notas aos textos. Nelas, assumo uma tentativa de deslindar expressões, interpretar sentidos, elucidar referências históricas e, o mais difícil de tudo, buscar apreender aspectos da Alquimia, da Teosofia, do Hermetismo, do Esoterismo que possam ajudar ao neófito que, como eu, não domine a miríade de leituras e experiências que podem estar ali vazadas. Ao fazer cada nota, me surpreendia mais e mais com a erudição e o conhecimento sistemático de temas tão complexos formalizados pela dramaturga, que, mais uma vez, pode ser reafirmada como uma das grandes intelectuais de seu tempo.

Se a experiência estética dessa leitura mística, enquanto uma cosmovisão, já estava perceptível em *O Arco-Íris*, ela também aparece (arrisco dizer, de modo ainda mais radical) no outro texto, de 1993, *O Reino de Preste João*, também pela primeira vez impresso em livro. Peça ambientada em um lócus onde se interseccionam aspectos da baixa Idade Média lusitana, permeada pelo imaginário dos Cavaleiros Templários e das Cruzadas, esta peça se volta ao diálogo com aspectos do expansionismo marítimo português alicerçado em narrativas sobre os percalços na lide dos trabalhos do mar, mas também em um conagraçamento de mitos, passando do ciclo arturiano à busca pelo reino do Preste João.

Historicamente, foi uma bula papal de 1418 que estabeleceu o expansionismo marítimo como um projeto teológico (enquanto uma nova Cruzada contra os infiéis em terras de África) e político, fincado no lendário sobre as regiões da Ásia e da Etiópia, onde haveria um reino cristão primitivo, cercado da mouraria por todos os lados,

e governado pelo Preste João, cabendo a Portugal o resgate daquele ilustríssimo governante ali encoberto. Esse imaginário se unia também àquele relativo à Ordem dos Cavaleiros Templários, rebatizada como Ordem de Cristo, a qual detinha privilégio no monopólio das navegações lusas, após ser perseguida nos outros territórios europeus e reerguida em Portugal.

É este o entorno referencial da segunda peça ramalhiana, aqui editada, ao qual foi se adicionando boa parcela de discussões místicas e esotéricas para engrossar o caldo que ferve em um verdadeiro cadinho mítico-simbólico capaz de dissipar (ou misturar?) as fronteiras entre o real e o outro lado – perpassando o Paraíso Terrestre, a terra de Agartha e os limites do reino de Preste João, aquele nobre cristão, “descendente dos reis magos e inimigo ferrenho dos mulçumanos”³, buscado pelos lusos desde quando, em 1487, deixaram a Península para achar e dominar aquele rumo terrestre para as Índias, com instruções de Dom João II para que este contato fosse travado.

Também guardado até agora nos arquivos da dramaturgia, este texto foi escrito como parte de um projeto cultural, apresentado à Prefeitura Municipal de Campina Grande, visando ser apresentado como parte das festividades natalinas do ano de 1993. O projeto se propunha como uma oportunidade de formação artística para jovens atores da cidade e também almejava ser uma

³ Cf. MELLO E SOUZA, Laura de. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

pesquisa-ação, cujo resultado seria a estreia de um auto de Natal contemporâneo (tal qual o fora, décadas antes, *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto). Portanto, a nova peça louvaria, pelo diálogo com o mito do Preste João, as tradições messiânicas luso-brasileiras. Esta montagem foi executada, mas só foi apresentada uma única vez, na Catedral de Nossa Senhora da Conceição, em Campina Grande-PB, com encenação de Moncho Rodriguez e participação de um elenco formado por cantores, músicos, atores e atrizes da cidade e de Recife-PE.

Depois, logo no ano seguinte, esta mesma peça foi montada, com incentivos da Câmara Municipal de Guimarães (Portugal), como parte das atividades da Oficina de Dramaturgia e Interpretação Teatral-ODIT, também no período natalino e com encenação do mesmo Moncho. Estreada nas instalações de uma antiga fábrica têxtil, a encenação portuguesa cumpriu muitas apresentações, trazendo à cena um elenco de quase sessenta pessoas formadas por aquela oficina. A dramaturga foi até Portugal para ver a estreia da montagem, que, àquela altura, era a primeira a ser levada em Portugal por elenco português, visto que, anteriormente a 1994, outros espetáculos seus, mas com elencos brasileiros, já haviam feito digressões ibéricas com muito sucesso.

É importante dizer que o enredo dessa espécie de drama sacro-esotérico não pretende contar o mito do Preste João, mas encenar a nova irrupção de um avatar – o que, aliás, é algo bastante condizente à fórmula consagrada do auto natalino. É este mito, encarnado em uma personagem que, afinal, (re)nasceria através do cumprimento de uma jornada do herói (nos termos propostos

pela estrutura do *monomito*, como exposta por Joseph Campbell) e de um percurso de base iniciática, pelo qual se forja, nos fogos alquímicos, este novo Ungido, representante de Fraternidades Espirituais e das Raças-Raízes, como propunha a Teosofia de Helena Blavatsky, aqui decantada em prosa e verso.

Nesta rota, à guisa de *uma estrada real*, este Preste João passa a dialogar não só com os aspectos mítico-simbólicos do Cristo, mas também com um forte acento sebastianista e teosófico, em que, mediante a passagem pelos ritmos setenários da natureza e da vida espiritual, haveria um aperfeiçoamento da alma para fazer irromper um novo Desejado, por conta da morte do Conde Montserrat, um antigo Cavaleiro Templário e monge essênio.

Como consequência, os seus dois filhos seguem em busca de seus destinos, tal qual a determinação paterna registrada em testamento, cravados pela Espada (no caso de Mizar, que espera ser sagrado Cavaleiro como o pai) e pela Cruz (no caso de Cristian, que deve seguir para cumprir estudos no mosteiro essênio). Todavia, a jornada vai sofrendo mutações e a força telúrica e criativa de Cristian tem que ser transmutada, quando a energia mais densa (de bebidas, farras e derramamento de dinheiro do seu irmão) acaba empurrando-o para os domínios da Morte – e, ao contrário do que todos esperavam, os sinais do novo avatar recaem sobre o mais jovem e não sobre o primogênito.

Instado a abandonar seus dons artísticos para assumir seu papel enquanto neófito a ser consagrado em ritos antigos, Cristian tem que escolher entre libertar-se de toda e qualquer materialidade, incluindo as correntes de

Eros que o atam a mulheres atraentes e misteriosas, todas de nome Sofia. E é neste âmbito que a genialidade da autora se expande, tocando os mitos em torno da feminilidade primordial de Sophia-Sabedoria, enquanto um princípio divino capaz de transformar a energia viril do rapaz em força mística fulgurante, fazendo-o transmutar-se em peixe, quando encontra o mar (símbolo dos perigos e das jornadas desconhecidas) para ser gerado e regenerado no ventre daquela expressão da Sophia-Virgem Eterna como um novo Preste João.

Para terminar, é preciso fazer um registro: esta edição só é possível por conta da premiação lograda junto aos editais culturais promovidos pela Prefeitura Municipal de Campina Grande e financiados pelos recursos da Lei Aldir Blanc (Lei 14.017/2020), ainda no ano de 2020, quando passávamos pelas agruras da pandemia da COVID-19. Passagem pelo deserto do isolamento social e indício de um caminho de autoconhecimento para quem tenha ouvidos para ouvir e olhos para ver, a pandemia não só ceifou milhares vidas como expôs a fragilidade das políticas culturais em nosso país, sendo a Lei Aldir Blanc uma conquista histórica e de grande importância para a classe artística em todo o território nacional.

Aqui também preciso registrar um imenso agradecimento à EDUEPB, pela acolhida sempre calorosa, e aos herdeiros de Lourdes Ramalho, nomeadamente a Luana Ramalho, que não só sugeriu a inscrição deste projeto no

certame como também tem dado todo o apoio às iniciativas que buscam manter acesa a chama-guia da Mestra, que partiu do real para o outro lado.

Espero que a leitura desses textos possa despertar em cada leitor e leitora não só a curiosidade do pesquisador, mas, também, abrir novos caminhos para um percurso poético sobre a nossa existência e resistência em tempos tão tristes e duros e trágicos – quando, cada vez mais, precisamos da magia e das luzes dos palcos já há tanto apagados e silenciados. Mas, enquanto isso, eu lhes desejo uma ótima leitura!

Diógenes André Vieira Maciel
(Organizador)

Minha obra se enraíza na própria história de minha família, os Nunes da Costa, que para aqui vieram nos tempos de Maurício de Nassau...

L. R.



o arco-íris

[ou: muito além do arco-íris]

1978

Personagens:

FREI VICENTE

(ancião, sempre sentado no catre)

IRMÃ BEATA

(idoso ranzinza)

MANUELA

(jovem mestiça e irrequieta)

LOPO

(jovem negro, inconformado)

FELIPE

(jovem cego e poeta)

JOSÉ

(jovem pastor)

Cena I

*Interior de um mosteiro, no século XVII,
na Paraíba.*

Música sacra ao fundo.

FREI — Quantas vezes já mexi nestes manuscritos e não encontro aquele mapa! — É um desenho tosco, deixado por algum bandeirante, que mostra o caminho mais curto para se chegar ao Pernambuco, justamente onde as tropas de Matias de Albuquerque¹ estiveram aquarteladas...

BEATA — Será que o senhor não se convence de que esse tal mapa não passa dum sonho? — O senhor cochilou... e agora haja a procurar o que só existiu em sua imaginação...

FREI — Não, o mapa existe e, salvo engano, o nome da passagem é... espere um pouco... é “Apertada Hora”...

BEATA — “Apertada Hora” é o que todos nós estamos passando! — Quando penso que dei graças a Deus sair de Portugal, para escapar às agonias da guerra

¹ Matias de Albuquerque Coelho, natural de Olinda, governava a capitania de Pernambuco. Na primeira invasão holandesa (entre 1624 e 1625, à Bahia) foi nomeado governador-geral do Brasil. Posteriormente, na segunda invasão holandesa, desta feita, à Olinda e ao Recife (em 1627), foi importante resistência e liderança.

com a Espanha,² venho cair justamente no Brasil, o Éden, segundo lá diziam — para enfrentar novamente invasões...

FREI — O mundo inteiro anda conturbado, Irmã, com a febre de conquistas, a ganância do poder — e não seria uma nação nova como o Brasil que iria ficar imune...

BEATA — O senhor falou em nação? — Mas isto não passa de uma colônia de Portugal!

FREI — O espírito de nacionalidade já despertou com os primeiros brasileiros natos! — A senhora não vê como esse povo se ergue, cheio de energia primitiva, de entusiasmo, em defesa de seu solo?

BEATA — O senhor me fala de índios e mamelucos?

FREI — Falo de brasileiros, de filhos de portugueses, de gentios, de negros também nascidos nesta pátria que nasce...

BEATA — Não misture escravos e selvagens com os filhos dos reinóis!

FREI — Todos eles se batizaram e são iguais perante o Cristo!

² Referência à crise dinástica que culmina na, assim chamada, União Ibérica (1581-1640), estabelecida após o desaparecimento do jovem rei d. Sebastião, em Alcácer-Quibir, no ano de 1580. Este fato acabou deixando Portugal sob o domínio espanhol e imerso em ambiente de ferrenhas disputas.

BEATA — Frei Vicente, cada dia estou mais convicta de que o senhor não anda passando bem da bola³! — Um dia, inventa uma passagem misteriosa; outro dia, sai-se com ideias um tanto estapafúrdias! Não teria o clima tropical mexido demais com seus miolos?

FREI — Não tenha cuidados, minha boa Irmã, eu ando muito bem do juízo e, se minhas pernas ajudassem, iria pessoalmente comandar as guerrilhas, a fim de expulsar o inimigo.

BEATA — Lembre-se que Deus não nos manda matar!

FREI — Deus não nos manda matar, mas, também diz: “Livra-te dos ares, que te livrarei dos males”⁴!

BEATA — Muito bem! Então, vista uma tanga de penas, pegue arco e flecha e siga no comando da defesa do solo alheio! Se acha pouco ter enviado os nossos rapazes — vá, porque só assim poderá escapar ao remorso de ter empurrado para a morte trinta noviços que confiavam no seu equilíbrio e bom senso!

FREI — Não voltemos a discutir esse ponto, Irmã. Os noviços acharam por bem juntar-se aos patrícios em defesa da terra e foram conscientes dos perigos que teriam que arrostar...

BEATA — Arrostar perigos? — Arrostar a morte! — Então o senhor acha que estas batalhas são de faz-de-conta, é?

³ No sentido de estar insano, enlouquecido.

⁴ Provérbio luso-brasileiro.

FREI — Sei tanto do que os espera — que estou à procura do mapa, dessa passagem que os levará a salvo até onde se escondem os guerrilheiros.

BEATA — Se eles só escaparem através dessa tal passagem, que se considerem todos já defuntos! — Bem, deixe-me ir ao pombal... os pobrezinhos que eu trouxe comigo do Reino, que eu ensinei o ofício de correio, estão no fim — restam apenas três... Os pombos são aves nobres, muito diferentes destes monstros de asas a que vocês chamam de papagaios, que beliscam como Satanás e falam como a própria encarnação do demônio!

FREI — São aves belíssimas como todas as brasileiras.

BEATA — São um horror, isso sim! — E comilonas! — Manuela chega a deixar os pombos com fome para encher os papos daquelas aves de rapina. Tenho certeza de que, a estas horas, os meus ainda estão em jejum natural! *(Sai.)*

Um tempo com música.

CENA 2

MANUELA *(de dentro)* — Frei Vicente! *(Entra.)* — O povo continua se retirando! A estrada está cheia de carroças, burros de carga, liteiras — deve ser gente de Olinda e Recife que vem se refugiar nas fazendas e nos engenhos da Paraíba.

FREI — Onde você andava, Manuela?

MANUELA — Eu... eu fui até lá embaixo — fui só olhar...
Será que vamos precisar sair também?

FREI — Sair para onde, menina? — Não vê que estamos abrigados aqui?

MANUELA — Conversei com alguns fugitivos — eles disseram que os holandeses não descansarão enquanto não tomarem conta de tudo! — O mosteiro será confiscado, Frei Vicente, e nós seremos jogados Deus sabe onde!

FREI — Nestas alturas não adianta fugir — e sim enfrentá-los.

MANUELA — O senhor fala como se tivesse saúde e boas pernas para se movimentar! — Eles vão agarrá-lo e a nós também!

FREI — Se eu não tenho pernas para me movimentar, como você mesma disse, como poderei fugir!? — E mesmo você, Manuela, não está com nem um pingô de medo: o que quer é a folia, as andanças, não é?

MANUELA — Na verdade, é isso mesmo. Estou cansada desta pasmeira, da vida insossa do convento... sabe, achei até bom quando nossa Casa de Caridade foi atacada, as beatas postas a trabalhar em lugares diferentes... pena é que só eu tenha vindo parar aqui, com a antipática da Irmã Maria Beata...

FREI — Onde você teria preferido ficar?

MANUELA — Em Olinda, em meio à desordem, ao movimento⁵... Detesto este silêncio, este sossego... Eu prefiro a ação, Frei Vicente!

FREI — Você é bem o retrato da nova raça que nasce com todo o vigor, dedicação, entusiasmo, pronta a defender o que lhe pertence de quem quer que lhe ouse tirar os direitos! — São vocês, brasileiros,⁶ a força organizadora dos destinos da terra. Se as forças são fracas em recursos materiais, são fortes em coragem. Veja quem surge — Lourenço Cavalcanti de Albuquerque,⁷ o primeiro comandante da reconquista; Matias de Albuquerque, o preto Henrique Dias,⁸ o índio Felipe Camarão⁹...

⁵ Na fala há referência à chegada da esquadra holandesa à costa pernambucana (ocorrida em fevereiro de 1630), quando houve um primeiro embate próximo à Olinda. Sob forte ameaça, a resistência liderada por Matias de Albuquerque expediu ordens de que armazéns e os navios carregados de ricas mercadorias fossem incendiados.

⁶ Ao arrolar os heróis da reconquista, a autora (pela fala do Frei) os chama de *brasileiros*, aludindo à união de brancos, indígenas e negros, enquanto origem mítico-histórica da nacionalidade.

⁷ Não confundir com o homônimo, Barão de Atalaia (1804-1867). Lourenço de Albuquerque foi mais um dos heróis destacados nas batalhas contra os holandeses, desde a primeira invasão à Bahia.

⁸ Importante herói que se apresentou, em 1633, para lutar ao lado de Matias de Albuquerque, à frente de um grupo de outros homens pretos, o que lhe rendeu a patente de Governador dos crioulos, negros e mulatos do Brasil.

⁹ Foi um indígena da nação potiguar, nascido Poti ou Potiguaçu, que recebeu educação jesuítica e, depois, se destacou na defesa do território, à frente de grupos de adventícios postados ao lado de Matias de Albuquerque, nas batalhas de Porto Calvo e dos Guararapes.

MANUELA — As guerrilhas¹⁰ ... nossos homens agindo, como sombras, às caladas da noite, contra os que se aventuram a ir buscar água, lenha ou frutas. Só se pode temer as represálias...

FREI — É, sim, a cada holandês que desaparece, sofre a população civil. Manuela, estou preocupado com nossos rapazes: eles tomaram uma direção contrária à resistência. Aqui, nesta arca, existe um mapa, mostrando uma passagem descoberta por um bandeirante, que, atalhando o rio Paraíba, chega muito mais depressa ao arraial,¹¹ onde os noviços têm que se aquartelar.

¹⁰ Considerando a disparidade entre o efetivo militar das capitânicas invadidas e o poderio dos holandeses, passou-se a utilizar táticas de emboscadas e guerrilhas, sob o comando de Matias de Albuquerque. Conforme a pesquisa de Leandro Vilar Oliveira (apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal da Paraíba, em 2016), intitulada *Guerras luso-holandesas na capitania da Paraíba (1631-1634)* [disponível on-line]. Sua ação buscava causar, assim, danos significativos aos planos da parte inimiga e recuperar territórios já ocupados, sendo importantíssimos os pactos travados entre os brancos, os indígenas, os pretos escravizados e os mestiços, os quais não só conheciam muito bem o território como também se adaptavam mais facilmente às terríveis condições dos terrenos e das matas, ajudando de maneira valorosa nas tentativas de resistência.

¹¹ Como já mencionado anteriormente, após a chegada dos batavos e com “o Recife em chamas, o governador ensaiou uma reação, mas logo partiu para os mesmos matagais onde a população e seus próprios soldados haviam se abrigado. Ali, às margens do Capibaribe, construíram um acampamento entrincheirado, ao qual dariam o nome santo de arraial do Bom Jesus.” (NETO, Lira. *Arrancados da terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p.157.).

MANUELA — Um mapa? — Por que senhor não pensou nisso antes?

FREI — Há tanto tempo eu o vi que nem me lembrava mais. Sua lembrança me veio, de repente, como um sonho... — Mas ele existe realmente e urge que o encontremos, Manuela! — Venha, vamos procurá-lo...

Manuela ajoelha-se junto à arca e vai tirando papéis que entrega ao Frei.

Música tocando ao fundo.

CENA 3

JOSÉ (*entrando*) — Sua bênção, Frei Vicente. Trouxe hoje pouco leite e apenas um queijinho de coalho. Com essa leva de gente se mudando, tivemos que alimentar crianças e velhos que vêm vindo, e, quando cuidei, quase deixava o senhor sem nada...

FREI — Não tem importância, José, se o que veio der para os papagaios da Manuela e os pombos da Irmã Beata, está tudo bem.

MANUELA — Meus papagaios! — Duas colheres de leite são o bastante para o pirão deles — agora, os pombos... coitados, eles é que *pagam o pato*... — A Irmã bebe tudo e eles é que levam a fama...

JOSÉ — Os retirantes trazem notícias muito tristes. Nossas tropas têm tido muitas perdas; dizem que os holandeses estão depredando o Recife, após atacar o arraial. — E os noviços?

FREI — José, a situação deles me preocupa sobremaneira. O guia que os levou procurou uma estrada vulnerável e temo que eles sejam trucidados muito antes de chegarem ao destino. Estamos à procura de um mapa antigo que mostra uma passagem, cuja entrada se disfarça numa gruta, ao pé de um enorme carvalho...

JOSÉ — Meu avô, que era um bom contador de histórias, falava dessa entrada misteriosa... dizia até que era passagem de onça e que um índio a tinha descoberto aos bandeirantes... — Mas ele contava isso como uma das tantas lendas que correm por aí...

FREI — Não é lenda — é verdade — e o mapa está conosco. Vamos encontrá-lo e salvar nossos rapazes. A esta altura eles ainda estão nas margens do rio Beberibe, pois estão esperando que as águas baixem... — Manuela, dê-me este molho de papéis e aproveite José para darem uma boa busca. Vamos, mãos à obra!

Música suave enquanto todos procuram.

Manuela e José estão na arca, um tanto afastados do Frei.

JOSÉ — Você não desceu mais até lá em casa. Sei que fica na Pedra do Caminho, olhando os passantes. Já nasceu o cordeirinho, filho daquela ovelha branca e ele é mesmo alvo que dá gosto. — É seu...

MANUELA — Vou vê-lo, qualquer dia. José, estou sufocada neste convento... tenho tanta vontade de ir embora, de conhecer este lugar imenso, todo este *novo mundo* que chamam Brasil... — Queria conhecer a Bahia, o Rio de Janeiro... queria correr terras, descobrir...

JOSÉ — É o sangue português correndo nas tuas veias.

MANUELA — Não apenas português: os índios são nômade e eu também descendo da grande tribo Tabajara¹²... é essa descendência que a Irmã Beata me lança em rosto, quando quer me chamar de selvagem...

JOSÉ — Sei que um dia você irá embora, Manuela, viver a vida civilizada que bem merece, mas, enquanto estiver aqui, eu lhe peço, não me prive de sua amizade nem de sua presença — você significa tanto para

¹² A etnia Tabajara habitava a faixa litorânea do Nordeste, entre Pernambuco e Paraíba. Os conflitos entre grupos indígenas (Tabajaras e Potiguaras) marca a fundação da Capitania Real da Parahyba, em 1585, mediante acordo firmado entre o português Martim Leitão e o índio Piragibe, da nação Tabajara. Em meados do século XVII, a cidade não só já estava fortificada como contava com imponentes igrejas e conventos beneditinos, jesuítas, franciscanos e carmelitas. Para mais detalhes, cf. RAPOSO, T.; ARAÚJO, R. Paraibaneidade: olhares sobre a escrita da história da Paraíba e a construção de uma identidade local. *Epígrafe*, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 149-166, 2017.

mim... Bem sei que Lopo e Felipe são companhias interessantes, eles são letrados... Felipe é poeta, e uma excelente companhia; mas eu também sou seu amigo — muito amigo mesmo.

FREI (*de longe*) — Trabalhem mais e conversem menos, lembrem-se que temos um compromisso de vida para com nossos rapazes!

MANUELA (*aproximando-se*) — Encontramos aqui um rolo com alguns desenhos. Quer ver?

FREI — Ah, isso é um mapa do século IX, um mapa de Portugal, não tem nada a ver com o caso. Temos que procurar algo mais recente e localizado aqui na Paraíba, menina! — Só quem está amando poderia fazer uma confusão dessas!

JOSÉ — Por que só “quem está amando”, Frei Vicente?

FREI — Ora, dizem que quem ama vive no mundo da lua...

CENA 4

BEATA (*entrando*) — Ninguém nesta casa quer mais trabalhar, eu que vire a mula de carga, como a dos monges de Cister, que quanto mais carregada, melhor¹³.

¹³ Referência à ordem religiosa de monges cistercienses, fundada no século XI e reconhecida pelo labor de seus membros.

Queria mesmo ver a vida que vocês levavam aqui, antes que eu, tangida pelo infortúnio, tivesse vindo dar com os costados nesta “mansão do descanso eterno”!

MANUELA — Que é isso, Irmã? Todos nós estamos trabalhando!

BEATA — Onde foi que remexer papéis velhos já significou trabalho? Sua obrigação é dar de comer às aves — e, por falar nisso, não tirou o xerém até agora: não fosse eu, elas estariam morrendo de fome. Sua obrigação é varrer as dependências da casa — e qual foi a que você já varreu hoje?

FREI — Manuela, hoje, está a meu serviço. Se as aves estão alimentadas, o resto pode esperar. O mosteiro não vai cair na cabeça da gente somente porque não recebeu algumas vassouradas.

BEATA — Bonita maneira de educar! — Arrependi-me cem vezes de ter me asilado nesta casa de doidos! Antes tivesse ficado por aí, ao léu — porque, garanto, nem ao léu esta menina teria ficado tão desembandeirada como neste antro de perdição!

JOSÉ — A senhora está falando heresia, Irmã!

FREI — Deixa! A Irmã Beata precisa desopilar o fígado¹⁴!

BEATA — Desopilar o fígado! — O senhor é que devia desenferrujar as pernas para ver o que se passa dentro

¹⁴ No sentido de aliviar-se de queixumes e aborrecimentos.

destes muros! — Sabe que desde ontem o ilustre senhor Lopo saiu de casa para vagabundar Deus sabe onde?

FREI — Lopo saiu? — Você sabia, Manuela?

MANUELA — Sabia, e pensei que fosse com sua permissão.

FREI — Você não pensou isso, Manuela, você tinha certeza de que Lopo havia saído sem falar comigo, tanto que calou o assunto.

MANUELA — Perdão, Pai, eu quis poupar-lhe um aborrecimento.

BEATA — E o senhor sabia também que, enquanto nossos trinta noviços se arriscam a morrer — aliás, por culpa sua —, o nosso preclaro poeta Felipe, ao invés de regar as hortas e debulhar o milho, anda a aspirar o perfume das flores e fazer versos à brisa?

JOSÉ — Quando vim para cá, vi-o junto às hortas, revolvendo diligentemente a terra.

BEATA — Como “diligentemente” se é cego? — Aquele ali é um peso morto nesta casa... — mas, se nós fôssemos nos aliviar de todos os que não trabalham, poucos ficariam sob este teto...

MANUELA — Meu Pai, que mulher mesquinha! Ela está se referindo até ao senhor, que não pode andar! E se esquece que a casa é sua e ela não é mais que uma agregada — foi recebida aqui por caridade!

FREI — Isso não vem ao caso. Irmã Beata se queixa porque está cansada de tanto lavar, coser, fiar... talvez esteja até doente!

BEATA — Eu, doente? — Estou vendendo saúde! Só não tolero é que me façam de idiota — trabalhar sozinha enquanto os outros se regalam!

MANUELA — Nós também estamos trabalhando — não vê que procuramos o mapa?

BEATA — Não cuidem vocês de suas próprias peles, não, e daqui a pouco estarão, junto com os infelizes novinhos, a prestar contas a Deus dos pecados cometidos neste mundo... (*Sai.*)

CENA 5

JOSÉ — Encontrei aqui outros desenhos, será algum deles?

FREI (*examinando*) — Não, José, isso são as divisões das glebas senhoriais da Igreja, em Portugal. Nosso mapa é bastante tosco, mas, pela exuberância, logo se nota pertencer à terra brasileira. Pelo que me lembro, é um carvalho de tronco tão grosso que talvez só cinco homens de mãos dadas conseguissem abraçá-lo. Mais ao fundo se nota a entrada da gruta que desemboca na tal passagem. Continuem a busca. — Manuela, dê-me outros rolos de papel.

MANUELA — Pai, se nós não conseguirmos impedir que os noviços tomem a estrada real¹⁵ — é quase certa a morte deles, não é?

FREI — Roguemos a Deus que nos ajude...

MANUELA — Por que precisamos rogar a Deus? — Ele naturalmente tem consciência do perigo que os pobresinhos correm e, se é bom e misericordioso, não precisava de rogos nossos para salvá-los.

JOSÉ — Eu concordo com Manuela. Se Deus vê tudo, sabe de tudo, para que se rogar a ele toda hora?

FREI — A oração, meus filhos, como um ato de fé e de amor, desprende por si energias benéficas, que contribuirão para restabelecer a harmonia em torno do que nos interessa no momento.

JOSÉ — Então não precisa se procurar mais mapa nenhum — é só rezar!

FREI — Existem as forças materiais e as espirituais agindo em concordância. Se somos físico e mente,

¹⁵ A expressão “estrada real” se referia à rota utilizada para escoar e tributar o minério explorado em Minas Gerais e que se deslocava até o Rio de Janeiro, desde o século XVII – talvez, a autora utilize o termo aqui de modo menos preciso historicamente, apontando para a ideia de uma rota, caminho ou estrada reconhecido e tornado oficial pela metrópole e/ou pelo poder estabelecido localmente. Nos níveis simbólicos, porém, *estrada real* é a via direta por oposição aos percursos tortuosos, o que, por analogia, pode ser aplicado à trajetória de ascensão da alma; contudo, desde a Idade Média, esta expressão era relativa “à vida monástica enquanto vida contemplativa estritamente ordenada para Deus” (Cf. CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020. p. 464).

devemos acionar ambas as energias, num trabalho integrado. Não é só pedir e ficar à espera das mercês divinas... — Deus não ajuda a quem não faz força!

Lopo entra.

LOPO — A bênção, Pai.

MANUELA — Onde andava? Desde cedo que o procuramos e você — sumido! Deixa todo o trabalho nas costas de Felipe e dá às *de vila-diogo*.¹⁶

LOPO — Até quando vocês vão me enxergar apenas como alguém que faz alguma coisa? — Será que seu sangue português só vê em mim o escravo?

MANUELA — Por que vem me ofender? — Nem eu sou portuguesa nem você é escravo. Falei porque você sai, como se fosse absoluto, sem avisar a ninguém, como se não devesse obediência ao nosso Superior!

LOPO — Olhe a mocinha usando dois pesos e duas medidas! — Quando se trata de você mesma — eu quero e posso e faço. Quando são os outros... Até quando terei esta liberdade de mentira, sem direito a me locomover? — Fui ferrado nas costas? Pertencço a vocês portugueses?

MANUELA — Estou falando da consideração que você deve àquele que o criou como a um filho — ou você pensa que...

¹⁶ Expressão que quer dizer “fugir”, “debandar”.

LOPO — Com que direito você vem tomar satisfações? —
Quem é que vive sonhando correr mundo e ameaçando sumir na primeira oportunidade?

FREI (*intervindo*) — Que bate-boca sem futuro é esse? —
Lopo, venha cá! Aonde foi?

LOPO — Fui até Cabedelo¹⁷ — soube que lá havia um barco...

FREI — O que há de especial nesse barco?

LOPO — Ele segue com destino à África. Eu vou voltar à terra de meus pais.

JOSÉ — Você está doido, Lopo? — Esse barco pertence aos holandeses!

LOPO — Holandeses, portugueses — que diferença faz?

MANUELA — Para nós, muita!

LOPO — Para vocês que são brancos e se entendem? — Para vocês cuja voz de comando é conquistar, custe o que custar?¹⁸

JOSÉ — Que você desejasse voltar à pátria dos seus pais está certo, mas que resolva sair quando estamos em

¹⁷ Cidade portuária na Paraíba, fundada em 1585, onde há uma fortaleza. Desse porto, aliás, embarcou Maurício de Nassau, em 22 de maio de 1644, em sua viagem de retorno à Europa.

¹⁸ O nome substantivo “lopo” tem origem latina, a saber, *lupus*, lobo. Se nos níveis simbólicos o *lobo* aponta para a selvageria; no âmbito das tradições iniciáticas, ele é um *psicopompo*, ou seja, um animal capaz de conduzir a passagem da alma para o mundo dos mortos (Cf. CHEVALIER; GHEERBRANT, *op. cit.*), o que é bastante pertinente aos desenvolvimentos desta trama.

guerra e precisamos de quem nos ajude a expulsar o inimigo, o invasor...

LOPO — Invasor é apenas o holandês? — E o que dizer dos outros, esses...

FREI — Meus filhos, não alonguem esta discussão, pois estamos todos perdendo tempo. Enquanto vocês falam e falam, os noviços vão caminhando para a morte certa, sem que ninguém possa avisá-los do perigo. Vamos voltar à nossa busca, que é o que realmente importa, agora. Lopo, vá também abrindo os rolos. Estamos procurando um desenho, uma espécie de carta geográfica, que mostra uma passagem, algo que poderá salvar nossa pequena tropa. Manuela, me alcance mais uns rolos...

Visivelmente contrariado, Lopo se associa ao grupo, que recomeça a busca.

Música suave.

JOSÉ — Frei Vicente, meu Pai, tenho que voltar à casa, é hora de recolher as vacas.

FREI — Pode ir, José. Veja se encontra Felipe aí fora e diga-lhe que estou chamando.

JOSÉ — Com sua licença e sua bênção, Pai. (*Sai.*)

MANUELA — A guerra... por que Deus consente que haja guerra?

FREI — Quando Deus fez o homem, dotou-o de livre arbítrio¹⁹ — para isso deu-lhe uma consciência capaz de discernir entre o Bem e o Mal. Assim sendo, ele tem opção — ou viver em paz, segundo a harmonia universal, ou entrar em choque, sofrendo, então, as consequências de sua oposição às leis cósmicas.

MANUELA — Mas a guerra é provocada por alguns homens que detêm o poder nas mãos; enquanto isso, morrem milhões, inclusive crianças inocentes.

FREI — Quem nos poderá garantir que esses inocentes que morrem numa guerra, não foram, em vidas anteriores, provocadores de outras guerras?

LOPO (*que, calado, procurava os papéis*) — É a lei do “olho por olho, dente por dente”²⁰?

FREI — Não é propriamente assim, porque o que nos vem de retorno não vem como castigo — e sim como o efeito de uma causa!

¹⁹ De acordo com o *Dicionário básico de filosofia* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 170), *livre arbítrio* é a “faculdade que tem o indivíduo de determinar, com base em sua consciência apenas, a sua própria conduta; liberdade de escolha alternativa do indivíduo; liberdade de autodeterminação que consiste numa decisão, independentemente de qualquer constrangimento externo, mas de acordo com os motivos e intenções do próprio indivíduo. Desde santo Agostinho, passando pelos jansenistas e luteranos, o livre-arbítrio tem sido tema de grandes polêmicas em teologia e em ética.”

²⁰ Referência à “lei de talião”, presente tanto nos livros bíblicos do Pentateuco quanto no código de Hamurabi, da Mesopotâmia.

MANUELA — Então é o que o senhor chama — a Lei da Causalidade²¹!

LOPO — Causalidade ou casualidade?

FREI — Nada, no universo, se faz por acaso, Lopo. As leis divinas são providentes, são sábias. Aquilo que nós julgamos acaso, já estava preconcebido, estava predestinado.

MANUELA — Outros desenhos, Frei Vicente, e há um que tem uma gruta...

FREI — Vejamos! Este aqui, não; talvez este... também não. E este — ah, infelizmente ainda não é o nosso, são partilhas de capitânias... contudo, estamos caminhando — vamos em frente!

LOPO — O senhor me dá licença, Pai? — Queria arrumar minhas coisas.

FREI — Não dou — temos trinta companheiros correndo perigo e precisamos ajudá-los.

²¹ Conforme o *Dicionário básico de filosofia* (op. cit., p. 41), *causalidade* é o “princípio segundo o qual se podem explicar todos os fenômenos por objetos que se interagem, que são definidos e reconhecidos por meio de regras operatórias. Segundo a concepção racionalista, a causalidade é um conceito *a priori* necessário e universal, isto é, independente da experiência e constituindo-a objetivamente: todas as mudanças acontecem segundo a lei de ligação entre a causa e o efeito”. Há, contudo, uma maneira ainda mais focalizada que pode ser aludida, advinda do pensamento de Helena Blavatsky (1831-1891), a fundadora da moderna teosofia, para quem causalidade é uma das leis do Hermetismo, estando muito atrelada à noção de carma/*karma* em face do esoterismo oriental – sobre isto se tratará adiante.

LOPO — Eles foram porque quiseram...

MANUELA — Foram porque são valorosos...

LOPO — Eu sei que não valho nada, mas estou satisfeito assim mesmo.

MANUELA — Você se satisfaz com muito pouco.

LOPO — Não tão pouco quanto você pensa — a prova é que quero ir-me embora.

FREI — Não há mais nada aí na arca, Manuela?

MANUELA — Em rolos, não — restam papéis soltos.

FREI — Então vão-se aos papéis! — Passem-me um punhado. Logo!

Continuam a busca.

Música suave.

LOPO (*para si*) — Eu tenho que ir embora hoje, tenho que ir!

MANUELA — O quê?

LOPO — Nada. Estou falando comigo mesmo.

MANUELA — Mas falou alto, eu escutei. Sabe que é covardia desertar na hora do perigo?

LOPO — A briga é entre brancos e brancos gananciosos, não tenho nada a ver com isso.

MANUELA — Nossa terra está em jogo.

LOPO — Para mim tanto faz que ela pertença a português como a holandês — é tudo uma corja só... Eu vou embora — sabe que peguei todas as minhas economias e entreguei ao comandante do barco a troco dessa passagem? — E foram economias de todos esses anos...

MANUELA — Enquanto os outros perdem as vidas, você não quer perder seu rico dinheirinho? — Que valem uns vinténs diante de uma população que se sacrifica, de uma terra que é regada pelo sangue de seus próprios filhos?

LOPO — A inveterada ledora de romances, a aficionada por tragédias fazendo tiradas dramáticas?! — Você fala como se tivesse realmente sentimento... você, a estátua de sal que nunca se comoveu com o sofrimento de ninguém!

MANUELA — Sou amiga de todos, a todos considero como a verdadeiros irmãos.

LOPO — A todos, não, pois a Felipe você dispensa um tratamento diferente. — Natural... vocês se “entendem” muito bem...

MANUELA — Felipe é poeta, possui uma sensibilidade incomum... sabe dizer coisas bonitas...

LOPO — A mocinha que se encanta com frases melosas... Engraçado — de uns, você exige apenas palavras doces; de outros, que reneguem as mais justas aspirações, para *dar o sangue em prol da causa da pátria...* —

Dois pesos e duas medidas — já disse! — Frei Vicente, vou sair um pouco, volto já! (*Sai.*)

FREI — Que fazer, meu Deus? — E mais — estas minhas pernas...

MANUELA — Ah, Pai, o senhor está novamente com dores... Vou esquentar sebo para passar nas suas juntas doloridas!

FREI — Não vá mexer no sebo, que é para a Irmã Beata fazer suas velas!

MANUELA — Então vou buscar a manta para aquecer suas costas!

FREI — A manta pertence também à Irmã e ela se aborrece por qualquer coisa. Se quiser me ser útil, volte a procurar os papéis.

MANUELA — Pai, o que teria levado Calabar a trair os companheiros? — Ele que sempre tinha se mostrado generoso, valente, amante da terra...

FREI — A propósito de que vem essa pergunta agora?

MANUELA — Estava pensando... Calabar era mestiço, criado por jesuítas, destemido — e sem se saber o porquê passou para o lado dos holandeses... será que com Lopo não está acontecendo o mesmo?

FREI — Não, não. Domingos Fernandes era um combatente nato, amava a luta e amava realmente o Brasil. Sua deserção deve ter tido raízes muito profundas. Ele não era mercenário, não recebeu dinheiro dos

holandeses, e, no fim, teve uma atitude digna — entregou-se e assumiu sozinho a responsabilidade do ato.²² Quanto a Lopo...

MANUELA — Lopo não ama a luta, não ama o Brasil, não se interessa pela nossa sorte — e gosta de dinheiro, além de ter profundas mágoas dos portugueses...²³

FREI — Mesmo assim ele não tomaria uma atitude que viesse a nos causar infortúnios. Você está pensando que...

²² Domingos Fernandes Calabar foi um mestiço, filho de pai branco com uma “negra da terra”. Mameluco, não via possibilidades de ascensão e/ou modificação de suas condições de vida no Brasil colônia, a despeito de sua dedicação à luta contra os invasores. Assim, acabou por “alugar” seus conhecimentos territoriais aos inimigos holandeses, em 1632, o que, por fim, lhe rendeu pecha de “traidor” e deu causa à sua condenação e execução sumárias. Este último ato ocorreu quando Calabar se deparou com o líder da resistência à frente da retirada, à guisa de êxodo, da população dos engenhos e fazendas de Pernambuco rumo a Alagoas, em 1635 – expediente extremo, tomado por Matias de Albuquerque, para que as populações locais não caíssem sob o jugo holandês. Sua execução se deu em Porto Calvo, localidade onde nasceu e onde foi enforcado e esquartejado.

²³ Sobre Lopo, por conta de sua pele, repousa o estigma do traidor, aqui, em franca relação às referências a Calabar. Há também o intertexto fabular do “lobo em pele de cordeiro”, pois, como se verá, sobre as ações de Lopo repousam um medo (sempre mencionado por Manuela) sobre uma possível traição, por, afinal, ele ser algo como um “infiltrado” em meio aos seus supostos “inimigos de cor”. Obviamente, no desenvolvimento da trama, por ser uma minoria étnica, parece muito mais palpável que ele seja, na verdade, um cordeiro protegido pela pele de lobo que lhe impõem, conforme os ditames ainda muito arraigados daquele contexto histórico, mas, até hoje, em movimento na nossa sociedade.

MANUELA — ... que ele “vendeu” os noviços...

FREI — Não — ele não está disposto a agir em nosso favor, mas é incapaz de agir contra nós — tire essa ideia louca da cabeça. Lopo apenas meteu na cabeça que tinha de ir embora para a África — e só.

MANUELA — Queira Deus... Os papéis acabaram — e agora?

CENA 6

JOSÉ (*entrando*) — Deixei o gado lá embaixo e subi correndo para avisar que chegou o conde João Maurício de Nassau, governador do Brasil-holandês, e marchou com mais de três mil homens contra Porto Calvo.²⁴ O pessoal que vem se retirando diz que Felipe Camarão e os demais guerrilheiros estão tomando essa direção.

²⁴ Este foi o nobre neerlandês designado e aportado no Recife, em 23 de janeiro de 1637, para administrar os domínios holandeses no Brasil, consolidando “a ocupação em Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande do Norte, as quatro capitânicas já em poder dos neerlandeses. Em seguida, debelar as forças de resistência alojadas em Porto Calvo, Alagoas [último poderoso espaço-símbolo contrário e de pé, o que impedia o soerguimento das condições propícias ao desenvolvimento dos lucros canavieiros e à derrocada dos pernambucanos], para depois se lançar à almejada reconquista de Salvador. [...] Em 18 de fevereiro, menos de um mês após a chegada, atacou Porto Calvo à frente de 2900 homens. [...]” (NETO, *op. cit.*, p. 176).

FREI — Mais um motivo para procurarmos atalhar os no-
viços — eles não terão nem a quem se reunir se se-
guirem a direção do arraial.

MANUELA — Ainda será tempo?

FREI — Eles vão esperar que o rio baixe o volume. Vamos
continuar a busca. Vão à biblioteca — lá existiam uns
mapas. Felipe sabe: estivemos juntos ordenando as
prateleiras.

JOSÉ — Avistei Felipe junto às laranjeiras. Vou procurá-
lo e mandá-lo vir. De lá, vou levar o gado.

FREI — Para poupar tempo, diga-lhe que me traga os ro-
los que estão na quarta prateleira. Ele sabe quais são.

JOSÉ — Sim, senhor. Qualquer notícia virei trazer. *(Sai.)*

FREI — O conde Maurício de Nassau vai sentir a resistên-
cia, vai sentir o valor dos pernambucanos, dos parai-
banos, dos alagoanos — vai sentir a força do sangue
brasileiro que não quer pertencer a nenhum outro
povo. Olhe, menina, nem cem Calabares poderão
contra a vontade firme dos que desejam ver a terra
livre do invasor!

MANUELA — É gratificante saber que lutam brancos,
mamelucos, índios mansos, todos sem distinção,
imbuídos na mesma fé e nos mesmos ideais. Quem
diria que raças diferentes pudessem ter os mesmos
sentimentos?

FREI — Qualquer que seja a latitude, os homens são os
mesmos! — Em todos está presente a partícula di-
vina: é questão de oportunidade.

MANUELA — O senhor diz que os homens são os mesmos, mas têm destinos diferentes — um nasce rico, venturoso, e tudo lhe sorri; outro nasce pobre e tudo lhe é adverso... Não acha que sendo eles iguais deviam ter também sorte igual?

FREI — A sorte de cada um, numa vida, depende do que ele foi na vida anterior. É a Lei do Carma²⁵.

MANUELA — O que é, realmente, carma?

FREI — Carmas são os efeitos produzidos por causas anteriores, a serem cumpridos numa existência futura. Cada ato do indivíduo movimenta uma série de efeitos proporcionais àquela causa.

MANUELA — Quer dizer, então, que carma é sofrimento...

FREI — Nem sempre. Há carmas evocados, de natureza benéfica.

²⁵ O termo *carma*, advindo do sânscrito, evoca a garantia de uma ordem universal e metafísica (com ênfase na concepção de reencarnação da alma), marcada por um sentido ético atinente às consequências de um ato e à sua retribuição justa, por conta das “situações pelas quais os atores desses atos foram responsáveis, nesta vida ou em anteriores” (CHEVALIER; GHEERBRANT, *op. cit.*, p. 237-8). A já citada Blavatsky (ver, principalmente, seus escritos em *A chave da teosofia*. São Paulo: Editora Três, 1973. p. 191) toma o termo *karma* para definir “a *Lei infalível* que ajusta o efeito à causa, nos planos físico, mental e espiritual do ser. [...] Karma é aquela lei invisível e desconhecida *que ajusta sábia, inteligente e equitativamente* cada efeito a sua causa, fazendo esta remontar até seu produtor. Embora incognoscível sua ação é perceptível”.

MANUELA — Então o carma nos vem como prêmio ou castigo...

FREI — Não, ele nos vem como resultado ao acatamento ou à violação das leis universais. Cada ser é responsável pelos seus próprios atos e esses atos trarão efeitos bons ou maus, como consequência lógica da Lei da Causalidade.

MANUELA — Pai, eu tenho medo. Será que tenho feito muito mal?

FREI — Que mal você poderia ter feito — e a quem?

MANUELA — Não sei... Felipe, por exemplo — sei que ele gosta de mim e sinto prazer em despertar-lhe ciúmes...

FREI — Isso você também faz com Lopo e com José.

MANUELA — O senhor notou, Pai? — E nem me repreendeu?

FREI — De fato, não é boa coisa andar judiando de três rapazes, principalmente se não gosta de nenhum deles.

MANUELA — Não sei se gosto ou se não gosto... Acho José muito ameninado; Lopo, muito cheio de si...

FREI — Lopo é escuro...

MANUELA — Não é isso... e Felipe — apesar de cego, ele me encanta com sua vida interior. Felipe diz coisas lindas, Pai! — E também precisa de mim. Ele diz que sou *seus olhos*. É através de minha voz que conhece as belezas da vida — as formas, as cores...

FREI — Então é isso que faz vocês sumirem horas e horas?

MANUELA — É... saímos por aí... e lhe falo do azul do céu, do verde das árvores, do colorido das frutas... Nas tardes chuvosas, eu descrevo as cores do arco-íris e falo da curva maravilhosa que ele desenha junto à linha do horizonte... e ele pergunta: — *O arco-íris é a mais bela manifestação da natureza?* E eu respondo: — Talvez... porque em suas cores decompõe o espectro solar... e ele pergunta ainda: — *E o arco-íris fica longe, muito longe mesmo?* — Então eu digo: — Fica, sim, muito longe, lá num cantinho do horizonte... E ele indaga: — *E o que existe depois do arco-íris?* — Depois dele, respondo eu, só existe o infinito...

FREI — É muito bonito mesmo o que vocês conversam e eu gostaria de escutar muito mais coisas... — entretanto, cá estamos nós, sem solucionar o problema dos meninos...

MANUELA — Eu ainda queria falar sobre Felipe...

FREI — Sobre o quê?

MANUELA — Sobre a sua falta de fé. Sofro em saber que Felipe é ateu.

FREI — Ele crê em Deus à sua maneira.

MANUELA — Felipe é apenas *panteísta*.²⁶

²⁶ Conforme o *Dicionário de filosofia* (dir. de Thomar Mautner. Lisboa: Edições 70, 2010. p. 550), panteísmo é a doutrina “de que o mundo como um todo, a natureza no sentido mais amplo, é idêntico a Deus.

FREI — Amar as obras de Deus já é uma maneira de amá-lo.

MANUELA — O senhor pensa assim, mas a Irmã Beata só o chama de anticristão e o ameaça sempre com as penas do inferno. Diz que, se ele vive no escuro neste mundo, escuridão maior encontrará na outra vida.

FREI — A Irmã é, em tudo, espírito de contradição — deixe que ela diga o que quiser. No fundo, ela gosta de nós todos.

MANUELA — Menos de Lopo, porque é escuro, e de Felipe, porque é altivo. A cada grosseria dela — ele revida, de modo que a deixa humilhada.

CENA 7

BEATA (*entrando novamente*) — Na casa do bom homem — quem não trabalha não come. Assim, Manuela que não catou feijão; Lopo que não pilou o milho e Felipe que nem sequer trouxe batatas da rocinha — ficarão sem o bendito alimento... Um bom jejum não faz mal a ninguém — às vezes até faz a criatura refletir... porque nada melhor que uma tripa forra!

[...] Muitos dos grandes místicos religiosos foram panteístas neste sentido. Mas também pode significar que não há um Deus para lá do mundo como um todo, sendo entendida como uma doutrina atea.”.

FREI — Melhor ainda que uma tripa forra é uma consciência tranquila. Quanto aos meninos, eles estão a meu serviço, já expliquei.

BEATA — A seu serviço... Lopo acabou de fazer o matulão para seguir viagem e Felipe anda enfurnado na biblioteca, fazendo o que não sei, porque não posso eu atinar o que vai um cego fazer num lugar onde só tem papéis — se ele, para conhecer o conteúdo deles, precisa de uns certos olhos...

MANUELA — A senhora é muito ruim...

BEATA — Sou eu que pratico ruindades aqui dentro?! — Sou eu que vivo deblaterando contra Deus, dizendo que se ele existe é perverso porque me tirou a visão? — Sou eu quem vive dizendo que não ama nenhuma terra porque não tem pátria e não sabe onde nasceu? — Digam, meus nobres irmãos — quem é ateu dentro do próprio mosteiro? — Digam quem é que vive ofendendo ao Senhor — e não tem por isso uma Ave-Maria de penitência! — Ah, se fosse eu o superior da casa bem que teria posto um ponto final a este escândalo, a esta injúria grave dentro da casa de Deus!

FREI — A senhora não precisa me insinuar o que devo fazer — isso só a mim diz respeito.

BEATA — Diz respeito ao senhor somente, não é? — Mas, já pensou se chega aqui uma inspeção? — Já pensou se a Santa Inquisição toma conhecimento que, dentro das paredes de um convento, se abrigam mocinhas com cabeça-de-vento, moleques malcriados, cegos ateus — todos sem obrigações de serviço —

enquanto os noviços, os verdadeiros servidores de Deus, são jogados à morte, sob a alegação de que estão defendendo a nação?

MANUELA — Meu Pai, tanta maldade merece uma punição!

FREI — Perdoai-a, meu Deus — ela não sabe o que diz!

BEATA — Sei, eu sei muito bem, pois não estou caduca, nem bebo vinho de missa — antes: tenho bons ouvidos, bons olhos e boas pernas!

MANUELA — Ela ataca todo mundo, principalmente o senhor! — Não se lembra que chegamos aqui como duas peregrinas, fugitivas da casa de Olinda! — Não se lembra que trazia na mão apenas um alforje — sim, um alforje —, a única coisa que conseguiu carregar na fuga! — E, agora, quer ser dona da casa alheia!

BEATA — Um alforje só não, que eu vinha vestida e trazia uma boa manta, aliás, portuguesa! — E, portuguesa não era só a manta, era o hábito — de bom tecido alentejano — e o alforje, meu companheiro inseparável, desde que me tornei religiosa. — E, mudando de assunto, o Irmão Superior quer tomar o pingo de leite que sobrou dos papagaios?

FREI — Agradecido, Irmã, prefiro jejuar com meus meninos.

BEATA — Faça como quiser — um dia de fome não mata senhor nenhum! (*Sai.*)

CENA 8

FELIPE (*entra carregando uns rolos de papel e apoiado em um bastão; para junto ao Frei, hesita um pouco, adianta-se ainda mais e entrega*) — Eis os maços de papel que tínhamos guardado na quarta prateleira. Demorei porque, ao puxá-los, eles caíram no chão e tive um trabalhão para apanhá-los, pois se espalharam por todo o canto.

MANUELA — Podia ter me chamado... eu os apanharia com você.

FELIPE — Eu tenho que me bastar a mim mesmo.

MANUELA — Como você é orgulhoso, Felipe! — Gosto de ajudá-lo.

FREI — Deixemos as gentilezas para depois. Manuela, tome conta desses papéis, enquanto eu faço minhas pesquisas por aqui. A Deus querer, vamos descobrir nosso mapa já e já.

FELIPE (*faz menção de sair*) — Com sua licença, Pai.

MANUELA — Já se vai?

FELIPE — Não tenho nada a fazer aqui.

MANUELA — Venha ajudar...

FELIPE — Ajudar? — Que posso eu fazer além de carregar papéis? — Ficar parado, escutando vocês virarem as folhas?

MANUELA — Que grosseria! — Que lhe fiz eu, agora?

FELIPE — Você? — Nada! Ninguém me fez nada — se eu não sou nada mesmo...

FREI — Felipe, você pode me chamar Lopo, para nos dar uma ajuda?

FELIPE — Um recado está dentro de minhas possibilidades. Já vou. (*Vai saindo.*)

MANUELA — Felipe... você volta?

FELIPE — Querem mais alguma coisa de mim? — Algo que eu possa fazer?

MANUELA — Logo que eu me desocupar... que encontrar o mapa... queria falar com você... — Volte logo, por favor.

FELIPE — Está bem. Voltarei. (*Sai.*)

CENA 9

FREI (*estudando os rolos de papel*) — Estes papéis aqui referem-se às Cruzadas, não têm nada a ver com o que procuramos.

MANUELA — Nossa luta também é uma Cruzada, Pai.

FREI — Não deixa de ser, minha filha, uma Cruzada pela preservação de nossos direitos. Portugal tem exigido demais dos brasileiros — obrigam-nos a recolher à coroa um quinto dos metais e pedras preciosas, um dízimo de todos os produtos exportados, os direitos da alfândega, o monopólio do pau-brasil, drogas e especiarias....

MANUELA — O domínio holandês não vai se estabelecer, definitivamente aqui, porque nós, brasileiros, já não podemos suportar domínio nenhum! Nossa luta, agora, não é só para nos livrarmos do holandês, mas de todo estrangeiro, seja ele quem for — não acha?

FREI — Sim, essa terra, que tem mostrado sobejamente a coragem de seus filhos, não continuará por muito tempo sob o tacão de senhores de além-mar... — Você está procurando direito, Manuela?

MANUELA — Estou, Pai, mas este pacote é de cartografias da África...

LOPO (*entrando*) — O que tem a África?

MANUELA — Mapas!

LOPO — Deixe-me tocar neles, na antecipação do solo que em breve irei pisar...

FREI — Manuela, entregue a Lopo um rolo desses. Talvez ele tenha mais sorte que nós — vamos ver a quem Deus concede o favor de encontrar a passagem...

LOPO — Isto é uma luta de pigmeus contra gigantes. O conde Nassau já tomou todos os postos-chave. Vocês, hoje, se encontram, embora não queiram admitir, no Brasil-holandês.

MANUELA — Brasil-holandês... Você não tem vergonha de dizer tal coisa?

LOPO — Repito que não faz diferença entre Brasil-holandês ou Brasil-português... o que quero é ser livre longe daqui.

MANUELA — Você aqui é livre!

LOPO — Compraram a minha liberdade... ainda assim, aonde vou — não passo de um negro!

MANUELA — Não somos nós, brasileiros, que fazemos tal distinção. A prova é que nos orgulhamos de Felipe Camarão, Henrique Dias...

LOPO — Orgulham-se agora, porque têm se mostrado bravos. Mas, nos tempos de paz, quem os aceitaria nos nobres salões?

FREI — Quantas vezes já lhes roguei para deixarem as querelas e cuidarem do que nos interessa — agora?

LOPO — Estou à procura de seu mapa, Frei Vicente: não tenho culpa se ele não existe mesmo.

MANUELA — Parece que certas pessoas se uniram de repente para agredi-lo, Pai.

LOPO — Você, sempre querendo bancar a palmatória do mundo, menos com Felipe. Se aqui existe agressão, é por parte dele que, para ofender os superiores, desconhece o próprio Deus. — Quem não escuta, a dois por quatro, suas blasfêmias?

FREI (*que ouvia*) — Pelo que vejo a sorte dos noviços não interessa muito a vocês.

MANUELA — Perdão, Pai. Vou me concentrar novamente no trabalho. (*Um tempo de música. De repente, fala.*) — Olhe aqui um tronco... uma cachoeira que deságua no rio...

FREI (*observa*) — Ainda não é. Estamos diante de uma cartografia, aliás, muito bem-feita, do rio Sergipe, onde Cristóvão Cardoso fundou o Forte de São Cristóvão²⁷ — mas, deve ser neste pacote que está o que procuramos.

LOPO — Quer dizer que temos que olhar toda esta papelada, coisa por coisa?

FREI — Perfeitamente — coisa por coisa. E ninguém sairá daqui antes que todos estes papéis sejam revista-dos.

Música.

Em silêncio, todos continuam a busca.

CENA 10

FELIPE (*entra*) — Ainda nada?

MANUELA — Infelizmente não.

FELIPE — Desci até a Pedra do Caminho. Conversei com dois forasteiros, que seguiam para se integrar nas guerrilhas. Eles falaram que os paraibanos estão esperando a vinda de Vidal de Negreiros— paraibano

²⁷ Fortificação edificada às margens do rio Sergipe, em 1590, onde hoje está o Estado nordestino de mesmo nome.

também, formado na França, e que agora vai voltar ao Brasil, para lutar contra os invasores²⁸.

LOPO — Você está bem-informado, hein? — Por que não assume a função de mensageiro?

MANUELA — Como você é pequeno, Lopo! — Felipe não pode transmitir uma notícia sem que surjam logo as alfinetadas?

LOPO — Não se fala com Felipe que a mocinha não se ofenda? — Por que não reclamou da maneira desprezível a que ele se referiu aos paraibanos, como se fosse a uma raça inferior...

FREI — Até que enfim, parece que encontramos — ah, não, é a localização da Vila Velha de Caramuru²⁹... — Mas, uma coisa eu sei — nosso mapa está no meio destes papéis, um pouco mais de paciência... Deus nos ajudará a encontrá-lo... ELE — que tudo pode!

²⁸ André Vidal de Negreiros foi arregimentado na Paraíba para compor as tropas que lutaram na Bahia, em 1624, destacando-se na frente de batalha, após a derrota no Arraial do Bom Jesus, quando optou-se pelo sistema de guerrilhas. Como se sabe, Vidal de Negreiros, “após oito anos de estudo na Europa, estaria convencido de que aquele seria o melhor sistema para destruir o poderio flamengo.” (Cf. SILVA, A. B. R. B. André Vidal de Negreiros: a necessidade de construção de um herói legitimamente paraibano. *Saeculum* – Revista de História, n.14, João Pessoa, jan.-jun. 2006.)

²⁹ Nos primeiros anos do século XVI, houve um povoamento erigido por Diogo Álvares, o Caramuru, que deu início à ocupação da área do que, depois, será a Vila Velha, onde hoje fica o Porto da Barra, em Salvador-BA. Daí, talvez, a autora aludir a esta Vila Velha do Caramuru.

FELIPE — Não acha esse Deus, que o senhor tanto invoca, demasiado indiferente a essa causa?

MANUELA — Novamente, Felipe? — Por favor, respeite as circunstâncias...

FELIPE — É que não consigo me controlar! — Que Deus é este que tudo pode? — Um ser arbitrário que dá tudo a uns e tudo tira aos outros? — Que Deus é este que inventou uma vida de sofrimentos — sofre-se para nascer, sofre-se para sobreviver, para morrer...

MANUELA — Nem tudo aqui é sofrimento. E temos outras vidas³⁰...

³⁰ Há, aqui, uma perspectiva *reencarnacionista*, em vista do *cristianismo esotérico* que a dramaturga praticava à altura do processo de escrita desta peça. Mas, se pensarmos apenas no tempo da ação dramática, é verossímil considerar a circulação, na Europa setecentista, de debates sobre a reencarnação, já que desde fins da Idade Média vinham à tona ideias como a da *metempsicose* (“transmigração da alma” entre corpos), de fundo cátaro e cabalístico. Depois, na Renascença, tais crenças resultavam da retomada do platonismo e do neoplatonismo, os quais, na segunda metade do século XVI, farão brotar o *hermetismo* de Giordano Bruno (1548-1600), cuja concepção de *metempsicose*, enquanto complementação para sua visada sobre o universo ser infinito e identificado de modo panteísta a Deus, acabou ficando desconhecida. No século XVII, assim, a *reencarnação* era uma ideia largamente difundida entre círculos intelectuais, na medida em que se concebia a jornada da alma rumo ao aperfeiçoamento. De maneira diferente, depois, o cristianismo acabará por entender que não seria viável se conceber uma alma sem corpo, e a teologia tomará a crença na *ressurreição* enquanto contraditória à perspectiva de múltiplas reencarnações (cf. HELMUT, Zander. *Reincarnation II: Renaissance – present. Dictionary of Gnosis and Western Esotericism*. Leiden: Brill, 2005. p. 984-987).

FELIPE — Outras vidas? — Balelas! — O homem, não encontrando uma explicação plausível para esse miserável ciclo de dor — inventou outras vidas, para preencher o NADA... É uma autocompensação — a migração de existências venturosas... Que utopia!

MANUELA — Não é possível se ser tão descrente, ainda mais quando se foi criado num mosteiro!

FELIPE — Mosteiro... que é um mosteiro? — Lugar fechado às tentações, seguro — contra os azares da vida. Lugar onde se asilam os virtuosos, que não são mais que covardes...

MANUELA — Os frades são homens puros, quer você queira quer não! Eles vivem a salvo dos vícios, dos pecados, das vaidades, das paixões...

FELIPE — Que fosse! Mas, grande coisa é ser puro — quando se está longe das tentações! — É muito fácil ser santo, quando não há oportunidade para se praticar o mal. — Eu quero ver é lá fora, pureza contra sujeira; lealdade contra perfídia; amor contra ódio! — Santos homens, os monges...

MANUELA — E são mesmo! — Quer exemplo mais dignificante do que nosso Pai?

FELIPE — Nosso Pai não pode representar toda uma casta! — Mas eu os conheço a todos, pois vivi com bernardos, capuchos, bentos, dominicanos, inacianos, agostinhos, franciscanos — todos eles são uma só corja! Conheço a todos, porque, no meu peregrinar, fui hóspede de todos — hóspede indesejável, e

por todos fui escorraçado, porque era cego e não lhes dava rendas! (*Sai, brusco.*)

MANUELA — Felipe! Espere, Felipe!

FREI — Continue o trabalho, Manuela!

MANUELA — Ingrato! — Não reconhece que foi criado dentro de conventos!

LOPO — Será que dar asilo é tudo?

MANUELA — Mas ele recebeu amor, eu sei que recebeu!

FREI — Felipe teve razão ao dizer que peregrinou de convento em convento. Foi pior ainda — peregrinou de país em país, como uma rolha ao sabor das correntes. Ninguém sabe de onde veio, qual sua pátria, sua origem... passou, assim, de mão em mão, sem que ninguém procurasse lhe descobrir o berço... — Pobrezinho...

LOPO — É mais infeliz que eu... talvez descenda destes tantos brancos podres que há por aí...

MANUELA — Pai Vicente, olhe aqui o mapa, a gruta, as árvores imensas... achamos, Pai, graças a Deus achamos!

LOPO — Ainda bem — já era tempo! Só assim estou livre para ir embora!

FREI — Venha, dê-me aqui, menina! — Vejamos... — minha filha, isto é relativo à primeira sesmaria criada na Paraíba!

MANUELA — Então, não vamos mais encontrar coisa nenhuma!

LOPO — E, pelo visto, vou perder todo o meu dinheiro! Preciso ir embora — é a única oportunidade que tenho!

FREI — Dê-nos mais força à nossa busca, vamos repassar os papéis já vistos — quem sabe se passou algum despercebido?

LOPO — Não aguento mais, não aguento! Estou perdendo tempo!

FREI — Vamos, meus filhos, mais uma busca rápida — lembrem-se que nossos irmãos poderão morrer por um descuido nosso!

MANUELA — Eles só morrerão se estiver escrito! — O senhor não disse há pouco que nosso destino já vem traçado?

FREI — Quem sabe se está traçado que nós, com nosso esforço, vamos encontrar o mapa — e salvá-los!?

MANUELA — Já sei que o senhor quer chegar à frase de sempre: Deus não ajuda a quem não faz força!

FREI — Exato! Deus não ajuda a quem não faz força...

LOPO — Mais força do que estou fazendo para ir-me embora?

FREI — Se você tiver de ir — já foi traçado...

LOPO — Se os noviços tiverem que se salvar — também já está traçado...

FREI — Também pode estar designado que eles serão salvos pelas nossas mãos — imaginem, agora, se falhar-mos?

MANUELA — O senhor dá dores de cabeça na gente!

LOPO — Também acho!

FREI — Prova é que têm cabeça, ou melhor, consciência — e é por ter consciência que nos assemelhamos a Deus. Por favor, mais um esforço! Passe-me os que você viu, Manuela, e tome os meus. — Você também, Lopo.

LOPO — Eu nem consigo me concentrar. As horas passam e eu preciso ir-me!

FREI — Vou explicar novamente o que há no desenho. À esquerda, um carvalho imenso, de tronco caruncho; ao fundo, a entrada da gruta, escondida por pedras superpostas. O local deixa a impressão de antiga fonte, folhagem densa... o que, contudo, mais se sobressai, é a gigantesca árvore. Vamos repassar todos os papéis.

Música.

Os três se curvam procurando.

Um tempo.

MANUELA — Pai, o senhor acha mesmo que se não conseguirmos desviar a rota dos noviços eles vão cair em alguma armadilha?

FREI — Tudo indica que o arraial já está nas mãos do inimigo.

LOPO — Deixá-los morrer — como heróis! Não era isso que eles queriam?

FREI — Herói não é somente aquele que se imola no campo de batalha, mas todo aquele que, humildemente, sacrificadamente, vence o dia a dia... — Herói é todo aquele que, com o instrumento de trabalho em punho, vive as virtudes do labor, da verdade e do amor ao próximo. — Quantos heróis se escondem atrás de uma enxada, de um serrote ou mesmo de uma tina de bater roupa...?

MANUELA — Não sei por que os homens se matam, se todos provimos da mesma Fonte...

LOPO — Todos? — Você, por que é branca, não se acha de raça superior?

FREI — A diferença é apenas na cor da pele, porém, matéria e espírito emanam de uma mesma origem e a ela mesma retornam.

CENA II

JOSÉ (*entra*) — Lá embaixo a correria continua. Com a chegada de Maurício de Nassau, os holandeses tomaram novamente fôlego. O homem fundou fortes por toda parte! Mais navios vão chegando! — Henri-

que Dias, ferido pela sexta vez, teve a mão amputada. Nossas perdas sobem a um número assustador. — Não encontraram ainda um jeito de barrar os rapazes no caminho?

FREI — Ainda não, apesar de todos os papéis da arca e os da quarta prateleira terem sido revistos. O mapa deveria estar entre eles.

JOSÉ — Os homens válidos estão seguindo para a luta. Ficam nos engenhos apenas as mulheres e as crianças. Eu mesmo ainda não fui porque estou tomando conta do gado de uma porção deles — fiquei para alimentar o pessoal e tomar conta dos bichos...

MANUELA — Pai, se rezássemos, Deus atenderia aos nossos rogos?

LOPO — A esta altura os holandeses devem ter feito um bom pacto com Deus ou com o Diabo, já que estão levando essa vantagem toda...

MANUELA — Vamos fazer também nossas promessas, invocar noite e dia até ver quem tem mais merecimento para o Senhor!

FREI — Minha filha, se dois inimigos rezam a Deus, pedindo coisas diferentes, acha que ele vai sopesar as razões de um e de outro, a ver quem vai atender? — Não é mais lógico que existam leis universais imutáveis e que os violadores dessas leis sofram as consequências de seus atos?

MANUELA — Quer dizer que não se deve pedir nada a Deus?

FREI — Deve-se sim, desde que não seja a revogação do que já está traçado. Pode-se rogar, por exemplo, forças para suportar as privações invocadas pelos nossos próprios atos.

JOSÉ — Olhe esse desenho, Pai, será que não é o que se procura?

FREI — Todos eles já foram examinados. Não é nenhum, a menos que algum rolo tenha ficado na quarta prateleira.

CENA 12

FELIPE (*entra*) — Não, lá na prateleira não ficou nada, acabo de dar nova busca.

FREI — Então só nos resta unir as mentes, numa vibração de conforto, em favor dos nossos pobres meninos, para que eles aceitem conformados o destino que lhes está reservado.

MANUELA — Não poderia acontecer um milagre?

FREI — Nunca existiram milagres, porque tudo é natural, apenas nós não estamos preparados para entender certos acontecimentos. Mas, vamos nos concentrar, todos, e pedir, pedir a Deus que se alguma coisa ainda pode ser feita por nós — que nos ofereça a oportunidade de fazê-la... — Ó Senhor de todas as

coisas, aqui estamos, desejosos de ajudar nossos irmãos — se existe algo que possamos executar em favor deles, que seja executado...

Música crescendo até que...

CENA 13

BEATA (*irrompe, bradando*) — Quando algum dos senhores tiver que mandar mexer na biblioteca, mande alguém que enxergue — e não deficientes, que deixam cair as coisas no chão e nem sabem o que deixam lá... — Está aqui um dos *preciosos* rolos que o senhor Felipe não viu quando apanhou os outros, e lá ficou nas lajes frias...

MANUELA (*recebe*) — São folhas sujas, amarelas... um desenho quase encoberto pelo mofo... aqui está... uma árvore gigantesca... uma gruta — é ele, é o mapa, meu Pai, o mapa... o mapa...

Música cresce.

Todos em cena, em atitude de prece.

CENA 14

FREI — Eis-nos aqui reunidos para decidir quem, dentre nós, irá, através do “Apertada Hora”, avisar aos rapa-

zes de que não podem mais seguir o itinerário anteriormente traçado. Reunidos estamos e temos que escolher, agora, quem levará a mensagem.

BEATA — Ninguém melhor do que José poderá se desincumbir dessa missão, pois ele conhece muito bem todas as bibocas desta perigosa terra.

FREI — Irmã Beata, gostaria que a senhora não interferisse, apontando A ou B. — Eles mesmos poderão decidir espontaneamente.

JOSÉ — A Irmã falou certo, Pai Vicente, eu poderei ir.

FREI — Se for você o escolhido, José, quem levará o gado ao curral, quem desleitará as vacas? — Sabemos que todos os homens válidos estão em guerra, que você está responsável por mulheres, crianças e velhos — não podemos descobrir um santo para cobrir outro... — Assim sendo, urge que encontremos outro voluntário, para que, voluntariamente...

BEATA — Voluntariamente! Quem vai se arriscar a perder a vida? — Porque, fiquem certos, quem se meter nesta enrascada, dela não sairá vivo... e mesmo o momento não admite escolha — eu estou de fora; o senhor, parálítico — também. Manuela, como mulher, não pode; Felipe, coitado, não achou nem o mapa que tinha caído no chão, quanto mais uma gruta, perdida nesta selva medonha. Assim, só resta mesmo Lopo — mas já está de matulão às costas...

LOPO — É, a senhora disse bem, estou de matulão às costas

FREI — A senhora novamente se adiantou, Irmã. Não quero que nenhum siga obrigado — isto é, acima de tudo, um caso de consciência. Cada qual interrogue a sua e responda, sopesando as possibilidades dos outros, quem estaria mais indicado a levar a mensagem.

Silêncio pesado.

Apenas a música em surdina.

Um tempo.

BEATA — O senhor vê? — Ninguém aqui quer arriscar a pele, porque a empresa não é brincadeira. Mas, a coisa agora está em um ponto em que se ficar o bicho pega, se correr o bicho come...

FREI — Poderíamos dar mais tempo a vocês, para se consultarem melhor, porém temos pressa — pois praza aos céus que ainda encontremos os rapazes vivos... Assim, peço-lhes que se externem, agora — quem de vocês se propõe a ir em busca dos irmãos noviços?

Silêncio.

Todos recolhidos em si mesmos.

MANUELA — Se eu não fosse mulher...

BEATA — Nós duas estamos fora. A missão diz respeito aos varões.

FREI — De preferência aos varões, mas... — quem?

JOSÉ — Se o senhor me designar...

FREI — Você alimenta a população de velhos e crianças da aldeia — está fora de cogitação.

MANUELA — Felipe também está fora...

FELIPE — Eu tenho boca para falar por mim, Manuela...

BEATA — Pelo que vejo, o mais indicado é Lopo mesmo. E não adianta ficar todo mundo batendo boca. Escolha logo ele, Frei Vicente.

LOPO — Mais fora de cogitação que os demais estou eu — gastei tudo o que possuía numa passagem para a África e vou embora!

FREI — O mais indicado seria Lopo, e, como não se decidiu a ir, eu decido por ele — prepare-se para partir ao anoitecer!

LOPO — O senhor não entendeu o que eu disse?

FREI — O que eu entendo é que há pessoas, muito chegadas a nós, condenadas a uma morte certa se alguém não for preveni-los do perigo que correm.

LOPO — Essas pessoas não são tão chegadas a mim, pois guardam no sangue o ranço português dos desalmados raptos de meus pais.

FREI — O momento não é para invectivas e reivindicações individuais e sim para atitudes que visam ao bem comum — e este bem já foi por demais discutido.

LOPO — Até agora assisti e até cheguei a ajudar na busca desse tal mapa. Daí para me escolherem mensageiro vai uma distância enorme.

MANUELA — É um dever seu, Lopo!

LOPO — Cada qual com seu ponto de vista.

MANUELA — Certos pontos de vista são universalmente idênticos — este, por exemplo...

LOPO — Vocês portugueses fizeram de meus pais escravos, roubaram-lhes os ares da pátria, mas não modificaram nosso modo de ser. O verdadeiro homem curva-se às injunções, mas não modifica sua essência, nem declina de sua liberdade interior. Eu penso como penso — e pronto.

FREI — Não temos tempo para discussões estéreis, pois você precisa ainda decorar o mapa, já que não pode levá-lo. — É um documento secreto e ainda poderemos precisar dele.

LOPO — Frei Vicente, eu não irei em busca dos noviços. Sairei daqui dentro em pouco, mas para o barco que me espera em Cabedelo.

JOSÉ — Você perdeu o juízo, Lopo?

LOPO — Nunca estive tão seguro de mim.

BEATA — Vejam o que é criar-se uma cobra no seio! — Afinal, não passa de um escravo!

LOPO — Por ser escravo, como diz a senhora, é que não tenho obrigação de salvar descendentes de traficantes de mercadoria humana, que se locupletam na miséria alheia para engrandecer seus reinos.

JOSÉ — Pelo visto, você odeia os brancos.

LOPO — Deveria admirá-los? — Admirar os pançudos comilões do alheio, os abutres aplaudidos pelas conquistas, pela pirataria, pelo descabro? — Admirar os ladrões, corsários do mar, aventureiros, que, por onde andam, passam e deixam a desgraça e a dor?

MANUELA — Não temos nada a ver com pirataria e conquistas, antes somos vítimas desses mesmos aventureiros. E é no combate a eles que estamos empenhados.

LOPO — Uma portuguesa com ares de brasilidade! — Você, filha de um reinol que aqui veio espoliar a terra, como outros tantos!

BEATA — Façam este negro conhecer o lugar dele, que isto é um desaforo!

LOPO — A senhora — quem é a senhora, que só falta mesmo dançar e cantar o fado em honra às terras do Alentejo³¹? — A senhora, cujas virtudes cheiram às da

³¹ No século XVII, esta região portuguesa era bem pouco povoada. Todavia, foi nessa área que, no século XIII, Ordens Religiosas Militares se alocaram, exercendo “funções de relevo não só durante a reconquista, terminada em 1249, como na posterior exploração e colaboração de territórios anteriormente sob domínio árabe. Embora o seu período áureo tenha terminado quase logo após a reconquista (foram

raça — a ganância, que submete à servidão os povos despreparados; a soberbia — que os faz sentirem-se a mais pura raça da terra! — Que nojo! (*Escarra.*)

MANUELA — Lopo, você está sendo tremendamente injusto. Lembre-se que aqui chegou *sem lei nem grei*³² e foi recebido como a um filho. — Aqui estudou e preparou-se para ser gente.

LOPO — De quem é a culpa de eu ter chegado aqui *sem lei nem grei*? — Quem arrancou os meus de sua terra natal? — Vocês, os magnânimos, acostumados a fazer de seres humanos os degraus com que alcançam o poder. Assim fizeram com meus pais — mas comigo não farão!

MANUELA — Você é um ingrato, Lopo!

LOPO — Não tenho o que agradecer — nem a você: que nunca me descreveu as cores do arco-íris, nem a curva suave que ele descreve no horizonte...

MANUELA — Nosso Pai sempre confiou em você.

LOPO — Nunca dei provas do contrário!

MANUELA — Está dando — agora!

anexados à coroa em 1551), é curioso verificar que as áreas de maior concentração de povoamento e aquelas onde parece ter havido tendência para aumento de população coincidem em grande parte com anteriores domínios das Ordens Religiosas Militares”. Sobre isso, cf. ALEGRIA, M. F. O povoamento a sul do Tejo nos séculos XVI e XVII. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, Porto, série 1, Vol. I, p. 179-206, 1986.

³² O mesmo que “sem lei nem rei”, dado o uso antigo de *grei* como povo ou nação; ou seja, ao sabor do acaso, sem rumo, sem domínio.

LOPO — Tenho o direito de decidir meu futuro!

MANUELA — Ninguém tem esse direito — quando o bem-estar coletivo está em jogo!

LOPO — Cada qual por si e Deus por todos.

JOSÉ — Nossos amigos estão em perigo de vida!

LOPO — Ora, salve-se quem puder!

JOSÉ — Como salvar-se, se vão cair em cheio nas garras de um batalhão?

LOPO — Outro que vá socorrê-los...

JOSÉ — Outro quem, pelo amor de Deus?

LOPO — Alguém que tenha piedade de brancos — alguém cujo patriotismo fale mais alto que o egoísmo...

MANUELA — Alguém que... — Agradecida, Lopo, você me mostrou o caminho.

LOPO — Mostrei? — Então não há tempo a perder...

MANUELA — Claro que não perderei. (*Ao Frei.*) — Pai, eis-me aqui, serve do Senhor...³³ Garanto que antes do anoitecer estarei a postos para seguir viagem — a demora é decorar o mapa.

FREI — Você, Manuela? (*Um tempo.*) — Então... que seja feita a vontade de Deus! — Irmã Beata, vá procurar

³³ Referência ao versículo bíblico do Novo Testamento (no Evangelho de Lucas 1:38), em que, diante da “missão” anunciada pelo Anjo, Maria se põe disponível ao que se faça necessário, sem quaisquer questionamentos.

o alforje e o pombo-correio. Logo que a menina se inteirar do roteiro, partirá. Começemos...

Aberto o mapa, se debruçam ambos sobre ele.

Música contínua.

A Irmã Beata se retira. Os demais permanecem em atitude expectante, até que, de um salto, Lopo se aproxima.

LOPO — Eu seria o mais covarde dos homens se consentisse que uma mulher levasse a cabo missão reservada unicamente aos homens.

FREI — A bravura e a nobreza não são apanágios de varões e sim de seres que conhecem a fundo o seu dever.

LOPO — Não é possível expor Manuela a tantos percalços.

MANUELA — Estou disposta a enfrentá-los.

LOPO — Fui um fraco, um egoísta — deem-me uma oportunidade.

MANUELA — Agora? — Quem poderá garantir se você é sincero?

LOPO — Eu quero ir! — Estou pedindo para ir!

MANUELA — Não iria você vender os noviços? — Não se tornaria você um segundo Calabar?

LOPO — Manuela, bem sei que mereço todo o seu desprezo — mas deixe-me levar a cabo esta missão!

MANUELA — Você mudou muito depressa!

LOPO — O que vale é que mudei! — Acreditem em mim, por favor!

FELIPE (*que se mantivera afastado e pensativo*) — O que o fez mudar, então — um repentino assomo de patriotismo?

JOSÉ — Um repentino perdão à raça portuguesa?

LOPO — Não, apenas a atitude de Manuela. Ela é valorosa demais para morrer à toa. Pai, eu lhe suplico, deixe-me ir em busca dos noviços. Quero me redimir de minha covardia. — Por Deus, meu Pai!

FREI — Você já está redimido. Vamos estudar a cartografia. Eis aqui o carvalho³⁴...

BEATA (*entra*) — Eis aqui o alimento, no seu alforje, o marrom. Tirei-o porque, naturalmente, não iria mandar o meu, o branco. Nesta caixa vai Francisco, o pombo mais velho. Cuidado com ele, Manuela. Lembre-se de que só tenho três de resto. Vieram do reino, comigo: eles, minha manta e meu alforje branco.

³⁴ O carvalho é uma “árvore sagrada em numerosas tradições”, sendo, “em todos os tempos e por toda parte, sinônimo de força: e essa é claramente a impressão que dá a árvore na idade adulta. Aliás, carvalho e força exprimem-se pela mesma palavra latina *robur*, que simboliza tanto a força moral como a força física” (Cf. CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, op. cit., p. 246).

MANUELA — Eu já não vou — Lopo tomou-me o lugar.

BEATA — Ah, conseguiram dobrá-lo? — Negro teimoso!

MANUELA — Ele decidiu espontaneamente.

BEATA — Que milagre! — Um preto de alma branca! —
Pelo menos a alma!

FREI (*para Lopo*) — ... segundo explica o mapa, você deve deixar a estrada real no Engenho Doce, seguindo diretamente ao Leste até encontrar o carvalho. Daí, caminha duzentas braças ao Sul, quando verá o monte que esconde a gruta. Descoberta a entrada, seguirá por dentro da rocha, cuja saída vai dar no lugar chamado Tuiuiú. De lá, às margens do Paraíba, não tem errada — é encontrar os rapazes... e trazê-los de volta. Daqui poderão se orientar melhor, caso queiram entrar em combate. Não faltarão oportunidades. O que não devem é cair, gratuitamente, nas mãos do inimigo. — Tudo certo?

LOPO — Tudo certo. E o pombo?

FREI — Caso você caminhe a noite toda, sem erros, ao amanhecer estará na entrada da gruta. Aí, então, soltará o pombo, a fim de avisar-nos de que tudo correu bem. Viajar à noite tem a vantagem de encontrar menos gente, principalmente holandeses... havendo maiores probabilidades de êxito. Não percamos tempo — siga caminho, que aqui ficaremos rogando a Deus por você. — Avante!

LOPO — Sua benção, Pai.

FREI — Deus abençoe a todos.

LOPO — Manuela... perdoe ao verme que ousou olhar também o arco-íris...³⁵

MANUELA — Até a volta, quando conversaremos...

BEATA (*entrega a caixa e o alforje*) — Vê se volta mais humilde — e cuidado no alforje marrom do Frei Vicente e no pombo Francisco, que é meu... — meu, está ouvindo?

Profundamente comovido, Lopo recebe as coisas e sai, sem se voltar. Os demais ficam em atitude de respeito.

Música. A luz morre aos poucos. Tempo.

CENA 15

(Manuela e Felipe no proscênio.)

FELIPE (*abre os braços para sentir a brisa*) — Este vento vem do Norte e prenuncia chuvas: o céu, deste lado, está cinzento. Grandes massas de nuvens caminham vagarosas, pejudas d'água — dei a lição certa?

MANUELA (*indiferente*) — Mais ou menos...

³⁵ Aqui fica claro o percurso de Lopo, no nível simbólico, como um *psicopompo*, ou seja, enquanto aquele que abre o caminho para uma jornada de salvação e redenção, inclusive em níveis metafísicos, mesmo que ainda ressoe o prejuízo em face de sua posição étnica.

FELIPE — Para os lados do poente, existe uma ligeira coloração arroxeadada como restos de tristeza pelo enterro do Sol — adivinhei?

MANUELA — Está usando terríveis lugares-comuns...

FELIPE — Também não passamos de criaturas comuns — nada de original em nós.

MANUELA — Não estou para tiradas poéticas, nem para sofismas, enquanto o pombo não voltar com notícias de Lopo.

FELIPE — Por que esta emoção súbita? — Descobriu, afinal, que o ama?

MANUELA — Descobri que ele é um sujeito formidável e que, pela minha segurança, renunciou ao que mais sonhava — voltar à terra dos pais.

FELIPE — Foi tocante a cena de ciúmes que ele fez: ciúme das cores que eu não posso ver, das formas que não posso admirar — ciúmes do que está como você — distante e intocável para todos nós...

MANUELA — Lopo pensa que eu gosto de você — é só.

FELIPE — Não sabe ele que você é uma Julieta finória, que dá corda a quantos Romeu apareçam...

MANUELA — Pare com esse assunto... — Hoje estou triste, muito embora saiba que, se Lopo morrer, ele vai encontrar a liberdade com que tanto sonha. Libertar-se da cor, que tanto o oprime; dos preconceitos... estar difuso em todas as coisas e, ao mesmo

tempo, ter todas as coisas infusas dentro de si... — É a eternidade.

FELIPE — A eternidade — ou o *não-ser*?

MANUELA — Como é horrível, Felipe, não acreditar em nada!

FELIPE — A que você quer, afinal, que eu dê crédito? — À escuridão que me envolve? — À incerteza dos passos que me levam sempre ao desconhecido? — À ignorância total de minhas origens?

MANUELA — Seu fardo é, na realidade, muito pesado. Mas deve ter tido uma razão de ser, porque nada nos vem por acaso...

FELIPE — Não voltemos às discussões estéreis de sempre. Ora, nada nos vem por acaso...

MANUELA — Felipe, nós estamos sentados num banco. Este banco não apareceu por acaso — alguém pegou a madeira, deu-lhe a forma de banco e aqui o colocou.

FELIPE — Que exemplo convincente!

MANUELA — É simples, mas daí pode-se partir para o complexo. Essa laranjeira, por exemplo, não dá laranjas por acaso. Há nela uma consciência lúcida que a faz nascer, crescer e frutificar. Se ela fosse obra do acaso, poderia, também por acaso, dar bananas ou outra qualquer fruta...

FELIPE — Você acha, então, que não é por acaso que nós dois nos encontramos nesta casa — você, depositada

num convento de beatas; eu — cego e sem pátria... vir rolando, ao léu, para encontrá-la justamente aqui?

MANUELA — Você fala como se ser cego fosse a pior coisa do mundo... — Não odeie a Deus pela sua cegueira, mas agradeça-lhe a inteligência privilegiada, a inspiração de poeta que o leva a compor coisas tão belas!

FELIPE — Inspiração... De que se nutre ela se não da angústia represada no íntimo da alma? — Que é ela, senão a projeção de desejos contidos, de sonhos irrealizados, de retalhos arrancados de nosso sangue e expostos à luz, como feridas abertas?

MANUELA — Você não sente, então, Felipe, que essa inspiração que tanto lhe dói — é a mais concreta prova de seu espírito, de sua alma imortal?³⁶

CENA 16

BEATA (*entrando*) — Até que enfim! Já pusemos todo o mosteiro em polvorosa, à procura de vocês, e os dois arrulhando aqui, como se o mundo não estivesse de pernas para o ar!

³⁶ Nesta fala, percebe-se a antecipação de uma tópica relevante ao desfecho e que atua na mutação operada sobre o *ethos* de Felipe, no que se refere a uma espécie de relação (a ser valorizada) entre o divino e a representação das coisas sensíveis (especificamente no que se refere à linguagem ou à *poiésis*) tudo isso se tornando uma espécie de *pan-sofia* – compreensão da totalidade do saber humano, em franca dimensão metafísica por se voltar a uma espécie de sabedoria universal.

MANUELA — O que houve? O pombo já voltou?

BEATA — Você acha mesmo que ele ia voltar? — Eu nunca me enganei com aquele negro — a estas horas deve estar bem de seu, tomando vento na proa do barco, e o pobre do Francisco deve ter servido para um bom jantar — pombo frito ou à escabeche... pobrezinho...

MANUELA — Não é possível! A senhora está enganada, não pode ser...

BEATA — Vão embora depressa que Frei Vicente já mandou cascaviar todo o convento à procura de vocês.

Os três caminham até o centro do palco onde está Frei Vicente. Luz.

MANUELA — Alguma notícia, Pai?

FREI — Meus filhos, infelizmente, até agora, nada. Dois dias e nem Lopo nem o pombo. Estou a crer que foram sacrificados. Enquanto isso, veio José avisar que tropas inimigas marcham em direção ao trecho onde estão arranchados, não só os meninos, mas os homens de todo o vale, esperando a vez de atravessarem o rio. Assim, não serão mais trinta, esperando a vez de atravessarem o rio, mas cerca de duzentos voluntários a serem esmagados por milhares...

FELIPE — E o senhor ainda pensa em mandar alguém lá?

FREI — Acha justo deixá-los enfrentar a morte?

FELIPE — Morrer cá ou lá não faz diferença. As tropas holandesas, bem armadas, virão de qualquer forma e esmagarão quem quer que se ponha em frente. Se esses homens voltarem, aqui morrerão também...

FREI — Mas, aqui, poderão defender diretamente seus lares, suas mulheres, seus filhos... e talvez a guerra nem chegue a tanto...

MANUELA — Ou poderão formar uma resistência mais bem estruturada — meu Deus, que situação angustiada!

FELIPE — Vocês, que sempre se acobertaram na paz dos conventos, têm medo de sofrer. Mas, a vida, em si, é uma sucessão de momentos bons e maus, um eterno ganha-e-perde, em que se afogam as gerações até que nada mais venha a restar.

FREI — Deixemos as digressões de lado e tratemos do salvamento das tropas.

FELIPE — A esta altura não existe mais ninguém lá.

FREI — Houve chuvas e o rio ainda não baixou.

FELIPE — Isso não quer dizer que eles ainda estejam esperando.

FREI — Tudo indica que sim — e constatar é o nosso dever.

FELIPE — Constatar... o senhor só não vai encontrar quem constate!

FREI — Existe alguém que poderá fazê-lo.

FELIPE — Quem?

FREI — Manuela.

FELIPE — Isso é rematada loucura!

BEATA — Um momento! Embora não goste de me meter, desta vez, proíbo Manuela de obedecer ao senhor. Se Lopo e o pombo, como o senhor mesmo disse, foram sacrificados, que quer o senhor fazer? — Sacrificar mais dois?

MANUELA — Agradecida pelo interesse, Irmã, mas sua intervenção não foi por mim e sim por outro pombo que venha a ser sacrificado. Pai, eu vou.

FREI — Então, aproveitemos a noite. Irmã, prepare novo farnel e novo pombo para já — e sem comentários! — Manuela, estudemos o mapa.

MANUELA — Quase que o tenho em mente. Estudei-o com Lopo. Sei qual o ponto da estrada real, pois, antes de chegarmos aqui, estivemos no Engenho Doce. Daí em diante...

FREI — O mapa é claro, veja. Neste trecho as árvores são todas de porte médio, só o carvalho se ergue, alto-neiro, sobre as demais.

MANUELA — É, deve-se avistá-lo de longe. — Olhe, Pai, aqui se nota bem uma espécie de cerca natural, de pedra, beirando o caminho a seguir. Eu vou fiada nessa cerca. Pelo desenho, ela dá a direção do carvalho. — É uma reta, não acha?

FREI — Você é uma bandeirante nata!

BEATA — O espírito de aventura dos portugueses! (*Vai saindo.*)

MANUELA (*aguda*) — O faro de índio!

FELIPE (*após hesitação*) — Por mais estúpida que seja esta empresa, você não irá sozinha — eu também vou.

FREI — Sua companhia só iria dificultar a marcha. Sozinha, ligeira de pé e passo como é, Manuela transporá como gazela todas as dificuldades. Você só serviria para atrapalhar.

FELIPE — Não me lance em rosto minhas limitações, meu Pai.

FREI — Forçoso é sermos realistas — deixá-la ir só...

FELIPE (*angustiado*) — Onde está este Deus, que assiste indiferente ao sacrifício de jovens inocentes? — Lopo, que sonhava voltar à terra natal, morreu inutilmente, por uma causa perdida — ele que nada tinha a ver que o Brasil pertencesse a portugueses ou a holandeses! — E, agora, Manuela!

MANUELA — Lopo poderia nada ter a ver com isso: mas eu tenho — e muito!

FELIPE — Menina, você não vê que vai ser morta do mesmo jeito? — Se Lopo, que era homem, não pôde se defender...

MANUELA — Talvez comigo seja diferente. Nada levo que indique tratar-se de um mensageiro. E, aconteça o que acontecer, enfrentar perigos faz parte de minha contextura. (*Aproxima-se dele.*) — Não fique

triste. Um dia ainda nos encontraremos, nesta ou em outra vida, e juntos fitaremos o arco-íris³⁷. Quem sabe, eu — cega, e você — enxergando... — Aí, então, você dirá — *O arco-íris é feito de faixas roxa, vermelha, azul... e toda essa beleza tem um criador... e ele está infuso e difuso aqui, aí, além do arco-íris...*

BEATA (*entra*) — Aqui está o meu farnel branco que eu ainda trouxe de Portugal. Aqui está Laurindo, o penúltimo pombo. Este farnel tem dois V – um vai e o outro volta...

MANUELA — A senhora é muito generosa me emprestando o “seu” farnel. Ele voltará, eu lhe garanto. — Pai, estou pronta. Sua bênção... (*Vai se afastando. A luz morre em resistência.*)

³⁷ Desde a partida de Lopo, vislumbramos que não há só uma dimensão autossacrificial, mas um movimento que apontaria para uma espécie de catarse coletiva, em face do movimento societário e histórico, pelo qual, um a um, os jovens vão sendo conduzidos àquela transmigração, tanto humana quanto metafísica. Isso fica ainda mais exacerbado quando pensamos nos sentidos que, até este ponto, foram atribuídos ao *arco-íris* enquanto vislumbre da beleza no mundo, acessível aos olhos, mas, também, mediante a comunicação de outrem. Fenômeno óptico, o *arco-íris* parece ser, assim, um traço distintivo entre as vivências e as vidências – posto que cada personagem carrega sua própria mácula (por exemplo, o negro se atreve a desejar ver o belo no mundo, o que lhe fora sempre negado, e isso parece ser uma espécie de pecado; ao cego é negada a visão direta do fenômeno, mas, por outro lado, ainda pode ter acesso ao belo via a construção da palavra poética, que nomeia e descreve as coisas (pelo concurso da ação de Manuela) o que, afinal, atua sobre o seu estar no mundo, como se pode atestar no desfecho da trama.

CENA 17

BEATA — Onde andar a esta hora a pobre Manuela? —
Que lhe terá acontecido nesta terra de devassidão!?
— Talvez já esteja respondendo no tribunal eterno
pelos pecados cometidos. — Lopo, nem por isso —
era homem, escravo liberto, tudo para ele são rega-
lias!

FREI — Um ser humano é sempre igual ao outro, Irmã!

BEATA — Ah, não, até no Ceu nos temos as hierarquias.
Lembre-se que l existem castas — os querubins, os
serafins... — Ah, meus pobres pombos e o meu pobre
farnel branco — Foi-se!

FELIPE — Está chovendo e pelo visto vai chover grosso!

BEATA — Por que *pelo visto*, se você não enxerga nada?

FELIPE — Não enxergo, mas sinto — ou a senhora quer
me tirar todos os sentidos?

FREI — Desceu até a Pedra do Caminho? — Alguma not-
cia?

FELIPE — Tudo nas mãos dos holandeses. Nassau, em
Olinda e Recife, falando ao povo, nas ruas. E a resis-
tncia agindo, mas, a cada holandês morto, paga um
brasileiro. —  o fim.

FREI — O fim de um ciclo é sempre começo de outro. Não
há ninguém que reine eternamente — são Deus, essa
energia geradora e movimentadora de todas as coi-
sas.

FELIPE — Deus — quem prova a existência de Deus?

FREI — As coisas criadas provam a existência do criador.

FELIPE — Os infelizes são como São Tomé.

FREI — Se você pudesse contemplar o céu, à noite...

BEATA — O céu de Portugal...

FREI — Não, esse céu brasileiro, o mais lindo de todos...

— Se você pudesse contemplar as miríadas das galáxias, cada qual com seu ritmo próprio, cada qual obedecendo a determinadas leis — e isso se estendendo infinitamente... — Acha que o acaso faria tanta perfeição?

FELIPE — Perfeição... perfeição de um Criador, de um Pai, como O chamam, que deixa nascer um filho cego, outro paralítico, outro doido... — Que Pai é esse que se compraz com as contorções de dor dos filhos, sem lhes propiciar consolação ou lenitivo?

BEATA — Felipe se revolta com uma cegueirazinha, avalie quando estiver sofrendo as penas eternas!

FREI — Essas penas só existem na cabeça dos que não entendem que as vidas obedecem a ciclos, sempre tendendo à perfeição total — e nos ciclos se alternam o Bem e o Mal, como polaridade positiva e negativa, ambas objetivando um fim comum.

JOSÉ (*entrando*) — Pai... tudo perdido, Pai...

FREI — O que foi, José, está ferido? — Irmã, Felipe, acudam José que está sangrando...

JOSÉ — Pai... eu fiquei preocupado com Manuela... quis segui-la à distância... ela se adiantou muito... quando pensei alcançá-la... também fui ferido... pelo mesmo holandês embocado...

FREI — Santo Deus...

JOSÉ — Me acreditando morto... ele tomou meu farnel e foi comer, de costas... arrastei-me e meti-lhe o punhal... muitas vezes...

FELIPE — E notícias de Manuela?

JOSÉ — Aqui estão... os alforjes... ele os conduzia consigo...

FREI — Lopo e Manuela...

BEATA — O marrom, o seu; o branco, o meu... dois V... foi e voltou...

JOSÉ — O caminho... agora... está livre... Alguém deverá ir...

FREI — Sim, alguém deverá seguir, mas... quem!?

FELIPE — Eu — eu irei em busca dos homens.

FREI — Irmã, a senhora e Felipe, levem, depressa, José para o leito. E enquanto a senhora lhe presta os socorros de urgência, Felipe volta para conversamos.

Levam José para um lado. Felipe volta.

FELIPE — Estou às ordens, Pai. Agora é minha vez.

FREI — Não posso mandá-lo, meu filho.

FELIPE — O senhor me acha tão incapaz assim? — Eu tentarei acertar — Manuela falou naquela cerca de pedra — poderei encontrá-la...

FREI — Não é isso. A empreitada é perigosa — você pode morrer.

FELIPE — Que desculpa idiota — Lopo, que odiava a terra e sonhava retornar às origens, o senhor levou-o ao extermínio; Manuela, a inspiração de todos nós, a alma desta casa, a beleza sem jaça, a bondade sem par — o senhor atirou à morte! — E eu — que tenho eu que não posso ir? Qual o meu privilégio — ser cego?

FREI — Sim.

FELIPE — A cegueira é uma condição intrinsecamente minha — e eu a assumo. Deixe-me ir — lá chegarei mais facilmente porque a um cego ninguém vai molestar, nem vai desconfiar de que esteja incumbido de qualquer missão — a um cego todo mundo até aponta o caminho... (*Amargo.*) — Veja, até que já encontro virtude na cegueira...

FREI — Não, Felipe, não é à cegueira física que me refiro, mas à espiritual — por isso você não pode morrer. Cada um de nós vem ao mundo aprender preciosas lições... a mais importante delas é, sem dúvida, a descoberta de Deus — e você ainda não O descobriu.

FELIPE — Isso só a mim diz respeito.

FREI — A mim também que aqui estou para encaminhar as almas. Você, que aqui chegou há alguns anos, oriundo de tantas terras, aprendeu tão bem as ciências humanas, mas as divinas — não! — Você que possui um cérebro privilegiado, é o pior de todos os cegos — porque não quer ver!

FELIPE — Não tive culpa de nascer assim. Se culpa há — cabe a quem não me deixou contemplar a magnificência de sua obra.

FREI — Esta obra está infusa e difusa em tudo!

FELIPE — O senhor me falou da grandiosidade das galáxias, desafiando o infinito... falou da perfeição das leis que as regem... crê em Deus porque pode ver tudo isso. — E eu, vejo o quê?

FREI — Não é necessário ver a Deus para acreditar n'Ele. — Basta senti-Lo.

FELIPE — Senti-Lo em quê?

FREI — Desde que as rosas são rosas e os lírios são lírios que elas possuem formas e odores peculiares. Desde que os frutos são frutos, conservam o mesmo sabor e a mesma forma original. Dentro de seu corpo há um aparelho digestivo que cuida das trocas e assimilações inerentes à sua manutenção. Nele, existe também um aparelho respiratório, cuja função é oxigenar o sangue, que, por sua vez, desde sua existência material, é bombeado para milhares de vasos pelo órgão nobre.

— Você, Felipe, não vê as rosas, mas lhes sente o perfume; não vê os frutos, mas lhes sente a forma e o sabor; não vê seus órgãos internos, mas digere, respira e conhece o pulsar do coração...

— Será que não dá para entender que tudo isso, agindo em perfeita consciência, obedecendo a certas e determinadas leis — não dá para entender que, tudo isso, tem que ter um comandante?

FELIPE (*como que sonhando*)

— Astros e homens e mundos
têm que ter seu comandante?!

.....

— Suas leis regem as galáxias.
os sóis que emanam clarões
de anos-luz, gira girando
solitárias amplidões!

— Regem os espaços vazios,
desertos-vácuos sem fim,
galopantes ventos frios,
ciclones e furacões,
Zéfiros loucos, vadios,
a correr as solidões!³⁸

³⁸ O datiloscrito que serve como base para a presente edição é composto de 26 folhas. Estas falas, em versos, de Felipe, acabam exatamente nesta estrofe na folha numerada como vigésima quarta. A folha seguinte, numerada como 25, é a cópia da folha, de mesmo número, parte do primeiro datiloscrito – ou seja, da primeira versão

— Regem – invernos, estios,
 as marés tonitruantes,
 regem caudalosos rios,
 e filetes murmurantes,
 regem planícies fecundas,
 vales, grotas, precipícios,
 quer no abismo ou nas alturas
 — em tudo estão seus indícios.

— Rege a seiva que em silêncio
 sobe do tronco ao botão,
 o sangue que faz compasso
 batido no coração!
 Regem o furor da maldade,
 o suspiro do perdão,
 os clarins da liberdade,
 o gemer da escravidão!

— Conhecê-Lo — não importa
 ter na vista projetados
 seus mil corpos – se este corpo
 obedece a Seus chamados!
 — Já que somos homens e astros

deste texto, que compõe o processo de liberação da peça para montagem, remetido à censura federal em Brasília-DF. Optamos, por reproduzir todo o “Poema de Felipe”, que consta em folha não numerada, mas anexa ao testemunho em cotejo. Esta opção é justificada pela unidade temática e pela sua função dramaturgica que aponta, assim, para a elocução dessa mudança de consciência, tão relevante à jornada da personagem.

da mesma essência formados
 — se há tanta luz no espaço
 — por que meus olhos nublados?

— Nublados – e eu, que ansiava
 ver auroras e arrebóis,
 meios-dias rebordados
 por miríades de sóis;
 ver — em seus olhos guardado
 todo o fulgor do universo
 para um dia transformá-los
 num arco-íris de versos...

— Deus é a força de tudo
 Que existe por céus e terra,
 que encerra toda a vida
 e tudo o que ela encerra!

— Deus é tudo o que há beleza,
 graça, luz, inteligência,
 pureza e felicidade.

— Deus é nossa consciência!

FREI (*comovido*)³⁹ — O seu fervor me venceu, Felipe. Você
 irá! E como não podemos perder mais tempo, vamos

³⁹ Esta fala do Frei precisou ser recomposta, mediante o cotejo mencionado na nota anterior, pois ela ficava incompleta e sem sentido na última página que consta no datiloscrito, o que é justificado por uma superposição de folhas, de modo a evitar a repetição do processo de copiar à máquina todo um texto, neste caso, em face do processo de reescrita.

estudar o mapa. (*Desdobra.*) — Já que você não enxerga, tomemos essa caixa de areia e façamos os contornos em relevo. (*Começa a erguer o mapa no chão, enquanto Felipe acompanha, com as mãos.*) — O caminho se abre até se estreitar como uma trilha de pastores. Lá adiante, abre-se a gruta, junto ao descomunal carvalho, desafiando os céus...

FELIPE — Já sei de cor o caminho, pois quando os outros o estudavam, eu já prestava atenção. — Tenho pressa em seguir, Pai, dê-me sua bênção.

BEATA (*que, em um canto, cuidava de José, cobre-o com um lençol branco, dando a entender que ele morreu*) — Precisamos chamar gente para levar o corpo.

FREI — Vai a senhora. Antes, porém, prepare o alforje e o último pombo. — Felipe vai em busca dos homens.

A Beata sai e volta com o solicitado. Enquanto isso, Felipe vai até José, ajoelha, concentra-se e volta. O Frei medita.

BEATA — Eis aqui o alforje branco, o que Manuela levou. Desta vez, se não lograr êxito, pode ficar por lá mesmo... E... aqui... o derradeiro pombo... é Paulo, o mais antigo pombo-correio... acabo de fechar, não sei se para sempre, a porta do pombal...

FELIPE — Até um dia...

FREI — Deus o abençoe...

FELIPE — Sigo em busca da Luz... em busca das cores... em busca de Manuela, a quem verei um dia... não aqui... mas, além... quem sabe se muito além... além do arco-íris... vermelho, azul, laranja, verde... amarelo... o arco-íris curvado num recanto do céu... eu irei até lá e muito além...⁴⁰ — Toda esta grandeza tem um CRIADOR...

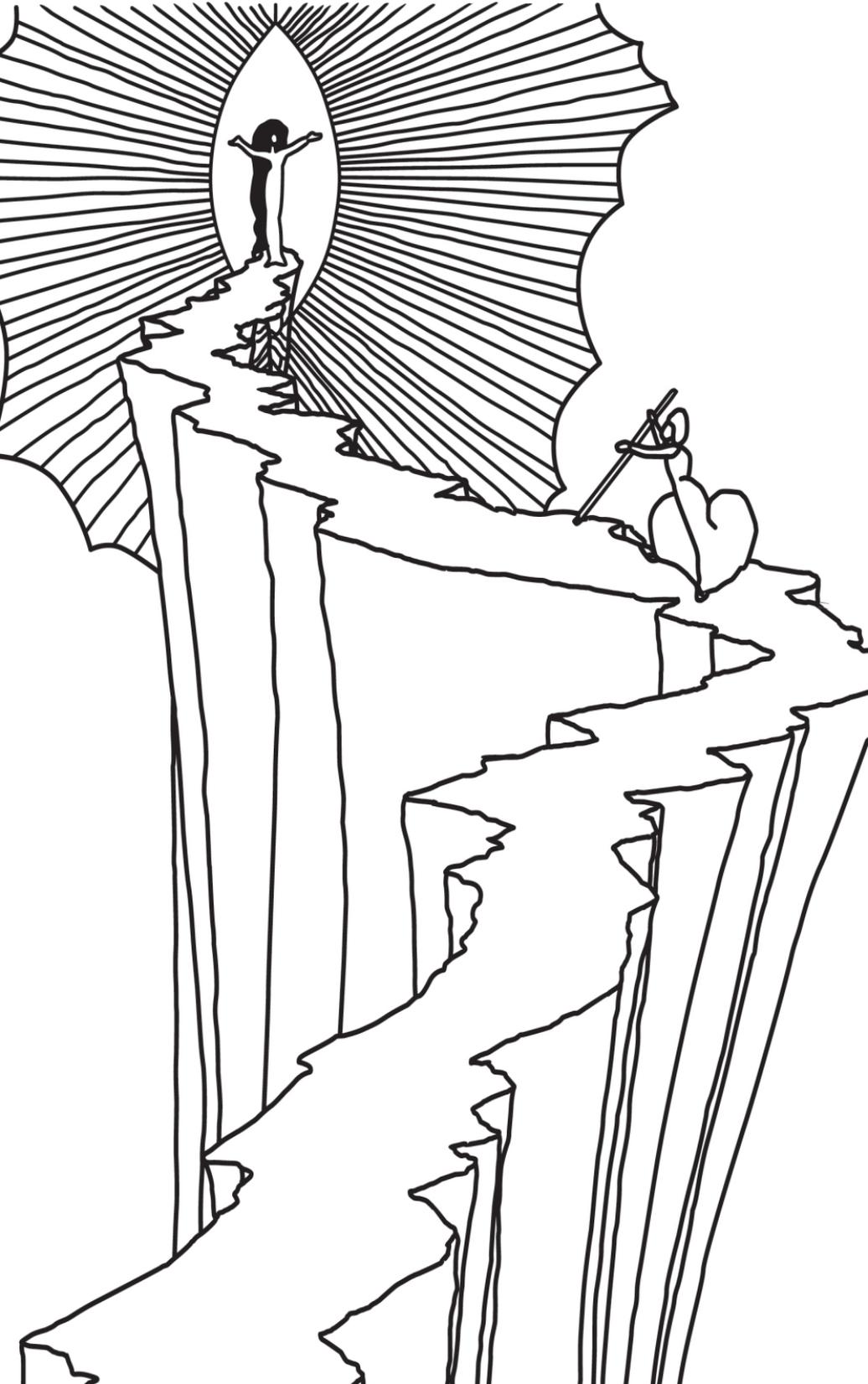
(Vai se distanciando e falando. O Frei e a Beata levantam os braços em despedidas e bênçãos. A luz passa pelas cores do arco-íris e cai, lentamente, enquanto a música, que se fazia quase inaudível, sobe intensamente.)

— ... ela não existiria se ELE não a tivesse criado...

⁴⁰ É importante, também, destacar que o *arco-íris* é, desde o título, indicado como uma passagem ou uma ponte para um *ir-além*, um devir, que conduz à renovação dos ciclos e à união dos princípios contrários. No imaginário judaico-cristão, o arco-íris aparece em diversos textos bíblicos como a materialização, como sinal, das promessas e da aliança travadas entre Deus e os que o teme e o seguem.

*Ninguém morre...
a gente apenas se encanta,
se muda para renovar-se,
para reencontrar-se...*

L.R.



o reino de preste joão

1993

PERSONAGENS

CRISTIAN

(poeta “ungido”)

MIZAR

(candidato à Cavaleiro)

MAGO

(conselheiro)

FRATER ADIVINHO

(oráculo)

MERLIN (CEGO, BRENO, CAMINHANTE)

(mago protetor)

SOFIA

(moça das vinhas)

SOFIA

(dançarina cigana)

FIANDEIRA

FANTASMA

DANE e RIVO

Grupo de SALTIMBANCOS

MINISTRO

JAZON

Quadro 1

Câmara ardente. No centro, um esquife, ladeado por quatro grandes velas acesas.

Delicada fumaça desprende-se de um turbulo e sobe, em volutas, espalhando no ar forte cheiro de incenso.

Pouco a pouco, vão chegando vultos e, um a um, ajoelham-se em redor do féretro. Ouve-se o soar discreto de uma sineta, uma batida soturna de tambor e vozes masculinas começam a entoar um mantra.

VOZES — *Aum... Om..*

VOZ (*grave e lenta*)

— Vai, Espírito — é hora
de seguires teu caminho!

VOZES — *Aum... Om...*

VOZ — Não haverá sol nem lua,
teu tempo não volta mais!

VOZES — *Aum... Om...*

VOZ — Sozinho, como nasceste,
vai em busca de outro mundo!

VOZES — *Aum... Om..*

VOZ — Os prantos atrás ficaram,
risos, atrás, feneceram...

VOZES — *Aum... Om...*

VOZ — Vai!
— Caminha pelo túnel,
como vieste — tu segues,
lançado de vida em vida
em busca de ascensão!

VOZES — *Aum... Om...*

VOZ — As ações que praticaste
adiante encontrarás...
Amigos e inimigos
contigo logo estarão!

VOZES — *Aum... Om...*

VOZ — Vai!
— Há luz no fim do túnel,
e mãos que te apoiarão!
— O caminho terá volta
numa outra encarnação!

VOZES — *Aum... Om.. Aum... Om...*

Os vultos ficam de pé, mãos ao alto. Cantam, em recto tono¹.

¹ Termo musical que se refere a um “tom reto”, muito comum às práticas performativo-musicais do *cantochão*.

TODOS — Tu és a noite infinita,
Tu és o vasto silêncio!
— És o deserto sem limites,
és quietude imensa!
Escuridão luminosa
e solidão povoada!
— És doloroso mistério,
deslumbramento, alvorada!
Ser anônimo, obscuro,
face eterna, desvendada!
— Ausente sempre presente,
começo e fim de jornada!
Morte e vida, morte e vida,
sempre Tudo e sempre Nada!
Morte e vida, morte e vida,
és partida e és chegada!
— Ausência sempre presente,
sempre Tudo e sempre Nada!

*Choro de carpideiras. As tochas se apagam
de vez. Escuridão total. Batidas de tambor
encerram a cerimônia.*

Quadro 2

CRISTIAN² (*só, escreve na lousa*)

- Alma aturdida... diante da tormenta...
- sobre a urze e o espinho ajoelhada...
- Cisma... e a sofrer, prossegue...
- grave, lenta... — À procura de quê?
- Da sombra amada...

MAGO³ (*entra*) — Que fazes, Cristian?

CRISTIAN — Escrevo, Mestre.

MAGO — Poemas... — Com o Pai morto?

² Este nome, obviamente, significa “cristão”, dada a sua origem no latim *Christianus* [de *christianu*, literalmente “cristão”; da palavra *Christós*, do verbo grego *chrío*, a saber, “ungir”]. Por isso, *Cristian* é também entendido como o “ungido por Cristo”, “consagrado a Cristo”, “seguidor de Cristo”, em todos os seus aspectos religiosos, místicos e esotéricos em amplo aproveitamento pela dramaturga. Cf. DICIONÁRIO de nomes próprios, <<https://www.dicionariodenomespropios.com.br>>

³ Esta peça desenvolve uma *jornada do herói* (na perspectiva do *monomito*, como foi proposto por Joseph Campbell [*O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007]). Por isso, é possível tomar esta jornada à luz das representações contidas no *tarô* enquanto revelação de um conhecimento iniciático, com fundamentos esotéricos na Cabala e nos símbolos judaico-cristãos, que aparecem em suas 78 lâminas, ou arcanos (os 22 *maiores* e os demais, chamados de *menores*). O *Mago* é, justamente, o número um (1), dentre os arcanos maiores: ou seja, o ponto de partida, pois, na medida em que ele manipula os elementos, que naquela representação, estão postos à sua disposição sobre uma mesa, pode criar um mundo ilusório e ambivalente. (Cf. JODOROWSKY, A.; COSTA, M. *O caminho do tarot*. São Paulo: Editora Campos, 2016.).

CRISTIAN — Tu sabes — a poesia é a essência de minha vida.

MAGO — És tão novo ainda para tal lirismo... — Bem: vim buscar-te para a abertura do Testamento do Conde.

CRISTIAN — Será que posso? — Sempre me acham menor para tudo.

MAGO — Hoje é diferente. — Morto o pai, devem os filhos ter acesso a certas informações.

CRISTIAN — Mizar já apareceu?

MAGO — Infelizmente não. Deve estar numa dessas tavernas que frequenta.

CRISTIAN — Temos que esperá-lo.

MAGO — A tradição tem que ser respeitada. Com ou sem ele, daremos prosseguimento aos trabalhos exigidos por Lei.

CRISTIAN — Então, vamos!

Quadro 3

MINISTRO — Em nome do Todo Poderoso, cumprimos o triste dever de tornar público o falecimento de Marcel de Montserrat, morto em defesa dos direitos de seu povo.

MAGO — Nós testemunhamos.

MINISTRO — O eminente desaparecido, na qualidade de membro da Fraternidade Branca e alto dignitário da Seita dos Iluminados...

CRISTIAN — ... Iluminados... — É magia?

MAGO — *Psiiu.*

MINISTRO — ... tornou-se apto a gozar de todos os privilégios, mas, também, a sofrer todas as vicissitudes inerentes à condição de afiliado à Ordem⁴...

CRISTIAN — Não entendi nada.

MAGO — Cale-se e escute.

CRISTIAN — Escutar sem entender?

MINISTRO — Assim, ao deflagrar a luta contra as Forças do Mal, Marcel de Montserrat defrontou-se com inimigos poderosos, que não hesitaram em sacrificá-lo, para que interesses mesquinhos continuassem a comandar a Terra...

CRISTIAN — Ainda não comi, hoje...

⁴ Conforme Henry R. Loyn (*Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 84-85), os Cavaleiros do Templo, ou os Templários, foram a “primeira das Ordens Militares Religiosas, destinada a suprir e proteger os Estados cruzados. [...]. Muitíssimo populares e enriquecidos por doações durante as Cruzadas, tornaram-se poderosos na Europa e no Oriente, dedicando-se à atividade de banqueiros. [...] Acusações de heresia provocaram sua supressão (Concílio de Viena, 1312); o grão-mestre Jacques de Molai e outros foram executados e os bens da Ordem confiscados, passando para os Hospitalários e príncipes seculares. A Ordem foi restabelecida em Portugal como Ordem de Cristo”.

MAGO — Nem eu.

CRISTIAN — Minhas pernas tremem — posso sentar-me?

MAGO — Não.

CRISTIAN — Passei a noite de pé. Estou exausto.

MAGO — Tenho cinco vezes tua idade e também estou de pé.

CRISTIAN — *Upa!* — És tão velho assim?

MINISTRO — ... ultimamente, batia-se Montserrat pela preservação da liberdade do povo, liberdade de ir e vir, de fé religiosa...

MIZAR (*entra de chofre*) — Que é isto? — Deram início à cerimônia sem minha presença? — Onde está o esquite?

MAGO — Foi sepultado.

MIZAR — Sepultado? — Fedia, já?

MAGO — Tudo tem sua hora.

MIZAR — Hora! — Agora, quem marca a hora — sou eu!

CRISTIAN — Mizar! — Respeite o recinto!

MIZAR — Respeitar? — E estão me respeitando, por acaso?

MAGO — Você está perturbando.

MIZAR — Agora eu faço e aconteço! — Agora, o senhor daqui sou eu!

JAZON (*entra, aflito*) — Senhor, vamos trocar as vestes!

MIZAR — Cale-se, imbecil! (*Ao Mago.*) — Suspenda imediatamente esta maldita cerimônia e mande recommençar tudo outra vez! — Não sabem que sou o principal herdeiro?

MAGO — Há um regulamento a obedecer.

MIZAR — Ao diabo os regulamentos! — Já disse que agora sou o dono de tudo! — Ministro, pare com essa lengalenga e recomece tudo novamente.

MAGO — Mizar!

MIZAR⁵ — Cale-se, bobo velho. Às favas você e suas tradições bolorentas! — Vou dar início, agora mesmo, à minha investidura!

MAGO — Você ainda não tem voz ativa.

CRISTIAN — Não ligue, Mago, ele está bêbado!

MIZAR — Bêbado? Estou... e daí? — Se beber fosse proibido, nesta joça não haveria vinhas! — E, garanto, vou transformar este feudo num grande alambique!

JAZON — Senhor, vamos aos seus aposentos...

MIZAR — Criado insolente! — Saia daqui, logo, se não o chicoteari em pleno recinto!

⁵ *Mizar* (ou sua variante, *Mirza*) é um nome próprio de origem árabe [vocábulo que indica um cinto ou um pano para cingir a cintura, talvez apontando, na peça, para a bainha da espada de Cavaleiro, herança do Conde], e, também, o nome de uma das estrelas da constelação de Ursa Maior. Na tradição bíblica, este é o nome de um *pequeno monte*, aludido no Salmo 42.

MAGO — Ministro, já que a sessão foi interrompida...

MINISTRO — ... e nada mais tendo a acrescentar, damos por encerrada a cerimônia. Tenho dito.

Quadro 4

MAGO — Agora, Mizar, que você está sóbrio, poderemos discutir um assunto de máxima urgência e de suma importância.

MIZAR — Sei. Vou receber as insígnias de Conde... — Quero ver o testamento, saber das riquezas — tudo!

MAGO — Testamento, riquezas... nada mais existe. Tudo foi confiscado.

MIZAR — Confiscado — por quem?

MAGO — Se você não estivesse obcecado pela bebida, teria acompanhado o massacre dos nobres.

MIZAR — Inclusive nosso pai.

MAGO — A febre do poder ardeu sobre os reis, o clero rendeu-se à política, e, juntos, traíram os homens de boa fé.

CRISTIAN — Nosso pai foi covardemente assassinado como herege...

MAGO — E teve os bens confiscados...

MIZAR — Afinal, que nos resta fazer?

MAGO — Eis a carta que Montserrat deixou antes de partir.

MIZAR (*lendo*) — “Desde a Guerra dos Cem Anos,⁶ todo primogênito de nossa linhagem se arma Cavaleiro, a fim de lutar contra o Mal. Assim, por morte minha, Mizar herdará minha capa e minha espada — e ingressará no Mosteiro Essênio,⁷ como aspirante, para tomar o meu lugar...”

CRISTIAN — Não fala de mim?

MIZAR (*ainda lendo*) — “... Cristian, como é dado às letras, ingressará na Universidade de Ravena, para tornar-se intelectual. Ao Mestre Mago, peço orientar meus filhos, como sempre, até que se tornem realmente adultos. Assina: Marcel de Montserrat, Cavaleiro Templário”.

MIZAR (*após um tempo*) — Onde fica esse Mosteiro Essênio?

MAGO — Eis um mapa. Tanto a Universidade, como o Mosteiro, ficam a Leste, rumo ao mar. — É preciso partir breve.

MIZAR — Mande atrelar a carruagem, preparar criados, bagagem...

MAGO — Não há mais nada disto. Vocês viajarão a pé, como peregrinos. De criados, só as roupas.

⁶ Foi uma guerra travada entre França e Inglaterra, que perdurou por mais de um século, entre os anos de 1337 e 1453.

⁷ Desde a Antiguidade, os essênios são tidos como uma seita judaica, uma ordem – exclusivamente masculina, bastante hierarquizada e seguidora das leis de Moisés, cujos neófitos passavam por uma longa e complexa iniciação.

MIZAR — Disfarçados de pobres?

CRISTIAN — Como pobres mesmo. É o que hoje somos.
— E tu, Mestre?

MAGO — Eu também viajarei para outro lugar.

CRISTIAN — Eu preferia ficar contigo. Foste pai e mãe para nós.

MAGO — Filho, não é possível... agora não. Depois... quem sabe? — Bem, vamos nos preparar. Sairemos antes do amanhecer.

Quadro 5

Caminhada do Mago em busca do eremitério. Há uma sucessão de dias e noites. A lua muda de estação. Cantos ao longe. Chegada. O Mago faz soar o gongo.

FRATER (*de dentro*) — Quem está lá?

MAGO — É de Paz.

FRATER — De onde vens?

MAGO — Do outro lado da montanha e procuro o Frater Adivinho.

FRATER — Sua senha.

MAGO — “Tanto em cima como embaixo é uma coisa só.”⁸

⁸ Princípio da Doutrina Hermética, indicando a correspondência entre tudo e em todos os planos.

FRATER — Na paz Divina, irmão. Entra. Terás o nosso pão e o nosso chá. — O que te traz aqui?

MAGO — A tragédia. Cavaleiros do Templo foram sacrificados e entre eles Marcel de Montserrat... — Um banho de sangue!

FRATER — Fora previsto. Vivemos o final de um tempo. Que desejas?

MAGO — Vim consultar o oráculo acerca da sucessão do Conde.

FRATER — Chegaste na hora. Hoje temos lua cheia. Espera.

O Frater aproxima-se de uma tabuleta redonda, coberta por hieróglifos. Velas acesas. Incenso forte. Os dois cobrem-se com capuzes.

AMBOS (*cantando*)

— O talismã de carnelo⁹
 — a quem o tem sorte dá.
 Em ônix¹⁰ está gravado
 — todos o querem com afã.

⁹ Também chamada de *cornalina*, é uma pedra preciosa usada como talismã desde a Antiguidade, para ativar a coragem e a criatividade.

¹⁰ É conhecida como *quartzito preto* e pode ser usada em amuletos. Em alguns momentos, já foi vista como uma “pedra da discórdia”, depois como capaz de proteger quem a usasse contra más influências.

— Pelos poderes de Elêusis¹¹
 e o mistério da Cabala¹²,
 pelo ouro, pela prata
 — metais de grande teor¹³ —,
 mostrai — através do oráculo
 — a sorte do sucessor!

MAGO — Que vês?

FRATER — Acende-se o arcano sete¹⁴ — sete cavalos brancos, sete cores do arco-íris, sete notas musicais...

MAGO — Está confuso.

FRATER — O carro do setenário indica viagem longa... missão difícil... acidentes...

MAGO — Acidentes?

¹¹ Os mistérios de Elêusis eram rituais secretos e místicos da Grécia antiga, relativos às divindades do mundo agrícola, como a deusa Deméter.

¹² Aspecto do misticismo judaico, que aponta para os 32 caminhos místicos (os 10 mandamentos somados às 22 letras do alfabeto hebreu), indicando a presença divina nestes números e letras.

¹³ A alquimia propunha estudos químicos voltados à transmutação de metais menos nobres em ouro.

¹⁴ O *Carro* é o arcano sete [7] do tarô. Nesta passagem, o Frater revela (pela antecipação que é própria dos sentidos oraculares) o destino de alguém que, pela jornada e pelas provas a cumprir, alcançará uma “missão cósmica”. O número 7 simboliza um ciclo completo, o que se consolida em tantos outros setenários citados pela dramaturga (os dias da semana, as cores do arco-íris, as notas musicais etc.), enquanto graus de consciência e as etapas da evolução (CHEVALIER, GHEERBRANT, *op. cit.*, p. 910-911).

FRATER — ... sofrimento... transmutação... e, após muitas agruras, a maior das provas...

MAGO — A maior? Qual?

FRATER — ... aceitação para o cumprimento da missão cósmica.

MAGO — Missão cósmica!

FRATER — É o que a numerologia indica.

MAGO — Estranho... muito estranho!

FRATER — Na alquimia¹⁵, o enxofre, matéria da purificação, está combinado com o mercúrio e o enxofre... — três virtudes teológicas, que somadas aos quatro pontos cardeais...¹⁶

¹⁵ O *sulfur* é o enxofre puro. Há nesta passagem, talvez, uma pequena confusão da dramaturga, em face de aspectos antigos da alquimia, notadamente dos *três princípios alquímicos* para a medicina – a saber, os elementos enxofre, mercúrio e sal. No século XVI, Paracelso (1493-1541) começou um debate que visava derrubar teorias e aspectos da medicina até ali praticados. Para tanto, modificou uma teoria árabe, segundo a qual os metais surgiriam da combinação entre mercúrio e enxofre, acrescentando-lhe um terceiro princípio, o sal. Cf. PORTO, Paulo Alves. Os três princípios e as doenças: a visão de dois filósofos químicos. *Química Nova*, São Paulo, v. 20, n. 5, p. 569-572, 1997.

¹⁶ De acordo com Chevalier e Gheerbrant (*op. cit.*, p. 906), ao se associar “o número quatro, que simboliza a terra (com seus quatro pontos cardeais) e o número três, que simboliza o Céu, o sete representa a *totalidade do universo em movimento*. O setenário resume também a totalidade da vida moral, acrescentando as três virtudes teológicas – a fé, a esperança e a caridade – às quatro virtudes cardeais – a prudência, a temperança, a justiça e a força”.

MAGO — ... dão, outra vez, o número sete! — Sete! — E... este emblema?

FRATER — Este emblema... é a cruz!

MAGO — Não deveria ser a espada?

FRATER — Mas veio a cruz!¹⁷ — Quer dizer que o sucessor... em vez de Cavaleiro da Espada...

MAGO — Será Templário da Cruz?

FRATER — Cordeiro de Deus! — Em vez de guerreiro, será...

MAGO — ... religioso?

FRATER — Eis aqui. O Brasão de Cavaleiro foi bloqueado... — Eleva-se a Casa da Doutrina Hermética...

MAGO — ... iluminada pelo fogo do sacrifício — é isto?

FRATER — As torres de cristal, a laguna estelar — tudo indica o nascimento de um ser espiritual...

¹⁷ Mais uma vez, a revelação oracular aponta um conflito entre a cruz (a religiosidade, o misticismo) e a espada (as guerras e os conflitos de força), ou seja, justamente, os princípios que já caracterizam, desde seus nomes, Cristian e Mizar. Não se pode olvidar a referência à Doutrina Hermética, inclusive, já mencionada em cenas anteriores. Conforme o *Dicionário de filosofia* (dir. de Thomar Mautner. Lisboa: Edições 70, 2010. p. 365), *hermetismo* é a “tradição associada a um conjunto de dezessete tratados conhecidos como *Corpus Hermeticum*. Tratam principalmente de matérias ocultas (incluindo a astrologia, magia e alquimia), mas também têm conteúdo filosófico do gênero gnóstico e neoplatônico.”

MAGO — Um avatar¹⁸?

FRATER — O escolhido vem vindo, guardado por confrarias invisíveis... — É um espírito de antigas eras, pertencente aos antigos umbrais...

MAGO — Meu Deus!

O Mago desmaia. O Frater ampara-o.

FRATER — Irmão... volte à vida! Tens que fazer a tua parte!

MAGO — Céus! Ele é tão frágil... — como poderá cumprir tão espinhos missão? E quando? E como saberemos?

FRATER — No tempo certo, o Ovo Áurico¹⁹ nos dará o sinal.

MAGO — O Ovo Áurico? Aquela bolsa luminosa que envolve o ser?

¹⁸ Conforme Michael Amaladoss (Jesus e o avatares na compreensão hindu, *IHUonline*, São Leopoldo, n. 248, p. 11-15, dez. 2017): “Numa das religiões asiáticas, a saber, o hinduísmo, existe uma crença na proximidade de Deus dos humanos. Deus se manifesta a si mesmo na história em formas humanas e em outras formas, para proteger o povo das forças malignas. Essas manifestações são chamadas de avatares e evocam uma devoção e um louvor muito popular”. Esta é a questão a que alude o mito do Preste João, até aqui ainda não desenvolvido no enredo, mesmo que já ativo desde seu título.

¹⁹ O mesmo que *aura*, ou seja, uma espécie de nuvem luminosa que encobre os seres, muitas vezes identificada por uma forma ovoide.

FRATER — Sim. Na hora aprazada ele se tornará visível em redor e sobre o predestinado. E nós estaremos juntos para ajudá-lo.

MAGO — Ah! Mizar! — Que o Pai esteja contigo nesta hora extrema!

FRATER — Amém!

Quadro 6

Saco às costas, capa e cajado, seguem os dois, apressados, pela estrada. Em dado momento, Cristian decide-se.

CRISTIAN — Paremos. Estou cansado.

MIZAR — Parar? — Não vê que ainda nos seguem?

CRISTIAN — Conseguimos nos safar. Já estamos longe!

MIZAR — Continuam nos seguindo! — Escuta...

CRISTIAN — É o vento nas folhas secas.

MIZAR — Viu? Alguém se escondeu naquela elevação.

CRISTIAN — Não vejo nada.

MIZAR — Juro! (*Desembainha a espada.*) — Mas vou me vender caro, não me vencerão à toa...

CRISTIAN — Espere. Se forem ladrões, pouco teremos a ser roubado.

MIZAR — É o que pensas...

CRISTIAN — A espada, a capa, umas poucas moedas de cobre...

MIZAR — Tem mais, muito mais! — Trouxe um saco de ouro do castelo.

CRISTIAN — Trouxe? Tudo lá estava catalogado, embargado... — Agora a perseguição faz sentido...

MIZAR — Estás vendo aquela pedreira? — Vamos lá! (*Am-bos correm e se abrigam.*)

CRISTIAN — Agora estamos seguros.

MIZAR — Nem tanto. Olhe — um vulto na estrada. — São eles!

CRISTIAN — Não parece malfeitor. Vem devagar...

MIZAR — Disfarça! — Abaixе-se!

CRISTIAN — Veja — tropeça, arrima-se ao cajado — estará bêbado?

MIZAR — Vem em direção à pedreira! — Vou passá-lo a fio de espada!

CRISTIAN — Está doido? É um cego! — Tenha calma!

O cego aproxima-se, tateando.

Eles aguardam, aflitos.

CEGO — Quem está lá?

CRISTIAN — Somos peregrinos. Estamos descansando. Isto lhe pertence?

CEGO — Este canto, Deus me empresta por uns dias.
(*Senta numa pedra.*) — Aonde vão?

MIZAR (*guardando a espada*) — Procuramos trabalho.

CEGO — Trabalho? — Que sabem fazer?

MIZAR — Tudo.

CRISTIAN — Nada.

CEGO — Ali embaixo, no vale, há um vinhateiro colhendo uvas. Se querem trabalho, lá terão casa e comida.

MIZAR — Eu não vou. É uma cilada. — Vamos embora!

CEGO — É tarde demais. Quem os procura está chegando. São três cavaleiros. (*Barulho ritmado de cascos de cavalos.*) — Venham, aqui há um desvão que ninguém conhece! Vou escondê-los!

MIZAR — Senhor, salve nossas vidas! — Posso pagar em ouro!

CEGO — Desça rápido, idiota! E... silêncio! (*Rola uma pedra sobre o esconderijo.*) — Ajuda, Senhor!

(*O tropel se faz mais forte e estaca. Vozes.*)

DANE — Devem estar aqui — cerca a pedreira!

RIVO — A postos! — Não quero que escape ninguém!

CEGO — Que procuram, senhores?

DANE — Quem é você?

CEGO — Um cego, como vê. Moro aqui.

RIVO (*violento*) — Onde estão os fugitivos?

CEGO — Não sei de quem fala. Aqui só vivo eu.

Neste instante, do esconderijo, alguém começa a tossir insistentemente, estertorosamente.

DANE — Vive só, hein, seu mentiroso? — Vamos, invadam a pedreira e tragam, vivos ou mortos, os que aí encontrarem!

RIVO — Ao ataque! — Sem dó nem piedade!

Quadro 7

Nas vinhas. Voz feminina solfeja uma ária. Cristian, embevecido, escuta.

MIZAR — Cris! — Cris! — Acorda! — Não fazes nada além de sonhar com rabos de saias?

CRISTIAN — Sou um artista! — Amo o que é belo!

MIZAR — Por tua causa estamos parados, há quinze dias, quando já deveríamos ter chegado ao nosso destino.

CRISTIAN — Estamos readquirindo energias — estávamos famintos...

MIZAR — Energias...? — Estás de namorico com a filha do vinhateiro! — Vai, cria juízo e me empresta mais uns cobres...

CRISTIAN — Vais beber outra vez?

MIZAR — Como vou aguentar colher, separar, socar, espremer e coar uvas sem tomar uns goles?

CRISTIAN — O patrão nos serve vinho às refeições.

MIZAR — Dois canequinhos só! — Unha de fome!

SOFIA (*entra*) — O jantar está servido. Chegaram mais dois companheiros para a colheita.

MIZAR — Dois? São daqui mesmo? Conhecidos seus?

SOFIA — Nunca os vi! — Estão à mesa e vão dormir com vocês, no galpão.

MIZAR — Cris, fique aí. Vou ver de quem se trata. (*Sai.*)

CRISTIAN — Mizar quer ir embora.

SOFIA — Ir embora? — Ele que se vá, sozinho.

CRISTIAN — Temos que cumprir ordens deixadas pelo nosso pai.

SOFIA — E nós dois? Nós nos amamos!

CRISTIAN — É só um tempo. Voltarei para ficar contigo.

SOFIA — Não te deixarei ir. Estamos comprometidos.

CRISTIAN — E o dever?

SOFIA — O amor está acima de tudo. — Ou és apenas um falso, um mentiroso? Será que me enganas?

CRISTIAN — Sofia! Teu nome me enfeitiçou...²⁰ — acho que sempre te amei... quantas vidas, quantas eras... sempre!

SOFIA — Então, fica. Casaremos! Tu ajudarás a meu pai na estalagem, nas hortas...

CRISTIAN — Sou um poeta. Um cantador de gestas. Meu sonho é correr mundo... — aceitarias?

SOFIA — Sou tua. Iremos aonde quiseres. Meu destino é o teu.

CRISTIAN — Então viveremos juntos, cantaremos juntos — um dia...

SOFIA — Agora. Fugiremos. Logo mais... me fazes mulher!

CRISTIAN — Assim? Tão de repente...?

MIZAR (*entra*) — Cristian! São eles! Depressa! Fugamos!

CRISTIAN — Fugir? E... a bagagem?

MIZAR — Está lá fora, no atalho do vale! — Corramos!

SOFIA — E eu? — Vou pegar minha manta! — Esperem!
(*Sai.*)

CRISTIAN — A Sofia... acabamos de noivar...

²⁰ Sofia é um nome que vem do grego, *sophia*, ou seja, sabedoria. Cristian está cumprindo uma jornada de aprimoramento pelo amor (de forte feição neoplatônica), enquanto índice de uma vivência que se eleva pela sabedoria (nesta peça em associação às personagens femininas), que, ao ser vislumbrada, pode promover uma transfiguração, como se verá adiante, de acordo com os princípios de Jacob Boehme.

MIZAR — Desta vez quem te deixa desacordado sou eu — e te arrasto, como na pedreira... — Vem!

Quadro 8

Os dois irmãos, sentados à beira do caminho, junto a uma moita, na floresta.

CRISTIAN — Ontem você disse que me deixaria desacordado, como na pedreira — o que aconteceu lá?

MIZAR — Ah! — O cego, para poupá-lo, pôs você fora de combate e entrou duro na luta contra os três atacantes. Dois deles arrearam e o terceiro veio contra mim e eu... decepei-lhe a cabeça.

CRISTIAN — Mizar! — Você matou um homem?

MIZAR — Não tive outro jeito! — A esta altura, o cego, com você às costas, já estava a caminho... nos deixou à entrada do vale... e sumiu! — Salvou sua vida!

CRISTIAN — Eu não sabia de nada... não sabia...

MIZAR — Ah! Já passou! E olha o que eu trouxe para comemorar!

CRISTIAN — Mano, um garrafão de vinho? — Você roubou!

MIZAR — Ora, eu não podia trocar o ouro; o velho não nos pagava — foi o jeito!

CRISTIAN — Morte... roubo... — aonde você quer chegar, mano?

MIZAR — Pare de sermão! — Agora eu quero é sorver o néctar... puro néctar — quer? — Não? Pois vou beber no gargalo... como gosto... — E ficar de porre... de porre!

CRISTIAN (*enquanto Mizar bebe, começa a compor*)

— Como andas longe...

ó sombra amiga...

ai, tão antiga...

— quem és? Não sei...

Tu me persegues...

eu te procuro...

sou teu, eu juro...

— Sempre serei...

MIZAR — Néctar... dos deuses... (*Arrasta-se para debaixo da moita e adormece.*)

CRISTIAN — Dormiu, o louco. Este canto oferece segurança... — estou morto... vou dormir também. (*Mergulha na moita, ambos ficam cobertos pela folhagem.*)

Quadro 9

No mosteiro.

FRATER (*consultando o oráculo*) — Morte... houve morte! Não poderia ter acontecido! — Quem mata invoca um violento carma!

MAGO — Merlin²¹ estava presente e não evitou?

FRATER — Pelo visto, Merlin preocupou-se em salvar o menino...

MAGO — O Mizar! — Que vai lhe acontecer?

FRATER — Vejamos. As Rodas Viventes²² indicam perigo. Os jovens, adormecidos na floresta, são alvo fácil... e eles se aproximam!

MAGO — Merlin não está à vista?

FRATER — Vem chegando por caminhos vagarosos...

MAGO — Aprese-o! — Ele pode transportar-se pelo pensamento!

FRATER — Este rapaz, envolvido com ouro e vinho — forças negativas!

²¹ Personagem dos ciclos narrativos em torno do Rei Artur, onde desempenha papel de profeta, atuando sobre o nascimento e educação do rei. Com o tempo, vai sendo visto como um poderoso feiticeiro. Aqui, ele aparece como um auxiliar mágico do herói, capaz de atingir diversas transmutações que auxiliarão os percursos dos irmãos naquela jornada.

²² No livro bíblico de Ezequiel (1: 10-28) se relata uma visão celeste na qual se vislumbram quatro “seres viventes”, de feição humana e animal, brilhantes como o carvão aceso. Relata-se ainda que, ao lado deles, pode ser vista uma roda reluzente e movente, sobre a qual paira uma figura de homem, representando a glória do Deus. Essa imagem aponta para a iconografia do arcano dez [10], a Roda da Fortuna, que representa “as alternâncias do destino, a sorte ou o azar, as flutuações, a ascensão e os riscos de queda” (CHEVALIER; GHEERBRANT, *op. cit.*, p. 864).

MAGO — Eles têm que chegar sãos e salvos ao Mosteiro!
 — Mizar tem que prestar juramento, receber a Ordem da Espada...

FRATER — ... ou da Cruz...

MAGO — Este mistério — só o tempo poderá desvendar!
 Oremos!

Quadro 10

Na floresta.

Bater de cascos de cavalo.

DANE (*após um silêncio, entra*) — Aqui terminam os rastros.

RIVO — Devem ter se embrenhado na floresta. Anoitece e eu não vou me meter... aí existem seres muito esquisitos!

DANE — Seres materiais e imateriais. Esperemos o amanhecer...

RIVO — Minha vontade era vingar a morte do companheiro, tomar o ouro roubado... — E esta moita? As folhas estão ciscadas como se houvesse...

DANE — Homem, deixa — isto aí é lugar de serpentes!

RIVO — Ai, estou arrepiado! — Sabe? Vou tocar fogo neste matagal... — se alguma coisa viva houver, escondida, vai virar cinza! — Mãos à obra! — Ajuda, depressa!

(Começam a fazer pequenas fogueiras em redor da moita.)

DANE — Pronto. Daqui a pouco o fogaréu se erguerá, tão violento, que não escapará viv'alma! — Vamos embora!

(Saem correndo. O incêndio cresce, circula a moita. Ouve-se alguém tossir e Cristian aparece, sufocado pela fumaça.)

CRISTIAN — Mizar! Acorda! — Estamos cercados por labaredas! *(Tosse.)* Mizar! — Fogo! Um incêndio! — Acorda! *(Aflito, puxa as pernas do irmão, tentando arrastá-lo à força.)* — Mizar! A gente vai morrer! — Ai, ai... sufoco! — Socorro! Ai...

BRENO *(entra a correr)* — Quem está lá?

CRISTIAN — Acuda... acuda... *(Tosse, cai sufocado.)*

BRENO — Fique onde está! *(Toma o capote, começa a bater violentamente nas chamas, abre uma brecha.)* — Por aqui! Venha!

CRISTIAN — Não... meu irmão... está lá... vai morrer...

BRENO — Não pode sair? Espere! — Vou buscá-lo! *(Salta para o círculo de fogo, mergulha na moita e de lá arrasta Mizar, inconsciente. Cris, desesperado e sufocado, ajuda.)*

— Agora, pega!

— Segura! — Suspende!

— Força! — Salta!

Quadro 11

Passagem de tempo. Sentados à porta de um casebre em ruínas, na estrada, conversam.

BRENO — Comprei o alimento numa feira do Burgo, ali, à esquerda. Lá tem roupas usadas para vender. Ainda tenho dinheiro. — Quer ir lá enquanto seu irmão dorme?

CRISTIAN — E se ele quiser ir também?

BRENO — Não tem condições. Com pés e pernas feridos como estão, Mizar precisa de bons unguentos para curar as queimaduras.

CRISTIAN — Então vou avisá-lo... *(Entra. Logo volta, assustado.)* — Breno! Mizar fugiu! — Pegou o saco e a espada e fugiu!

BRENO — Foi ao Burgo! Eu deveria ter sabido! Vamos procurá-lo!

CRISTIAN — Deve ter ido trocar moedas... beber!

(Saem correndo.)

Quadro 12

No burgo. Espécie de feira medieval. Objetos expostos em banquetas, no chão. Um grupo de saltimbancos se apresenta, na

praça. Tocam uma ária. Um palhaço faz malabarismos. Uma jovem executa uma dança cigana. Cristian, fascinado, começa a bater palmas, no ritmo da dança, enquanto grita “Bravo!” — A moça, atraída, aproxima-se e dança para ele. O jovem se entusiasma e entra na roda, cantando e dançando também. Breno puxa-o pelo braço.

BRENO — Cristian! Vamos! *(Cristian continua dançando, inteiramente entregue ao prazer da coreografia. Breno agarra-o com força)* — Seu irmão está em perigo!

CRISTIAN *(desperta)* — Sim... vamos depressa!

(Saem. A certa altura, numa taverna, avistam Mizar, copo na mão, espada em punho, a discursar.)

MIZAR — Me respeitem! — Eu sou o Conde de Montserrat, Cavaleiro do Templo e pronto a vingar o assassinato de meu pai! Quero formar um grande exército de mercenários para marchar contra as hostes inimigas! — Quem me acompanha? — Esta é a espada Excalibur,²³ a espada mágica que combate sozinha! *(Risos.)* — Venham! — Eu pago em ouro, moedas de ouro! — Quem quer ser cruzado? Quem quer?

²³ Em referência à icônica espada que era o símbolo do poder régio e místico nas narrativas em torno do Rei Artur.

CRISTIAN — Mizar! — O que é isto?

MIZAR — Ah, chegou meu irmãozinho, o enamorado! —
Mas ele não briga — é poeta! Companheiros, aproxima-
mem-se, venham beber! — Eu pago tudo! Pago para
todo mundo! Homenagem a Baco²⁴!

BRENO — Vamos embora, rapaz — você está doente!

MIZAR — *Epa!* Não me dê ordens! — Eu sou um Cavaleiro
Templário! E vejam como estou vestido — roupa
nova! — Comprei a peso de ouro! Tenho ouro... —
ouro!

CRISTIAN — Vamos embora, você está causando tu-
multo!

VOZ — Deixa! Ele tem ouro! Resta saber de onde saiu o
ouro!

VOZES — Ouro... ouro... ouro...

VOZ — Aí vem a Guarda de Reconhecimento!

VOZES — A Guarda! — A Guarda! — Corre! Depressa!
— Corre! Corre!

*O grupo se dispersa. Cristian e Breno agar-
ram Mizar e o arrastam. No meio da feira,
Breno apanha máscaras que coloca em si e
nos dois jovens. Os saltimbancos vão-se re-
tirando, a dançar. Breno e os rapazes mis-
turam-se a eles e se retiram também. Atrás,
fica a algazarra.*

²⁴ Dioniso, o deus do vinho, patrono dos ciclos vitais e do teatro.

Quadro 13

(Depois, no acampamento)

BRENO — Mizar está com febre, delirando. As feridas infectaram. O quadro está cada vez mais sério.

CRISTIAN — Concordo — mas, que fazer? Para onde ir?

BRENO — O chefe do bando garante que o Mosteiro está próximo. Foram duas semanas de viagem na direção certa. Se ele não se engana... — Vamos sair para fazer um reconhecimento. Você fica com Mizar. Pedirei à moça que traga compressas. Até logo. (Sai.)

Cristian, só, aconchega as cobertas de Mizar, que, inquieto, geme. A moça que executava, antes, a dança cigana, chega com panos molhados e inicia o tratamento.

CRISTIAN — Sofia, tens o nome e os olhos da mulher que amei.

SOFIA — Será o destino das *Sofias* se enamorarem de ti?

CRISTIAN — E o meu — amá-las loucamente? — Desde que te vi, dançando...

SOFIA — E tu vieste ao picadeiro formar meu par!

CRISTIAN — És tão leve! — Teu corpo lembra o som de címbalos e cítaras... Então me surgem quadros na memória...

SOFIA — Quadros? Recordações... de quê?

CRISTIAN — Se eu soubesse... — São sonhos, fantasmas-gorias... — É como reviver um tempo antigo... — Então fico a pensar coisas tão doidas...

SOFIA — Que coisas? Preciso saber...

CRISTIAN — Um ritual sacro... — Eu a girar contigo numa dança febril... — Há luz, há sombra — clareza e manchas...

SOFIA — Assim? Mas em que lugar do mundo?

CRISTIAN — Espera... — um areal deserto... — o mar! O mar que nem conheço! Mas vejo cachos de espuma lambendo nossos pés... Há um rumor soturno... e vagas se levantam... — O mar é verde, azul, roxo e cinza... depois escuro! — Sabes, tenho medo do mar! Medo — e nunca o vi!

SOFIA — É o mistério... o mistério do mar que nos perturba. E nós dois... — é passado ou futuro?

CRISTIAN — O tempo... o tempo é um só — e nós, os mesmos, no tempo. Mas, que importa? — Quero ficar contigo para sempre. — Dançarino, palhaço... Sabes, quando piso o tablado, o picadeiro, sinto-me em outra dimensão... Pareço transcender, transfigurar-me... — é uma sensação de êxtase...

SOFIA — És um artista! — Só o artista conhece esta plenitude!

CRISTIAN — Então? Quero ficar contigo, contigo partilhar a minha vida — para sempre!

SOFIA — Juras?

BRENO (*entra*) — Meus amigos, o Mosteiro Essênio! Está à vista! Partiremos agora mesmo!

CRISTIAN (*ainda enleado*) — Partir? Como partir? E Mizazar?

BRENO — Irá de maca. Aproveitaremos a noite para caminhar. De manhã cedo, teremos chegado ao nosso destino. — Arriba!

Quadro 14

No mosteiro. Merlin e o Mago, junto a Mizazar, inconsciente. Depois, Cristian.

MERLIN (*sob o disfarce de Breno*) — Fiz o possível, Mestre. Momentos houve em que lutei contra a adversidade — como no caso do incêndio...

MAGO — Eu sei, Merlin. Os jovens tinham mesmo que atravessar a senda probatória. Mizazar sofreu o merecido, pela desobediência. É a lei do retorno²⁵...

CRISTIAN (*entra*) — Meu velho Mago, que bom estarmos juntos! Cheguei a pensar que nos havia abandonado!

²⁵ A dramaturga, aqui, volta a discussões que já estavam em desenvolvimento em *O Arco-Íris* (ver nesta mesma edição).

MAGO — Nunca! — Sempre estive ao vosso lado, ansioso... — A prova é que enviei Merlin, como anjo de guarda...

CRISTIAN — Merlin? Aquele gênio bom, aquele espírito mágico?

MAGO — Sim, Merlin, guardião dos predestinados!

CRISTIAN — Ah! — Este nunca nos apareceu!

MAGO — E o cego? E o próprio Breno?

CRISTIAN (*para o Merlin*) — Tu, amigo, és o Merlin? — Tu? — Por isto chegavas sempre de repente! — Tu, o Merlin em carne-e-osso...

MIZAR (*geme*) — Ai, a sede... água, água...

MAGO — Está ardendo! — Dê-me compressas, a poção...

(*Merlin sai.*)

MIZAR — Velho... és tu? ... Estou um bagaço...

CRISTIAN — Ele te reconheceu! Vai sarar!

MIZAR — Velho... preciso falar... desabafar... é urgente...

MAGO (*faz um sinal a Cris, que sai*) — Fala — fala, filho.

MIZAR — Eu... falhei... falhei...

MAGO — As falhas são preciosas lições para o futuro.

MIZAR — Eu... não tenho... futuro... vou morrer... — Eu não quero morrer!

MAGO — Não morrerá. Vai sair desta mais amadurecido...

MIZAR — Não... eu apodreci... — Mago, é tão difícil ser homem...

MAGO — Sei, sei...

MIZAR — ... ter que dar sempre... mostras de... virilidade... coragem... — Não consegui... foram quedas... e quedas...

MAGO — Sim...

MIZAR — ... ter que esconder... fraquezas... medos... lágrimas... — Sempre fui um covarde... um covarde!

MAGO — Não se recrimine. Vamos lutar...

MIZAR — Lutar? — Como... se nunca passei de um Cavaleiro de Triste Figura²⁶? — Eu sonhava ser como o pai... — Sonhava... e bebia para alimentar o sonho... porque acordar... seria enfrentar a minha... miséria... interior... — Eu sou uma farsa... uma... farsa... (*Gemidos entrecortados.*)

MAGO — Filho! — Agora estará mais aliviado. (*Aconcheghe as cobertas.*) — Ó Pai! — Dá-lhe forças para cumprir o destino que lhe está reservado! (*Ajoelha em oração.*)

²⁶ Óbvia referência ao Dom Quixote, personagem de Miguel de Cervantes, pelo qual se parodia o universo dos romances de cavalaria medievais.

Quadro 15

(Noutro lugar)

CRISTIAN — Está decidido. Serei teu par, nas danças e teu homem, na vida. Estás satisfeita?

SOFIA — Falaste ao Mestre do nosso futuro?

CRISTIAN — Ainda não. Espero que Mizar melhore.

SOFIA — Pensa bem o que é viver nômade, por vales e montanhas, tendo por lar, os caminhos; por teto, o céu aberto.

CRISTIAN — É assim que quero viver, dançando nas feiras, criando repentres, cantigas de amor — teu par para sempre.

SOFIA — É o que dizem teus sonhos?

CRISTIAN — Meus sonhos são estranhos! — Não há neles montanhas, nem vales — só o mar... o mar!

SOFIA — O mar... e eu?

CRISTIAN — Tu danças, me chamas... areias, espumas e ondas...

SOFIA — E ondas? Não me afogo?

CRISTIAN — Tu pairas nas águas...

SOFIA — O mar! — Viajaremos por mar?

CRISTIAN — O mar... constelações... o Sete-Estrela²⁷... e vagas... mar azul... mar roxo... mar escuro... o mar que eu nunca vi...

SOFIA — Serei eu a mulher de tua vida?

CRISTIAN — Quando nasci o Mago consultou o oráculo. Havia um nome de mulher — *Sofia* — que quer dizer o eterno feminino, *Sofia* — a Sabedoria.

SOFIA — Na minha raça, quando dois se prometem para sempre, costumam fazer um juramento — uma gota de sangue, tirada dos pulsos e sorvida nos lábios — aceitas?

CRISTIAN — Com todo o coração, com toda a alma.

Sofia tira da blusa um alfinete, fura os pulsos de ambos, sorvem o sangue e selam o pacto com um beijo.

Quadro 16

No mosteiro. O Mago acha-se junto a Mizar. Merlin entra.

MAGO — Ainda bem que chegaste. Temi que não mais o encontrasses com vida.

²⁷ Nome popular dado ao asterismo [grupo de estrelas que, em uma constelação, neste caso, a de Touro, pode ser vista desde a Terra sem aparelhos específicos] de sete estrelas, as Plêiades.

MERLIN — Tentaram novos remédios?

MAGO — Os monges farmacêuticos têm usado tudo — pós, unguentos, ervas, loções... tudo em vão.

MERLIN — Onde está Cristian?

MAGO — Há três dias saiu... — Deve andar com o bando. Vá procurá-lo.

MERLIN — Eis a mensagem mandada pelo Frater. Logo mais estará a caminho. Vem ajudar-nos. Leia.

MAGO (*lê*) — “O caminho dos Mistérios vai se abrindo. Os Eloin²⁸ se preparam para ladear o neófito, através da Senda, até o Portal Secreto. Às vésperas do acontecimento o Ovo Áurico, por instantes, se tornará visível em redor e sobre o aspirante. No momento aprazado, aí chegarei, para juntos, prepararmos o predestinado a ingressar no Ciclo — que o levará à Rota da Imortalidade!” (*O Mago suspira fundo.*) — É complicado. — Temo que o Frater chegue tarde! — Merlin, vá procurar Cristian! — Precisamos nos reunir em oração, em vigília, súplicas, sacrifícios — a fim

²⁸ Na tradição bíblica, Eloin (ou Elohim) é o plural de Eloah, designando o Deus Uno de Israel. Todavia, esta palavra pode também se referir a outros deuses e divindades, ou, também, a anjos; além de apontar para a designação de homens poderosos, a saber, juízes. Nas tradições esotéricas, os *Eloin* também aparecem como mais um setenário, ou seja, são sete princípios ou “chamas gêmeas” da Divindade (as quais compõem o “Nós Divino”), algumas vezes identificados à menção feita aos “sete espíritos de Deus”, no livro do *Apocalipse*. Também podem ser os sete Arcanjos que, combinados a um Mestre Ascensionado, regem os sete raios da luz (chamados de Grande Fraternidade Branca).

de doar energias capazes de fazer este jovem levantar-se e afastar os perigos que o cercam! — Vá, depressa, Merlin!

MERLIN — E tu ficas só?

MAGO — Sim. Tenho que ficar atento. O Ovo Áurico poderá aparecer a qualquer momento. Alguém terá que constatar — é a prova. — A prova!

MERLIN (*saindo*) — Ele vai se recuperar! Vai se recuperar!

Quadro 17

Os saltimbancos se apresentam numa feira. Cristian e Sofia dançam uma dança cigana.

CANTO

— O mundo é uma grande estrada
— palmilhamos noite e dia.
Infinita é a jornada
— mas seguimos com alegria!

— Olá, olá, olá
noite e dia,
noite e dia,
levando paz e alegria!

(Dança e canto param. Cristian saúda o público.)

CRISTIAN — Respeitável Público! — Ouvireis, agora, as Cantigas de Amigo, versos de amor, sombras de sonhos!

— Para encontrar minha amada

— corri Seca, corri Meca,²⁹

no desejo de a abraçar!

— Corri vales e montanhas,

corri por terras estranhas

— Fui encontrá-la no mar!

MERLIN (*fazendo sinais*) — Cristian! Cristian!

CRISTIAN (*avista-o e aproxima-se*) — Que queres?

MERLIN — Vem comigo! — É urgente!

CRISTIAN — Agora não posso. Estou em plena função!

MERLIN — Estás louco?

CRISTIAN — Estou noivo! — Preciso ajudar minha gente.

MERLIN — Voltas comigo, nem que seja à força!

²⁹ “Correr Seca e Meca”: expressão muito comum na Península Ibérica, remetendo às peregrinações entre Seca (ou Ceca, antigo nome da mesquita de Córdoba) e a cidade santa da tradição islâmica (Meca), indicando ser, “pois, plausível que, na gênese da expressão em apreço, Ceca e Meca ocorram sem referência específica a lugares realmente existentes, mas apenas como forma de criar uma rima, que, ao mesmo tempo, permite exagerar (hipérbole) o esforço associado à longa deslocação a que a expressão parece, afinal, aludir” (*in* CIBERDÚVIDAS da Língua Portuguesa, recurso *on-line* [consultado em 04-05-2021]).

CRISTIAN — Não vêes que trabalho? Sou um profissional!
Deixa-me acabar o espetáculo. Precisamos de dinheiro. Depois...

MERLIN — Está bem. Espero.

(Cristian volta e o par continua a cantar.)

Quadro 18

No mosteiro. O Mago ao pé de Mizar. Entram Merlin e o Frater.

MERLIN — O Adivinho chegou.

MAGO — Seja bem-vindo, Frater. Vem nos dar novo alento.

FRATER — Queira Deus. Os caminhos do Alto são tantos quanto os suspiros dos homens, na Terra.

MAGO — Em que caminho andarás nosso rapaz?

FRATER — Os registos Akáshicos³⁰ indicam que a hora é de espera.

³⁰ “A palavra *Akasha* parece ter vários significados e nos remete a tempos antigos, mais antigos que a própria humanidade, podendo ser considerada como o princípio fundamental, a energia cósmica, o espaço cósmico, a quintessência. Em sânscrito, uma das 23 línguas oficiais da Índia, significaria céu, espaço, éter. [...] O espaço sagrado do *Akasha* é muitas vezes simbolizado por uma infinita biblioteca, onde todos os registos das experiências terrenas ficam arquivados” (Cf. BURITY, Livia. *A leitura dos registos akashicos: jornada aos arquivos da alma*. Rio de Janeiro: Ed. Livia S. M. Burity, 2015).

MERLIN — Mas tanto sofrimento...

FRATER — ... para que as provas sejam logo esgotadas.

MAGO — Chegará a Cavaleiro?

FRATER — Mistério! — No entanto trouxe comigo a Vestimenta, os Relicários e... o Viático³¹! Tudo é possível!

MAGO — Merlin, cuide do enfermo. Vou instalar o Frater na sua cela.

(*Saem os dois.*)

Quadro 19

*Saco às costas, Cristian vem caminhando.
Canta. Vozes respondem em contracanto.*

CRISTIAN (*cantando*)

— Eu sinto o apelo da vida
seu encanto e sedução!
Jovens ligeiras passando
segurando em minha mão!
Vão cantando, me acenando
me envolvendo o coração!

³¹ Aqui a dramaturga se refere aos paramentos religiosos e a objetos bem específicos, a saber, o *relicário* (onde se guardam pequenas lembranças, relíquias que pertenceram ou foram tocadas por um santo ou mártir a quem se dedica devoção) e o *viático* (a palavra indica um conjunto de provisões reservadas para uma viagem, ou, ainda, o último sacramento dispensando a um moribundo; literalmente, o que de último ele leva para a sua passagem rumo à vida eterna, portanto, o invólucro que guarda essa hóstia consagrada).

— Não quero manto nem espada,
nem tropas a comandar!
Quero ser um homem livre,
eu quero amar... e sonhar!
Quero a minha bem-amada
pra num abraço apertar!

(A gesticular e brincar,
Cristian continua o caminho.)

Quadro 20

No Mosteiro.

MERLIN (*só, com o doente, grita*) — Acudam! Mizar está de pé! — Deita, Mizar, você está fraco...

MIZAR (*olhar absorto*) — Eis que me chamam... me chamam...

MAGO (*entrando com o Frater*) — Está delirando. Deixa ver! A febre o devora — está ardendo!

FRATER — Vamos deitá-lo e aplicar um sinapismo³².

³² Um cataplasma, a ser aplicado de maneira tópica, feito à base de mostarda.

MIZAR — Saiam! Eu vou... O Ciclo Iniciático... o Brasão de Cavaleiro... Sete Espadas... Sete raios... Sete vezes renegado...³³ (*soluça.*)

FRATER — Estreita é a Porta — acanhado é o Caminho³⁴!

MIZAR — Sete vezes cairá o justo e sete vezes se levantará...

FRATER — ... para que se fortaleça na sua fé!

MIZAR — Eles vêm vindo... vêm vindo...

FRATER — Que teu corpo seja a ponte por onde possam passar!

MIZAR — Pregos! Martelos! — Panos pretos... — já?

FRATER — Que se faça a Vontade do Alto!

MIZAR — Estão chegando! — É o Fogo Secreto dos Adeptos³⁵!

³³ Nas falas de Mizar, são feitas inúmeras remissões aos setenários, aos quais já nos referimos, e, depois, a signos lúgubres (vestes negras, tumbas) que evocam a morte e as imagens do homem por ele assassinado.

³⁴ Referência ao versículo do Evangelho de Mateus (7: 14, “Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram”), pela qual se prenuncia a passagem de Mizar para a morte física (que lhe abre os olhos para a visão dos sinais) e a esperança de que, sobre ele, apareçam os sinais esperados de que ele é o Ungido.

³⁵ Conforme já referido, os três princípios da alquimia são o enxofre, o mercúrio e o sal, que podem ser transformados mediante a ação do fogo, atingindo estados alterados e podendo, inclusive, apontar para aspectos de liberação de energia/força vital. Também é relevante ressaltar que Os Adeptos (assim, com letra maiúscula) é uma maneira de se referir aos Alquimistas.

MAGO — Será a Iniciação... ou Sonho?

MIZAR — Pedra Filosofal! Urna! Santuário!

MERLIN — Ele vê coisas do Outro Lado!

MIZAR — Oratório! Sacrário! Vestes! Tumba!

MAGO — Tresvalia... Delírio?

MIZAR (*enfurecido*) — Mas eu não vou! Aquela cara horrenda, decepada! É ele! —Vem me cobrar a vida!

MERLIN — Vamos deitá-lo!

MIZAR (*aos berros*) — Querem levar-me! Não! (*De um pulo, toma a espada.*) — Me vendo caro! Eu sou um Cavaleiro! E vocês... o que são? — Sombras! Sombras!

MERLIN (*tenta tomar-lhe a espada*) — Venha, Mizar!

MIZAR (*ameaça-o*) — Eu não me rendo! Respeitem! Quero o manto! O ginete! A Cruz de Malta! — Vou lutar! À guerra! Às cruzadas! Vou... lu... tar...³⁶ (*Cai pesadamente ao chão.*)

MERLIN (*ampara-o*) — Desmaiou...

Carregam-no para o catre. Cobrem-no com o manto e, por cima, põem a espada.

CRISTIAN (*entra, apressado*) — O que é isto?

³⁶ Mizar espera, afinal, realizar seu destino como Cavaleiro na Guerra Santa, por isso ele clama pelo *manto*, pelo *ginete* (um bom cavalo) e pela *Cruz de Malta* (símbolo dos cavaleiros cruzados da cristandade, desde o século XI).

FRATER — *Consummatum est.*³⁷

MAGO — Acendam os círios.

CRISTIAN — Não! — É uma farsa! É mentira! (*Corre ao catre, arranca a espada, o manto, agarra-se com Mizar.*) — Meu irmão! Acorda! Levanta e diz que é mentira!

MERLIN (*segurando-o*) — Vem, Cris, não há mais jeito. Está morto.

CRISTIAN (*desesperado*) — Morto? Não pode! — E o juramento? E o Pai? Que contas daremos ao Pai? — Ele não podia morrer! Não podia!

Cai aos pés do catre, soluçando. Todos se ajoelham; o Frater à cabeça, os outros ladecendo o morto.

MAGO — Procedamos à cerimônia.

Silêncio. Concentração.

FRATER — Irmão! — Ouve o grito assustado do trompete!

TODOS — Tua hora chegou!

FRATER — Ouve a pancada surda do tambor!

TODOS — Tua hora chegou!

³⁷ Expressão latina que traduz a última fala do Cristo na cruz: “Tudo está consumado!”.

FRATER — Ouve o choro e lamento dos que ficam.

TODOS — Tudo isto é ilusão — é MAYA! MAYA³⁸!

FRATER — Segue, irmão, para o seio de Alfa e Ômega! À
Fonte!

TODOS — À Fonte!

FRATER — À Causa!

TODOS — À Causa!

FRATER — Ao Doador!

TODOS — Ao Doador!

FRATER — Ao Cosmos!

TODOS — Ao Cosmos!

FRATER — À Verdade e à Vida
— e não MAYA!

TODOS — E não MAYA!
— *Aum! Om! Aum! Om!...*

Todos curvados. Sons musicais lamentosos, em surdina. De repente, um raio de luz

³⁸ Esta palavra vem do sânscrito e quer dizer “ilusão”, “miragem”. Portanto, para as correntes esotéricas e da teosofia, indica tudo aquilo que se revela sob aparência de realidade no mundo e nos fenômenos físicos, podendo confundir quem vive na ignorância, justamente a ilusão de que o efêmero é o eterno.

forte, violácea³⁹, incide sobre Cristian, que continua aborto, como em transe. A luz cresce em cores, toma uma forma ovóide. Atraído por ela, o Mago olha e grita.

MAGO — O Ovo Áurico! O Ovo Áurico!

Todos levantam as cabeças e, estáticos, contemplam a estranha aparição.

Quadro 21

MAGO — Na verdade, Cris, todos nós estávamos enganados.

CRISTIAN — É estranho. — Será que não se enganam pela segunda vez?

MAGO — Não. O Ovo Áurico é o sinal. Veio das hostes invisíveis e incidiu sobre você.

CRISTIAN — Sinal! — Eu jamais cogitei disto, nem desejei. E, ademais, não posso — eu não posso!

MAGO — Refere-se àquela jovem?

³⁹ A luz violeta é tomada pela Grande Fraternidade Branca como a cor da transmutação, apontando para a espiritualidade e para o autoconhecimento. Aqui, ela é o sinal definitivo de que Cristian (e não o seu irmão) é o Ungido esperado.

CRISTIAN — Sim. Por ela desafiarei todos os preconceitos!

MAGO — E a memória de seu pai? — Seu pai que tudo abandonou para servir à causa?

CRISTIAN — Meu pai foi um predestinado. Eu, apenas... comecei a viver! — Que sei eu do mundo, da vida, para me imporem, de repente, um encargo que não quero aceitar? — Uma cruz — de cujo sacrifício não tenho a mínima ideia e nem desejo ter?

MAGO — Mesmo sem saber e sem desejar — milhares de seres humanos têm trilhado a Senda do Amor... — E, até o fim dos tempos, muitos outros milhares seguirão este mesmo caminho.

CRISTIAN — Pois que o façam — não eu!

MAGO — O homem veio ao mundo realizar sua divindade — e levar esta pobre humanidade ao seu verdadeiro destino.

CRISTIAN — Procure outro *herói* — já disse. — E sabe mais? Fiz minha escolha de vida e dela não me arre-darei, só porque, morto meu irmão, vocês “descobri-ram” a minha “predestinação”! — Eu vou embora, procurar Sofia, viver a vida que escolhi e não a que vocês, graciosamente, me querem jogar às costas! — Adeus!

(Toma a bagagem e sai, arrogante.)

Quadro 22

Saco às costas, Cris caminha. Algumas vezes, com a mão sobre os olhos, perscruta o horizonte, em vão. Após um tempo, para, senta-se sobre a bagagem, a cismar.

CRISTIAN — Há quantos dias ando e ando... Nenhuma notícia! — É como se a terra abrisse e fechasse sobre o bando... (*Derreado, olha além, até perceber que alguém se aproxima.*)

CAMINHEIRO — Boa tarde, jovem. Posso gozar um pouco de tua companhia?

CRISTIAN — Terei prazer. De onde vens?

CAMINHEIRO — Do Oeste.

CRISTIAN — Por acaso encontraste uma *trupe* de saltimbancos?

CAMINHEIRO — Artistas? — Não... e tenho andado... andado sem destino, ou melhor, em busca de um destino.

CRISTIAN — O que faz e onde tencionas ir?

CAMINHEIRO — Por enquanto, nada faço. Vivemos a morte de uma era e a nova era ainda não chegou. E sabe o que nos falta? — Coragem! Falta aos homens coragem para mudar!

CRISTIAN — Mudar? Como?

CAMINHEIRO — Dizer não... a tanto massacre, ao sacrifício de inocentes, à política mercenária da Igreja — hoje tão contrária à vontade de Deus.

CRISTIAN — Tem razão. Não há mais lugar para os puros...

CAMINHEIRO — Não quer participar da criação de uma nova era?

CRISTIAN — Não. Não quero me envolver nisto.

CAMINHEIRO — Infelizmente, a forma mais comum de covardia é esta: “— Não quero me envolver...”

CRISTIAN — Acha isto? E como busca esse “novo destino”?

CAMINHEIRO — Andando. Aliciando e convencendo os que encontro estrada afora. — Quer seguir comigo?

CRISTIAN — Aceito o convite. E, enquanto procura o seu destino... eu procuro o meu... — Vamos?

Quadro 23

MAGO — E agora?

FRATER — Não se preocupe. Merlin está com ele.

MAGO — Será que o convence?

FRATER — De qualquer sorte... caminham para o mar — o grande mar dos mistérios sem fim!

MAGO — Lá estão submersos os fundamentos do mundo...

FRATER — As 12 custódias... os 12 signos da Cabala Hebraica!

AMBOS — Que assim seja!

Quadro 24

CRISTIAN — Quanto temos caminhado...

CAMINHEIRO — ... dias e noites em busca do nascente...

CRISTIAN — Para o mar! Jornada dos olhos, caminho do sonho... Companheiro — fale do mar!

CAMINHEIRO — Numa ilha do mar... há um Vulcão Lunático!

CRISTIAN — Vulcão Lunático? — Bonito!

CAMINHEIRO — ... nele se eleva a Torre Misteriosa, da Pedra do Raio ou Pedra Cósmica!

CRISTIAN — Bonito! Bonito! — E para que serve esta Pedra?

CAMINHEIRO — É a Pedra Filosofal, o Fogo Espiritual da Sabedoria!

CRISTIAN — É lenda?

CAMINHEIRO — É a Pedra que contém sete raios, sete faíscas ígneas! Sua claridade é — como se todas as tochas do mundo estivessem acesas num só lugar!

CRISTIAN — Só pode ser ilusão — MAYA!

CAMINHEIRO — Não. É o Reino de Agartha,⁴⁰ o Não-Manifestado! Lá são preparados os novos Salvadores. —
É lá que nasce o Preste João⁴¹.

CRISTIAN — Preste João?

⁴⁰ De acordo com o *Dicionário de lugares imaginários* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 09), Agartha é uma terra “famosa sobretudo porque foi atravessada por viajantes sem que eles [a] percebessem. Sem se darem conta, provavelmente contemplaram Paradisa, a famosa Universidade do Conhecimento, onde estão guardados os tesouros espirituais e ocultos da humanidade”.

⁴¹ De acordo com Maria da Conceição Vilhena (O Preste João: mito, literatura e história. *Arquipélago*, p. 627-650, 2001), a “lenda do Preste João foi divulgada na Europa no tempo da 1ª. cruzada, em finais do séc. XI. A necessidade de aliados favoreceu a crença, entre os cruzados, de que iriam receber o auxílio de um poderosíssimo soberano, vindo da Ásia, e que atacaria o Islão pelas costas. Ora começara então a circular uma mensagem dirigida ao imperador Manuel Comênio, de Bizâncio, que alimentava tal esperança. Era uma carta enviada por alguém cuja grandeza assumia duas dimensões: uma sagrada, relacionada com o divino, a outra secular, em conjugação com o mais alto poder na terra - o Preste João era um rei - sacerdote cristão, um misterioso soberano, suserano de muitas dezenas de vassalos” [p. 627]. É possível supor que a divulgação da lenda se deve às versões em língua francesa da carta: “por que se teria mantido a designação de *Preste*? Seria lógico que, ao ser a carta traduzida para outras línguas, o termo francês arcaico *preste* (atual *prêtre*) tivesse sido substituído pelo vocábulo que, nessas línguas, designaria *padre ou sacerdote*” [p. 629]. Em Portugal, esta carta não ganha importância, mas aquele reino foi procurado desde a época de D. Henrique, justificando a expansão marítima e comercial, tendo em conta que Preste João seria senhor da Etiópia e também das Índias. Nesta peça, o mito recebe contornos crísticos e místicos, na medida em que o Preste João ganha ares Sebastianistas e vai se reforçando seu espectro messiânico-judaico, formalizado na figura de um “Ungido” esperado.

CAMINHEIRO — Sim. É este o Adepto escolhido para preparar o Reino da Paz — na Terra.

CRISTIAN — Eu não disse? — É pura lenda!

CAMINHEIRO — Preste João, também chamado o Padre Errante, o Peregrino, já nasce consagrado ao Serviço da Humanidade. Com seu nascimento, surge um novo ciclo de restauração no mundo.

CRISTIAN — Você fala como se de fato tal Ser existisse. São estórias que correm, como o Santo Graal, tantas vezes procurado e jamais encontrado. São lendas que rolam, sonhos, sem o que — ninguém — resistiria à maldade, à dor... — Conta mais!

CAMINHEIRO — Depois! Agora é tarde, vamos dormir... — Sabe? — Já sinto resquícios de sal na brisa marinha! — E ainda temos muito que falar. — Vamos dormir!

CRISTIAN (*enroscando-se na manta*) — Preste João... Vulcão Lunático! — Engraçado! — A ilha... o mar... o... mar... (*Adormecem.*)

Quadro 24

Um canto suave se faz ouvir. Cristian mexe-se. Música em surdina. Num feixe de luz, surge Sofia. Dança. Cristian se levanta. Os dois iniciam a dança de sempre, sob luz colorida, até que a luz e a mulher vão sumindo...

CRISTIAN (*acordando*) — Sofia! Fica! Fica comigo!

CAMINHEIRO (*acorda*) — Cristian?

CRISTIAN — Ela se foi! — Estava comigo... e se foi...

CAMINHEIRO — É noite. Foi um sonho.

CRISTIAN — Dançávamos na praia. A areia faiscava...

CAMINHEIRO — Estamos na floresta...

CRISTIAN — Eu vi... — Um surto de marés, desmaio de ondas...

CAMINHEIRO — Só sonho.

CRISTIAN — Vou embora! Sofia! Espera!

CAMINHEIRO — Cristian! É perigoso! Estamos num platô. A descida se faz na encosta do penhasco, cheio de anfractuosidades, armadilhas!...

CRISTIAN — Não importa — ela me espera.

CAMINHEIRO — ... qualquer deslize, rola-se no abismo — é morte certa.

CRISTIAN — E lá embaixo...

CAMINHEIRO — Lá embaixo, a praia, o mar! Está amanhecendo. Logo mais estaremos a caminho. — Espera...

CRISTIAN (*deitando-se*) — Então... fala da ilha...

CAMINHEIRO — A ilha? A ilha misteriosa dos Adeptos é chamada Terra dos Viventes. É o templo de Preste João, do Governo do Mundo.

CRISTIAN — Deve ser bela! — Fala, fala mais...

CAMINHEIRO — É uma visão Apocalíptica! — Torres preciosas, cúpulas de cristal, símbolos misteriosos... luz que não acende pela mão do homem. Tudo brilha nas trevas e guia os que andam perdidos nos desertos do mar!

CRISTIAN — Belo! Belo! — Como chegar lá?

CAMINHEIRO — Desta ilha, deste templo, só se aproximam os que têm corpo limpo e alma pura, pois lá é um autêntico santuário, onde estranhas cerimônias são celebradas!

CRISTIAN — Ilha Branca... Governo de Preste João... — Poético!

CAMINHEIRO — Lugar onde a lei do tempo e da morte não vigora... toda a existência é ligada ao começo e o começo ao fim...

CRISTIAN (*sonolento*) — Começo... fim...

CAMINHEIRO — Um dia, a humanidade será conduzida a uma Verdade Única! E todos os seres serão Pontífices de todos os mistérios!

CRISTIAN — ... mis... té... rios...

CAMINHEIRO — E tu tomarás parte ativa nisto — como Avatar...

CRISTIAN — A... va... tar...! ...Be... lo... (*Dorme.*)

Quadro 25

MAGO (*chegando à praia*) — É por aqui que eles deverão descer. Se pudéssemos adiantar a roda do tempo...

FRATER — Deixa seguir o curso dos astros e a rotação do céu...

MAGO — Sim. Nosso jovem terá que sofrer as manifestações cíclicas... e avataaras.

FRATER — Mais sofrerá por estar apaixonado e terá que escolher...

MAGO — Eros é perigoso⁴²! Por ser um deus carnal, poderá levá-lo ao desejo de gerar...

FRATER — E só liberto da materialidade — o poder viril se transformará na força mágica e fulgurante!

MAGO — Ele possui também a força telúrica do poeta!

FRATER — Sim. E o poeta possui o cetro do raio, a pedra diamantina! — Um toque só... e terá a conquista do sidéreo!

MAGO — É aqui que deverão apontar! Não podemos aparecer de repente. Aguardemos e observemos o encontro do Poeta com o mar!

(*Escondem-se.*)

⁴² Deus do amor e do erotismo, filho de Afrodite e Ares.

Quadro 26

CRISTIAN (*surpreso*) — Companheiro, que montanha azul é aquela que parece unir céu e terra?

CAMINHEIRO — É o mar!

CRISTIAN — O mar... o MAR? — Aleluia! — O mar! Por que tão alto assim? Por que encosta no céu?

CAMINHEIRO — Aquilo é o horizonte! — Mas não termina ali, o mar não emenda com o céu! Além desta linha, além deste horizonte, ainda existe céu... ainda existe mar...

CRISTIAN — Deixe-me só... quero sentir o mar... — Sim, o mar que me atraiu, com que tive tanto sonhei... — o mar que é meu e dela... e que vai nos unir... (*Afasta-se um pouco.*)

— Isto é o mar — fluindo e refluindo!

Delfins de espuma... e um gemer constante!

— Areais louros, que segredos guardas das pegadas sutis de minha amante?

CAMINHANTE — Ele mal vê o mar... e já pensa nela...

CRISTIAN (*recitando*)

— Onde estará minha deusa e noiva e musa, que dança, como tu, coreografias?

— Rastilhos de ouro, floco azul de sonhos, podeis dizer-me onde encontrar Sofia?

(*Vai se afastando.*)

CAMINHANTE — Cris! Espera!

CRISTIAN — Adeus!

— Vou procurá-la em abismos, ilhas,
tempestades ou noites planetárias!

— Sóis, arco-íris, cintilâncias, sombras,
em fronteiras reais ou imaginárias!

CAMINHANTE — Volte, Cris! Volte!

MAGO (*que entra em cena*) — Deixá-lo ir... Não há pressa,
Merlin.

Quadro 27

CRISTIAN — Sozinho, vou prosseguindo
à espera do sinal
daquela que é minha vida
— meu pecado original...

(*No deserto da praia, uma Fiandeira gira seu fuso.*)

CRISTIAN — Fiandeira, Fiandeira,
que fazes à beira-mar?

FIANDEIRA⁴³ — Eu fio teias de sonhos,
rendas de luz estelar...

⁴³ Símbolo do destino, como as Moiras, na mitologia grega, já que “fiandeiras e tecelãs abrem e fecham indefinidamente os ciclos individuais, históricos e cósmicos” (CHEVALIER; GHEERBRANT, op. cit., p. 954).

CRISTIAN — Fiandeira, toma o fio
me tece um manto talar,
onde eu e a bem-amada
possamos nos abrigar
— e em passo de canto e sonho
o Amor, enfim, exaltar!

FIANDEIRA — O fio que tece o sonho
de minha roca, a girar,
é o gemer dos soffredores,
a terra alheia a lavrar,
a arar alheios vales,
torres alheias a erguer,
criando alheias riquezas
mas sem ter o que comer...

CRISTIAN — Criando alheias riquezas
mas sem ter o que comer...

FIANDEIRA — É este o fio dos párias,
que nada têm de seu...
cujos filhos são escravos
logo depois de nascer...

— É o fio da miséria,
fio da Dor, do Tormento,
fio do pão amassado
com o suor do sofrimento...

CRISTIAN — ... fio do pão amassado
com o suor do sofrimento...

— Fiandeira, Fiandeira,
que fio queres fiar?

FIANDEIRA — Quero o fio da Esperança
que nos leva a acreditar
na vinda do Sonhador,
do Adepto, do Avatar,
do Irmão Maior, Salvador
— que nos virá libertar!

(Desaparece.)

Quadro 28

*Cristian, na areia, continua em profundas
cismas. De repente, a seu lado, surge um
vulto.*

CRISTIAN (*surpreso*) — Quem és? Um anacoreta⁴⁴?

FANTASMA — Sou o Vigilante do Silêncio.

CRISTIAN — ... do Silêncio. — De onde vens?

⁴⁴ Monge ou Eremita, muitas vezes, atrelado aos primórdios do cristianismo. Seguindo a linha interpretativa em torno dos arcanos do tarô, é uma ilação ao arcano nove [9], O Eremita, em que se vislumbra esse “velho sábio, um tanto curvado, [que se apoia] num bastão, que simboliza simultaneamente sua longa peregrinação e sua arma contra a injustiça e o erro que encontra” (CHEVALIER; GHEERBRANT, *op. cit.*, p. 435).

FANTASMA — Vim da Raça-Raiz, da Árvore Hiperbórea⁴⁵.

⁴⁵ Referência a discussões, por vezes polêmicas, oriundas da *teosofia* (de base neoplatônica, hermética e cabalística) de Helena Blavatsky, em torno da discussão sobre raça. Contemporaneamente, há revisões críticas (SANTUCCI, James A. The Notion of Race in Theosophy. *Nova Religio*, vol. 11, n. 3, p. 37-63, 2008) que elucidam a questão. Contudo, de acordo com o que ela propõe, “raça” seria um termo usado para se referir também aos “vários estágios vividos pela alma reencarnante ou ‘mônada’, ao longo de uma série incrivelmente longa de progressões cíclicas – demarcada por raças-raízes e sub-raças como as principais divisões – antes de alcançar o estado de um ‘ser setenário perfeito’, no qual a consciência está totalmente integrada à operação dos ‘veículos’ ou ‘corpos’ correspondentes aos sete planos de existência” (p. 38, trad. minha). As “raças-raízes” implicam em um entendimento de que “as almas humanas habitam sete tipos de corpos durante uma série de centenas de reencarnações progressivas experimentadas como emanção e retorno ao divino. Os corpos da primeira raça são etéreos, gigantesco e assexuados; os da segunda, mais condensados e andróginos; os da terceira, mais compactados e gradativamente em transição para a reprodução sexual e assemelhando-se a primatas gigantes; o quarto é ainda um corpo gigantesco, mas que vai gradualmente diminuindo em estatura, bem como ganhando desenvolvimento na fala, na linguagem e na ‘mente’. Os ‘selvagens’ modernos representam remanescentes da quarta raça. A quinta ‘raça-raiz’ inclui todas as raças de humanos modernos (exceto os primitivos ‘sobreviventes’), e declinou em estatura e força em face das anteriores. A sexta irá gradualmente transcender a carne, e os deuses criadores Herméticos são alguns dos protótipos para ela, representando um retorno à natureza divina” (PROPHET, Erin. *Hermetic Influences on the Evolutionary System of Helena Blavatsky’s Theosophy, Gnosis: Journal of Gnostic Studies*, v. 3, n. 1, p. 84-111, 2018. Trad. minha). Nestes termos, os Hiperbóreos foram a segunda raça-raiz, ainda de característica assexuada (portanto, desprovida de desejos eróticos) e que produzia sua prole por “brotamento”, daí a autora mencionar uma Árvore.

CRISTIAN — Queres algo de mim?

FANTASMA — Trago-te a Mensagem.

CRISTIAN — Mensagem? — Qual?

FANTASMA — É hora de te apresentares para assumir o Mandato.

CRISTIAN — Não sei do que se trata.

FANTASMA — Sabes! Foste escolhido: todos viram o Ovo Áurico sobre ti.

CRISTIAN — O escolhido era o meu irmão morto.

FANTASMA — Cada um — para o que foi designado.

CRISTIAN — Que faria eu...?

FANTASMA — Ir à Ilha de Cristal, ao Castelo das Donzelas, encontrar Sofia⁴⁶.

⁴⁶ Para a teosofia de Jacob Boehme (1575-1624), a alma individual alcançaria a divindade através da mediação de Sophia (Sabedoria) – assimilada à figura de uma Virgem. Em tal cosmologia, o nascimento de Deus se dá como um “desejo primordial despertando no *Ungrund* (Abismo), para conhecer-se. Primeiro, é por meio da imaginação que o *Ungrund* evoca a imagem da Sabedoria (Sofia), como um espelho no qual pode contemplar-se; e, em seguida, ardendo do desejo de se unir com aquela imagem, ele toma posse dela e usa o potencial criativo da imaginação para dar-lhe forma concreta forma, assim, literalmente engendrando e dando à luz à ‘Natureza Eterna’ - a manifestação de Deus como um corpo de luz pleromático [plenitude divina de onde surgem todas os outros seres espirituais]. Desejo e imaginação estavam inextricavelmente ligados, e foram separados quando a unidade paradisíaca foi quebrada e desejo foi degenerado” (cf. HELMUT, Zander. *Imagination. Dictionary of Gnosis and Western Esotericism*. Leiden: Brill, 2005. p. 613. Trad. minha).

CRISTIAN — Minha noiva?

FANTASMA — Sofia, a Guardiã da Terra, a que pôs o Ovo do Mundo e continua virgem.

CRISTIAN — É assombroso.

FANTASMA — É missão mais delicada que caminhar sobre o fio da espada; mais luminosa que o rasgar de relâmpagos; mais tonitruante que o espocar de todos os trovões.

CRISTIAN — E... se não for cumprida?

FANTASMA — O Reino permanecerá devastado, o povo escravo, até que o Filho do Cavaleiro se compadeça dele.

CRISTIAN — O que seria preciso?

FANTASMA — Ser épico em bravura, magnífico em heroísmo, sublime em resignação.

CRISTIAN — Ir à Ilha e renascer Preste João... — É isto?

FANTASMA — Sim. Preste João, o mais alto defensor da humanidade, aquele que restaura a Paz entre os povos.

CRISTIAN — E tu exiges isto de mim? Não vês que sou apenas um adolescente?

FANTASMA — Cada um tem sua hora — a tua... chegou!

CRISTIAN — Mas eu não quero! — Quantas vezes já disse que não quero? — Fica certo — não quero ser nem santo nem herói! — Quero apenas viver! — Viver! (*Num soluço.*) — Quero ser livre!

FANTASMA — Nem os astros são livres. Pertencem a cadeias planetárias.

CRISTIAN — Sai da minha frente! — Tu me assustas! Me enches de pavor!

FANTASMA — Entretanto...

CRISTIAN — Anjo ou demônio — vai-te! — Eu te renego!

FANTASMA — Não podes renegar-me!

CRISTIAN — Não posso? — Quem és tu — para me ordenares?

FANTASMA — Teu Pai!⁴⁷

(*Cristian desmaia. O vulto some.*)

Quadro 29

MAGO (*ao ver Cristian largado na areia*) — Filho! A que te reduziram!

⁴⁷ Nesta cena, a aparição do Fantasma/Conde de Montserrat ao filho tem muitas ressonâncias hamletianas. Na peça de Shakespeare, o príncipe questiona (ao fantasma de seu pai assassinado) se ele veio do céu ou do inferno, tal qual engendrado no diálogo desta cena ramalhiana, mas com uma motivação bastante diversa. Já é clássica a leitura de um complexo de Édipo naquele enredo, enquanto mote para a ação cada vez mais tresloucada de Hamlet. Nesta peça, a aparição fantasmática irrompe para cobrar de Cristian que ele abandone a vida mundana para renascer como um novo Preste João, ou seja, como um avatar.

MERLIN (*toma-o nos braços*) — Cristian! Acorda! Somos nós!

MAGO — A emoção foi violenta. Vamos levá-lo à caverna do penhasco. (*Transportam o jovem. Deitam-no. O Mago retira do bolso um frasco.*) — Merlin, faça-o beber esta poção.

MERLIN — Toma... um gole só...

CRISTIAN (*mexe-se*) — Não... — Foi horrível... horrível...

MERLIN — Eu sei. Já passou. Agora estamos juntos. Bebe.

CRISTIAN — Tenho medo! Pavor! Sabem quem eu vi?

MAGO — Sabemos.

CRISTIAN — Da revelação?

MAGO — Sabemos de tudo.

CRISTIAN — Então afasta... afasta de mim este cálice⁴⁸!

MAGO — Nem o Maior de Todos afastou o seu... — Espera...

CRISTIAN — Esperar o quê? O sacrifício? A sentença? O holocausto?

MAGO — Se eu pudesse... — Mas, a decisão pertence a ciclos secretos. — Deves seguir o Caminho, a Rota...

⁴⁸ Explícita referência à fala de Jesus quando estava, em oração e súplica, no Jardim das Oliveiras, prestes a ser entregue em sacrifício, conforme se lê nos Evangelhos de Mateus e Lucas.

CRISTIAN (*encolhendo-se como uma criança*) — Mago, cuida de mim... Pede por mim... Ora por mim...

(*O Mago, enxugando as lágrimas, afasta-se, em oração.*)

MERLIN (*aproxima-se*) — Meu irmãozinho...

CRISTIAN — Fala, Merlin...

MERLIN — Falar... de quê?

CRISTIAN — De qualquer coisa... — O silêncio dói...

MERLIN — Falarei do mar...

CRISTIAN — O mar... também dói...

MERLIN — ... das torres de ouro... de cristal...

CRISTIAN — Mentiras...

MERLIN — E lá... vive Sofia.

CRISTIAN — Não a minha...

MERLIN — São uma só e eterna. Ela te aguarda.

CRISTIAN — Aguarda... onde?

MERLIN — No mar. No fim do mar...

CRISTIAN — No fim do mar... — Como ir? — Sem barco, sem vela... sem mapa... sem nada...

MERLIN — O Mago te guiará... Dorme. — Um dia... chegarás lá...

Quadro 30

MAGO — De agora em diante, não comerás nem beberás.
Será o jejum final.

CRISTIAN — Meus pobres sonhos...

MAGO — Os pés não devem desejar ser olhos. Cada qual
para o que foi designado.

CRISTIAN — Mago, eu pequei contra a castidade.

MAGO — Na carne?

CRISTIAN — Não: no pensamento.

MAGO — Nem o Irmão Maior esteve livre de tentações...

CRISTIAN — O que acontecerá... se eu falhar... no com-
promisso?

MAGO — Se falhares... se fugires a ele... em alguma parte
do mundo, onde deverias nascer — sobreviverá o
caos!

CRISTIAN — O caos? — De que modo?

MAGO — Um turbilhão de raios e trovões fulminará a
terra e os viventes. — A terra estronda e se dilacera...

CRISTIAN — E a alma do povo... se salva?

MAGO — O povo? — Manchado pelas culpas, sem ter
quem os redima, será engolido pelos abismos cava-
dos a seus pés... e carregado por espíritos lucíferos!

CRISTIAN — E eu... somente eu?

MAGO — Há milênios vens sendo preparado. Renascido, terás a plenitude de dons necessária. E juraste cumprir a missão!

CRISTIAN — Jurei... a quem?

MAGO — Ao Guardião Supremo de tua Raça-Raiz! — Prepara-te. À noite teremos a derradeira cerimônia.

CRISTIAN — Mago... eu...

MAGO — Cala-te. Rejeitar a própria cruz é torná-la mais pesada! Fala ao Pai! — Entrega-te ao Divino!

QUADRO 31

Praia deserta. Cristian só.

CRISTIAN — Praia deserta — Solidão Divina!
 O Divino me busca e d'Ele fujo...
 Travestido de herói... — sou um covarde!
 Ai — não quero morrer tão novo ainda...
 Vida! — Eu te quero, te amo, te desejo...
 Por que — banido — tenho que deixar-te?
 Se como Anjo ou Peixe ou Estrela ou Homem
 de qualquer modo — poderei servir-Te?

— Vem um vulto nas areias,
 cântaro à cabeça — Mulher!
 — Samaritana? Sofia?
 — Dá-me água — tenho febre!
 — Dá-me água — tenho sede!

- Sete vezes renegado,
sete vezes esquecido.
— Dá-me água! Dá-me água!
— MAYA! — Ilusão!
— Estou perdido!

(Olha a vastidão em busca de algo.)

- Mas outro vem... outro passa ...
— Me agasalha! — estou gelado...
e viajo desde séculos.
— Infante sou... já cansado!

(Fixa, além.)

- Será Mulher? Será Anjo?
Ou a Morte que chegou?
— MAYA outra vez...
— sombra errante...
Surgiu... deslizou...
— passou...

*Anoitece. Brilho de estrelas.
Cristian ajoelha no imenso areal.*

Quadro 32

(O grupo se posta em redor de Cristian, conduzindo apetrechos. Este, ajoelhado e cabisbaixo, aguarda.)

FRATER (*solene*) — Aspirante! Chegou o momento de tua iniciação!

MAGO — Viajarás!

FRATER — Transposto o Umbral — entrarás num outro Mundo.

MAGO — Nova Vida terás.

FRATER — Transformado em AVATAR — teu trabalho é fecundo.

MAGO — Novo HOMEM serás.

FRATER (*a Merlin*) — Troca-lhe as vestes seculares pela Túnica de Neófito. Coloca-lhe o Cordão... o Amuleto... a Cruz no peito...

(Cristian, de pé, recebe as condecorações.)

MAGO — Acende a Tocha da Viagem.

*(Batidas triste de tambor, graves, lentas.
Matraca.)*

FRATER (*braços abertos, enquanto os outros, cabeças pendidas, assistem à cerimônia.*)

— Antes que o tambor se cale
e a matraca comece a regougar
sozinho partirás — de encontro à Vaga
que vem do Fundo Abismo te buscar!

MAGO — N'água — de Lodo e Sal amortalhado,
 não homem — porém PEIXE hás de ser!
 No ventre de Sofia — fecundado
 um novo PRESTE JOÃO — hás de nascer⁴⁹!

(Cristian ajoelha e abaixa a cabeça.)

FRATER — Aceitas as provas para renasceres Salvador?

CRISTIAN (*num fio de voz*) — Aceito.

FRATER — Renuncias ao nome e à vida de hoje?

CRISTIAN — Sim.

FRATER (*aspergindo-o*) — Em nome do INVIOLOADO
 — Estás Ungido e Sacramentado!

TODOS — AMÉM!

Quadro 33

Cristian só, iluminado pela tocha.

⁴⁹ As inúmeras referências a Jesus Cristo, até aqui, parecem apontar para os sentidos astrológicos e esotéricos que marcam a transição da Era de Peixes (que teve, justamente, aquele avatar) para a Era de Aquário. Como é sabido, o *peixe* é um símbolo do cristianismo e é ele que repousa amortalhado no fundo do mar, apontando para o seu próprio renascimento, através do ventre de Sofia, de onde o avatar da nova era brotará – ou seja, um novo Preste João, capaz de, agora, reconduzir as novas aventuras de conquista para além do mundo físico e material.

CRISTIAN — A Solidão Final!

— O silêncio do Abismo
suspense no ar vazio...
— Além... constelações...
— Orion... Ursa Maior...
pingos de luz de astros
num poente azul e roxo...
— O Mar... tornado breu!

— Onde a Torre, o Farol,
fulgor e claridade?
Dentro da arcaica noite...
— Onde o Caminho?
— O Caminho, meu Deus!
— Perdido neste Mar?
— O Mar que eu tanto amei
e desejei conhecer?

— Onde a Ilha de Sonho,
sumidouro do Tempo,
Magia e Poesia...
— Como hei de encontrar?
Caminho, Ilha, Sofia...
— Só o Mar... só o Mar...

— Passa o tempo
— a maré cresce
e a Vaga vem me buscar,
Vaga escura, de carvão,
fria, fria — a me abraçar!

— Eu sei que viajo há séculos,
cansado — quero parar...

— Neste mar de escuridão
eu não posso me afogar!

— E por que tenho que ir,
ir — se tenho que voltar?

— O mar cresceu, subiu tanto
juntou-se ao céu — tudo é mar!

— Não é Vermelho — é Negro,
Nem se abre pra eu passar!

— É um Dilúvio — e eu sem Arca
nem Noé — pra me abrigar!

— Onde está a mão amiga
pra minha mão segurar?

.....

— SOFIA! Corre, Sofia!

Vem teu Infante salvar!

.....

— Deus do Mundo! Deus dos Homens!

Eu não quero soçobrar!

.....

— DEUS! — SOFIA! — Afogo, morro
na água gelada do Mar!

.....

— SOFIA!

.....

— SO FI A!!!

.....

— SO... FIIIII... AAAAA!!!...

Canto final

— *Praias tristes... areais...
canto soturno do mar.
Ó vento, que segredais
que não consigo escutar?*

— *Mar dançarino — aonde vais?
Aonde vais me levar?
Em algum ignoto cais
irei um dia aportar?*

— *Longo pranto, doce estória,
breve, fugaz — raro instante,
ida, regresso — até quando
este viver sempre errante?*

— *Estar em alguma parte
e em parte alguma ficar...
— Morrer em busca de sonho
e renascer... para sonhar!*

sobre a dramaturga

MARIA DE LOURDES NUNES RAMALHO nasceu a 23 de agosto de 1920, em Ouro Branco, distrito pertencente ao município de Jardim do Seridó, no Rio Grande do Norte. Desde muito jovem, começou a atuar no educandário de sua mãe, a também professora Anna Brito, e foi esta atuação profissional que lhe garantiu autonomia intelectual. Em fins da década de 1950, fixou residência na cidade de Campina Grande (Paraíba), onde seus empreendimentos culturais e educacionais ganharam organicidade com a criação de grupos cênicos formalmente estruturados e a montagem de espetáculos, a princípio no âmbito escolar, muitos deles baseados em textos de sua autoria; depois, mediante a atividade de grupos vinculados a instituições por ela dirigidas, como a SOBREART, a FACMA – Fundação Artístico-Cultural Manuel Bandeira e o Centro Cultural Paschoal Carlos Magno.

Seu momento decisivo enquanto dramaturga, todavia, só ocorreu em 1974, quando a sua peça *Fogo-fátuo*, estreou e foi apresentada em um Festival Nacional de Teatro. Também foi esta oportunidade que lhe permitiu conhecer Paschoal Carlos Magno, importante nome do

teatro nacional, com quem desenvolveu forte relação de amizade, de trocas culturais e intelectuais, incluindo o despertar da consciência voltada ao seu fazer autoral, o que aflorou na preocupação com a sistematização e publicação de seus textos.

Daí por diante, a cada ano, Lourdes Ramalho estreou um ou mais textos (da quase uma centena de peças que nos legou), levados ao palco do Teatro Municipal de Campina Grande-PB, dos quais se destacam *As velhas e A feira*, nos anos de 1970, *Guiomar sem rir sem chorar*, nos anos de 1980, e os seus espetáculos em versos de cordel, que cruzaram o oceano e se destacaram em palcos da Península Ibérica, como *Romance do Conquistador* e *O trovador encantado*. Essas peças também se cruzam com a vida afetiva e doméstica de onde brotam uma miríade de textos destinados às crianças, como *Maria Roupa de Palha*, *Anjos de Caramelada* e *O Pássaro Real*.

Incansável, produziu até quase os seus últimos dias de vida, quando vinha se dedicando com afinco à pesquisa genealógica e à investigação em torno das origens ibéricas e judaicas do Nordeste brasileiro, representado em suas peças seja como espaço de pertença cultural, expresso na língua falada nos palcos e nos costumes e modos de vida, seja como lócus dos encontros simbólicos entre um passado lusitano e um presente sertanejo.

Ao se despedir de sua casa, aos sete dias de setembro de 2019, a mãe, avó, professora e poeta fechava um ciclo de imensa dedicação à educação e às artes, agraciado com muitos prêmios e com o reconhecimento dos palcos e dos diretores e artistas de teatro de sua terra. Referência cultural consolidada, foi o seu nome que batizou a Escola

Municipal Escritora Lourdes Ramalho, no conjunto habitacional Aluizio Campos, em Campina Grande, com capacidade para atender a 1.100 alunos, como parte das homenagens que abriram o ano de 2020, quando se celebrou o seu centenário de nascimento, depois encerrado com a outorga, pela Universidade Estadual da Paraíba, do título de Doutora *Honoris Causa* em franco reconhecimento de sua história na vida e na arte.

sobre o organizador

DIÓGENES ANDRÉ VIEIRA MACIEL é professor da Universidade Estadual da Paraíba e foi formado pela Universidade Federal da Paraíba, onde concluiu seu doutoramento, em 2003. Desde então, tem se dedicado a orientar pesquisas sobre dramaturgia brasileira, intermidiaticidade, além, óbvio, de investigações sobre a historiografia da dramaturgia/teatro no Nordeste.

Sua relação com a obra ramalhiana se confunde com a sua própria história enquanto público de teatro e enquanto pesquisador das culturas das vozes e das histórias não contadas – da literatura, em geral, e da dramaturgia, em particular. Atualmente, tem se dedicado a organizar os arquivos pessoais de Lourdes Ramalho e a, concomitantemente, apresentar ao público-leitor textos ainda ali guardados e que nunca foram publicados ou encenados.

É autor do e-book, *Lourdes Ramalho em cena: modernidade teatral, dramaturgia e regionalidade* (EDUEPB, 2019).

bibliografia mínima

(para entender a obra de Lourdes Ramalho)

ANDRADE, Valéria. Lourdes Ramalho e o ofício de escrever-pensar teatro. In: GOMES, André Luís; MACIEL, D. A. V. (Orgs.). *Penso teatro: dramaturgia, crítica e encenação*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012. p. 220-238.

ANDRADE, Valéria. Lourdes Ramalho: viver e fazer viver a vida e o teatro. In: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *A feira; O trovador encantado*. Campina Grande; A Coruña: EDUEPB; Univ. da Coruña, 2011, p. 29-51.

CORREIO das Artes. Suplemento literário do Jornal *A União*. *Especial Lourdes Ramalho, 100 anos*. João Pessoa, ano LXXI, n. 6, agosto de 2020. [Disponível online, em formato digital]

- LEMAIRE, Ria. Como “escreve” Lourdes Nunes Ramalho? Viver e fazer viver dois mundos. In: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *A feira; O trovador encantado*. Campina Grande; A Coruña: EDUEPB; Univ. da Coruña, 2011, p. 53-81.
- MACIEL, Diógenes A. V. A dramaturgia de Lourdes Ramalho como expressão da modernidade teatral brasileira. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 26, n.1, p.23-42. 2017.
- MÖLLER-ZEIDLER, Sabine. Regionalismo e universalismo: o teatro de Lourdes Ramalho. *Investigações – Linguística e Teoria Literária*, Recife, v. 3, p. 197-205, dez. 1993.
- MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho. Festas e diabruras em Gil Vicente e Lourdes Ramalho. *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, a. 3, n. 3, 2007.
- RAMALHO, Lourdes. O ibérico na dramaturgia do Nordeste. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005. p. 49-54.
- SILVA, Vanuza Souza. *O teatro de Lourdes Ramalho e a invenção da autoria nordestina*. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2005.

As ilustrações utilizadas neste volume estão em domínio público e são de autoria do artista inglês William Thomas Horton (1864-1919).

MARIA DE LOURDES NUNES RAMALHO, em sua dramaturgia, denuncia o coronelismo, a opressão de gênero e de classe, como também documenta costumes e tradições herdadas dos seus ancestrais e para o Nordeste trazidas na bagagem ibérica-sefardita. Os dois textos aqui publicados (O ARCO-ÍRIS e O REINO DE PRESTE JOÃO), contudo, seguem outra vertente temática (não menos aguda em sua abordagem) de forte acento esotérico e místico.

LEI ALDIR BLANC
NA PARAÍBA

SECULT
Secretaria da Cultura do
Estado da Paraíba


CAMPINA
GRANDE

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

 PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

ISBN 978-65-87171-15-9



9 786587 171159